Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

(VOLUME XXXV)

# VIDA

DE

# D. Paulo de Lima Pereira

POR

**Diogo do Couto**

(com uma descripção que de novo deixou feita o mesmo author desde a Terra dos Fumos até o Cabo das Correntes)

*ESCRIPTORIO*
147=Rua dos Retrozeiros=147
LISBOA

1903

BIBLIOTHECA

DE

# CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador

*MELLO D'AZEVEDO*

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

(VOLUME XXXV)

# VIDA
DE
# D. Paulo de Lima Pereira

POR

**Diogo do Couto**

(com uma descripção que de novo deixou feita o mesmo author desde a Terra dos Fumos até o Cabo das Correntes)

*ESCRIPTORIO*
147=Rua dos Retrozeiros=147
LISBOA

1903

# EXPLICAÇÃO PREVIA



## Biographia do author por D. Barbosa Machado

A — Vida de D. Paulo de Lima Pereira — por Diogo do Couto foi impressa em 1765; como outras obras do illustre escriptor conservou-se inedita por muito tempo; e ha ainda uma que merecia bem ser impressa, o — *Tratado de todas as cousas succedidas ao valeroso capitão D. Vasco da Gama* —.

Esta *vida* de D. Paulo de Lima, o Hercules português, é interessante; importa á historia da India e do extremo Oriente; e o autor amenisou a narrativa com observações e episodios pittorescos.

Logo nas primeiras paginas elle nos refere uma costumeira de Lisboa bem curiosa: os pescadores devotos de S. Pedro Gonçalves, no dia da sua festa, levavam a imagem do Santo ás hortas de Xabregas, em grande folguedo, com bailes e tangeres, e voltavam coroados de coentros verdes; superstição gentilica, ou cousa parecida, que o arcebispo mandou prohibir.

Esta devoção a S. Pedro Gonçalves ainda em muitos pontos da costa maritima se mantem. A egreja catholica combateu sempre as manifestações de cultos pagãos, de tal força todavia que muitos vestigios teem resistido aos decretos dos concilios.

Observações notaveis a respeito dos fogos ou luzes chamadas de Sant'Elmo ou São Telmo, descripções das danças dos pagodes indiaticos, do vestuario dos

grandes rajahs, surjem em linguagem pittoresca, a par da dramatica narrativa das aventuras amorosas e do casamento do capitão português em Ormuz.

O naufragio, tragedia enorme, apparece-nos em paginas pungentes.

O que elle diz a respeito do grande descuido que havia nas náos, é confirmado por outros escriptores: — todas estas náos andam a Deus misericordia — ; ás vezes máos navios eram extremamente carregados de mercadorias, e cheios de gente; e de ahi os tremendos naufragios.

Vem a descripção da Terra dos fumos, e o martyrio dos pobres naufragos; por final a lendaria figura de D. Beatriz, viajando com os ossos de D. Paulo de Lima, seu marido, em um sacco, até os collocar numa capella de S. Francisco, em Gôa

Diogo Barbosa Machado na sua Bibliotheca Lusitana dá-nos noticia veridica de Diogo do Couto, o illustre escriptor português. Não deve passar despercebida a circumstancia de ter Diogo do Couto feito estudos superiores em S. Domingos de Bemfica, seguindo o curso em que era professor... fr. Bartholomeu dos Martyres! mestre na sciencia e na virtude.

A'quelle sitio encantador de S. Domingos de Bemfica estão ligados nomes de escriptores portuguêses da maior grandeza, alli escreveu e jaz, fr. Luiz de Sousa; por alli passeou nos ultimos dias luminosos da sua vida, tão tristemente terminada, Camillo Castello Branco.

*G. Pereira.*

# Diogo do Couto

Nasceu em Lisboa em o anno de 1542, sendo baptisado na parochia de Santa Justa, onde teve por paes a Gaspar do Couto, e a Isabel Serrãa de Calvos. Desde os primeiros annos se lhe anticipou de tal sorte a maduresa do juizo á verdura da idade, que quando contava dez entrou em o serviço do Serenissimo Infante D. Luiz, que conhecendo a boa indole, que tinha para as Letras, o mandou estudar em o Collegio dos Padres Jesuitas a Lingua Latina, e Rethorica, de que foram seus Mestres os Padres Manoel Alvares, e Cypriano Soares, insignes Professores destas Faculdades, em as quaes sahio egregiamente instruido. Vendo o Infante o progresso, que o seu engenho fizera nas Letras amenas, resolveo que cultivasse as severas, mandando-o com seu filho o Senhor D. Antonio ouvir Filosofia em o Convento de Bemfica do celebre Varão Fr. Bartholomeu dos Martyres, que igualmente com a sua doutrina lhe illustrou o entendimento para penetrar as Sciencias, e lhe inflamou a vontade para seguir as virtudes. Ao tempo que acabava o curso da Filosofia acabou o da vida o Infante D. Luiz, e considerando desvanecidas as esperanças, que tinha fundado em tão Augusto Mecenas, se deliberou a preferir o exercicio das Armas ao das Letras, para o qual o inclinava natural-

mente o seu genio, elegendo para theatro de seus marciaes espiritos ao Oriente, famosa palestra em que tantos Heroes Portuguezes tinham dado illustres argumentos de valor heroico. Partio para a India em o anno de 1556, onde militou pelo espaço de dez annos com tanta distinção, que mereceo a honrada inveja dos soldados mais veteranos do Estado, não havendo facção alguma gloriosa, em que não tivesse parte a sua espada, até que voltou para o Reino procurar o premio dos seus serviços, dos quaes recebendo a merecida remuneração se restituio a Gôa. Tanto que se vio na vida pacifica de Cidadão para não passar o tempo em torpe ocio começou a renovar os seus primeiros estudos, que interrompera o tumulto das Armas, compondo varios Poemas, assim na Lingua Latina, e Italiana, em que foi eminente, como em a materna, e comentando os Lusiadas do insigne Luiz de Camões, com quem teve particular amisade, consultando-o como Oraculo, que só podia ser de si mesmo, em algumas dificuldades do seu Poema. Logo que foi jurado Filippe Prudente Principe desta Monarchia, um dos mais nobres pensamentos que teve foi que se proseguisse a Historia da India desde o tempo em que a deixou escrita o Livio Portuguez João de Barros. Era tão grande a fama do talento de Diogo do Couto, que assistindo tão distante da presença del-Rei o julgou digno de empreza tão illustre, a qual lhe commetteo com o titulo de Chronista mór da India. Aceitou promptamente esta laboriosa incumbencia a que deu principio pela Decima Decada, em obsequio do mesmo Principe ser jurado naquelle Estado em o dia em que começava aquella obra, que concluio com o Governo de Manoel de Sousa. Agradeceu este principe com particulares honras o primeiro fructo da sua applicação, e lhe insinuou por

carta, que voltando com a narração da Historia onde ficara interrupta por morte de João de Barros a continuasse com o estilo e exacção com que compuzera a Decima Decada, o que promptamente executou escrevendo a Quarta, Quinta, Sexta, Setima, Undecima, e Duodecima. A oitava e nona, que acabara no anno de 1614, ao tempo que as mandava para o Reino, enfermou tão gravemente que esteve deplorado, por cuja causa desapareceram, porém restituido á saude das especies que conservava na memoria, que era felicissima, reduzio a um volume o que tinha escrito em dois, os successos mais dignos de memoria acontecidos naquelle tempo. O estilo que observou nesta grande obra ainda que sincero, é muito judicioso, censurando com liberdade as acções reprehensiveis, e referindo com summa verdade e exacta Geografia os costumes daquelles povos, e a situação das terras como quem a aprendeo mais com os olhos, que com os livros. Como tivesse desempenhado com tanto credito do seu nome o lugar de Chronista mór foi nomeado Guarda mór da Torre do Tombo do Estado da India, quando Filippe Prudente mandou ordenar este Archivo pelo Vice-Rei Mathias de Albuquerque, em cujo ministerio não applicou menor diligencia que no primeiro, recolhendo todos os Contratos de Pazes, Provisões, Registos da Chancellaria e outros papeis importantes do governo do Estado, que andavam dispersos. Foi excellente no estilo Oratorio, sendo sempre eleito para recitar as Praticas com que a Cidade de Gôa, cabeça do Imperio Oriental recebia aos seus Vice-Reis e Governadores, onde muitas vezes os vaticinios, com que augurava a felicidade das suas acções infallivelmente se cumpriam. Foi cazado com D. Luiza de Mello descendente de nobre familia, de quem teve uma unica filha que morreo donzella dêi-

xando eternizada a sua posteridade em mais illustres partos, como são os produzidos pelo entendimento, e não pela natureza. Teve a estatura mediana, a presença veneravel, os olhos vivos, o nariz aquilino. A madureza do juizo, e a prudencia do talento o fez capaz de que sempre fosse consultado pelos Vice-Reis em materias muito graves, seguindo sempre o seu voto como regulado mais por dictames Catholicos, que politicos. Foi inimigo declarado do interesse, querendo ser mais abundante de merecimentos, que de riquezas. Morreu em Gôa em um sabbado 10 de Dezembro de 1616, quando contava 74 annos de idade.

*D. Barbosa Machado.*

# D. PAULO DE LIMA

## SONETO

Despois que levantaste na Indiana
Plaga tropheus dignos de Mavorte,
Tornando em fogo, em sangue, em pasmo, em morte
A soberba implacavel de Ujantana.

Sepulcro horrendo foi Thetis insana
Da Imagem tua, e luz da fiel Consorte,
E logo o foi de ti (misera sorte!)
Pouca arêa de margem africana.

Se algum clima te esconde porventura,
Asia o faz; em virtude da Heroina,
Que soube amar despois da sepultura.

A teu fim mar, e terra se destina:
Fazer cahir não pode a Sorte dura
Em espaço menor tanta ruina.

*Manuel de Faria e Sousa.*

## Censura do M. R. Diogo Barbosa Machado, Abbade de Sever, Academico e Censor da Academia Real e da Liturgica, etc., etc.

ESTA Historia é duplicadamente acrédora de se immortalizar nos fastos da posteridade pelo beneficio da luz publica, não sómente por ser glorioso assumpto d'ella o invencivel D. Paulo de Lima Pereira, como por ser seu Author o grande Diogo do Couto, devendo Portugal á espada de um, como á penna do outro agradecidas memorias e eternos elogios. Não pedia menor Curcio aquelle Alexandre, que superior ao Macedonico, teve como elle por theatro das suas façanhas o Oriente, onde lhe sepultou toda a gloria, que com profundo silencio adorou o Mundo. Desde a primeira idade aspirou a coroar-se com victorias e triunfos, e estimulado de tão generosos espiritos representou a seu Pae, que na lição das Chronicas Portuguezas e Historia da India Oriental achara que seus Avós tinham obrado espantosas façanhas em obsequio da Patria, e lhe parecia degenerar de seu filho em os não imitar, e sendo certo que tinha braço para empunhar a espada, brio para defender a honra, e espiritos para conservar o claro nome dos *Limas*, de que eram eternos pregoeiros os Fastos Orientaes. Conhecendo o Pae que nelle tinha gerado um Heróe, promptamente deferio a tão honrada supplica. Partio para o Oriente, onde seguindo os bellicosos vestigios d'aquelles animados raios de Marte, os Cunhas, Albuquerques, e Castros, em breve tempo lhes podia servir de exemplar. Não dependia do tempo a celerida-

de com que se coroou victorioso, já na redução das fortalezas de Onor e Barcellor; já nas duplicadas victorias dos Malabares em Dabul e Mangalor; já no triunfo dos Reis de Collé e Sarcetas na fortaleza de Assari; sendo a ultima corôa dos seus bellicos trabalhos a conquista da cidade de Jor presidiada de oito mil soldados, e soccorrida por tres Principes, authorisadas testemunhas do seu heroico valor, que mereceu ser publicado pelas bocas de mais de mil peças de artilharia de bronze, que foram parte do despojo. Voltando para a Patria a receber o premio a tão altos merecimentos, conjurada a fortuna adversa contra elle, permittio que naufragante finalizasse a vida na costa da Cafraria, digna de fim mais glorioso, quando contava cincoenta e um annos de idade, e muitos seculos de gloria. Para eterno monumento de Varão tão eminente publique-se esta Historia, em que se relatam as suas heroicas proezas, principalmente quando não contém clausula alguma que offenda a pureza da Fé e a observancia dos bons costumes. Este é o meu parecer, que será judicioso se merecer o beneplacito de V. Excellencia. Lisboa, 1 de Agosto de 1765.

*Diogo Barbosa Machado*

# VIDA

DE

# D. PAULO DE LIMA PEREIRA

## CAPITULO I

*Quem era D. Paulo de Lima Pereira e das partes e qualidades que tinha, e em que anno se embarcou para a India*

ESCREVEREI brevemente de um fidalgo, soldado e capitão, que neste estado da India militou muitos annos, no qual encontrou sempre grandes e famosas victorias, pelas quaes lhe pudéra eu pôr algum sobrenome grande; mas contento-me de lhe dar o de venturoso Capitão, que é o mais alevantado, e o que os romãos sobre todos estimavam; porque não buscavam para consules e dictadores senão os que tinham este dom da natureza. Direi sua vida toda e sua morte; porque emfim veio acabar em uma piedosa tragedia, que se porá aos olhos de todos para se recearem dos revezes da fortuna e escarneos do mundo, porque não sei quem sahisse de suas mãos livre d'elles. Este capitão, seja D. Paulo de Lima Pereira, a quem a natureza deu as partes que logo direi, e assim como

o mundo lhe metteu nas mãos occasiões de grandes honras, de que se elle soube aproveitar com grande valor, assim lhe deu outras de grandes desgostos, trabalhos, perseguições, e por fim morte muito para lastimar.

Nasceu este fidalgo a cinco de dezembro de mil e quinhentos e trinta e oito. Foi filho natural de D. Antonio de Lima, alcaide mór de Guimarães, e de Anna de Souza, uma mulher muito nobre, e com quem elle desejou casar, por fazer legitimo um filho tão honrado, tanto que começou a mostrar que merecia bem ser filho de tão illustre pae: mas deixou de o fazer por uma certa occasião, e depois casou com D. Maria de Vilhena, filha de Christovão de Mello, e de D. Anna da Silva, da qual houve D. Anna de Lima Pereira, que hoje é casada com D. Antonio de Ataide, neto de outro D. Antonio de Ataide, primeiro conde da Castanheira, o grande privado d'El-Rei D. João o III.

Criou-se D. Paulo de Lima em casa de seu pae, como seu filho, e como teve idade começou a aprender as primeiras letras, e veio a ser tão bom latino, que podia julgar d'entre estilos, e estilo. E porque, como dizem, as letras não embotam a lança, aprendeu juntamente as armas, em que sahiu bem exercitado. Era este fidalgo dotado de muitas partes da natureza, muito gentilhomem, e bem disposto, avisado, de muito bom conselho depois de ter discurso da guerra, e tão animoso, que nunca se lhe enxergou medo algum, achando-se em muitos trances onde outros muitos, em que nunca se descobrio, o mostraram bem.

Sendo de dezoito annos de idade o negociou seu pae para passar á India a servir El-Rei, e se embarcou na armada de que veio por capitão mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do Arcebispo de

Lisboa D. Fernando de Menezes, na sua propria náo chamada *Santa Maria da Barca*, na qual se embarcaram muitos fidalgos, e dos que me lembra são os seguintes: Luiz de Mello da Silva, o que se perdeu no Marinho, filho de Ruy de Mello, o velho, com quem este D. Paulo tinha algum parentesco, e emquanto foi soldado se agazalhou com elle: D. Pedro de Almeida, que trazia a capitania de Baçaim, que serviu, e depois a de Damão; D. Felipe de Menezes, irmão de D. João Tello de Menezes, um dos governadores que foram do reino por morte do cardeal D. Henrique: Nuno de Mendonça, Henrique de Mendonça seu irmão, Hieronymo Corrêa Baharem, Henrique Moniz Barreto, filho de um irmão de Antonio Moniz Barreto, que foi general da India, e outros fidalgos.

Esta náo estando no rio abriu uma grossa agua, de que chegou a ter quatorze palmos, e desconfiados de se lhe poder tomar, se fizeram as outras náos de sua companhia á véla, as quaes eram quatro: *Santo Antonio*, capitão Cid de Souza, da *Assumpção*, Braz da Silva, da *Framenga* Antonio Mendes de Castro, e da *Aguia* João Rodrigues Salema de Carvalho; e d'estas, Assumpção e Santo Antonio chegaram a Gôa, e as outras duas uma ficou invernando em Moçambique, e outra em Milinde. Este anno se houve por assignalado, assim pela morte do nosso bom Rei D. João o III, que falleceu depois da partida das náos em onze de Junho, dia de S. Barnabé, em idade de cincoenta e cinco annos, tendo reinado trinta e cinco, como pela morte do Imperador Carlos V, de gloriosa memoria, que falleceu em Outubro seguinte em idade de cincoenta e oito annos e sete mezes; e assim quasi em um mesmo tempo se eclipsaram ao mundo estas duas luminarias que o allumiavam.

## CAPITULO II

*Do que aconteceu a esta náo Santa Maria da Barca na viagem até chegar a Gôa*

Partidas as outras náos de Lisboa, como disse, ficou a capitania no rio, e para lhe tomarem a agoa se despejou e revolveu toda, para verem se lhe achavam por onde a fazia. Na gente do mar da cidade de Lisboa, assim a que acostumava a vêr a India, como os pescadores de Alfama, começou a haver grandes borboinhas, e affirmavam que Deus queria castigar o capitão mór, por o Arcebispo seu pae lhe ter aquelle mesmo anno defezo aquellas grandes e antigas festas que faziam a S. Fr. Pedro Gonçalves em seu dia, em cuja vespera acostumavam os pescadores todos vestirem-se de melhores roupas que tinham, com muitas cadêas d'ouro, muitos tangeres e bailes, e cargo de fogaças, levavam o Santo ás hortas de Xabregas, onde passavam aquella tarde em grandes folguedos, e se recolhiam todos coroados de coentros verdes, e cingidos com muitas capellas, e assim ao mesmo Santo, e o tornavam á egreja. E por parecer isto superstição gentilica, a mandou o Arcebispo defender, do que os pescadores andavam pasmados; e succedendo o caso de fazer agoa a náo de seu filho D. Luiz, diziam publicamente que fôra castigo de Deos, que por intercessão do Santo lhe viera por lhe vedar suas antigas ceremonias.

E porque me não lembro vêr escripto esta veneração que tem a este Santo, e de como tem quasi por fé que algumas exhalações que apparecem nas náos em tempos tormentozos, que é o mesmo Santo que naquelles trabalhos os vem vizitar e consolar, direi

aqui alguma couza d'isto. E assim tanto que acertam de vêr aquellas exhalações, que parecem lumes pequenos, acodem todos com grandes festas e gritas ao salvar, e em vozes altas o acclamam todos, dizendo: *Salva, salva, ó Corpo Santo;* e affirmam que quando lhe apparece nas partes altas, e duas, tres, ou mais d'aquellas exhalações, que é signal que lhe dá de bonança; mas se apparece uma só, e pelas partes baixas, que denuncia naufragio. E tão crentes e firmes estão nisto, que quando aquellas exhalações apparecem sobre os mastaréos, sobem os marinheiros acima, e affirmam que acham pingos de cera verde. Mas elles os não trazem, nem os mostram; ao menos nós os não vimos nunca, passando algumas vezes esta carreira. E se os religiosos, que vem na náo, lhe querem ir á mão, e a dar razões para lhes mostrar que aquillo são exhalações, dando-lhes as causas naturaes por que se geram, não lhes falta mais que tomarem as armas e alevantarem-se contra quem lhe contradisser aquella sua fé, que por tal a tem. A festa d'este Santo se faz e celebra nas Oitavas da Pascoa, e aquelle dia é o de maior triunfo de todos os pescadores, que todos os do mundo, e em que elles fazem mores gastos e despezas, que em todos.

Esta pequena luz, que estes mariantes portuguêses veneram em nome do Santo Fr. Pedro Gonçalves, e os estrangeiros uo de S. Telmo, é tão antiga sua veneração, que já em tempo dos gregos se celebrava. Porque segundo muitos autores seus contam, quando aquelles famosos Argonautas iam na demanda do Velocino de ouro, em uma grande tormenta que tiveram no mar appareceu aquella luz sobre a cabeça de Castor e Poluz, e que logo lhe cessára aquella tormenta, o que movem aos homens a terem estes dois irmãos em tanta veneração, que os contaram no numero dos

deuses. E assim Plinio no segundo livro da Natural Historia, fallando d'esta luz, effirma que se vira muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados em os exercitos, e que o mesmo apparecia em as náos, e lhe chamavam *Stella Castoris*, porque appareceu sobre a cabeça de Castor, como acima dissemos. E tornando aos nossos mariantes, quando viram que só a náo do filho do Arcebispo deixára de fazer viagem, creram que o Santo se quizera satisfazer nisso da offensa que o Arcebispo lhe fizera, em lhe defender suas tão antigas festas, e assim o affirmaram ao mesmo Arcebispo; o qual vendo tamanha fé e devoção, movido d'aquelle zêlo lh'a tornou a conceder.

Depois que se achou a agoa, porque nas voltas que lhe deram foi um marinheiro dar com um furo de um prego na quilha, que estava destapado; porque por descuido deixaram os calafates de lhe pôr prego, e quando a brearam se tapou o buraco, e por ali fazia aquella agoa. E permittiu Deos Nosso Senhor, porque aquella náo se não perdesse á ida, fizesse no porto aquella agoa; porque se fôra no mar, nenhum remedio tinha. Em fim a agoa foi tomada com grande alvoroço, e tornou a carregar; porque disseram os officiaes que ainda tinha tempo, e que quando não pudesse passar á India, ficaria invernando em Moçambique; e assim deu á véla a dois dias do mez de Maio, e foram seguindo sua dorrota, e na costa de Guiné acharam tantas calmarias, que os deteve setenta dias, e tomando parecer sobre o que fariam, assentaram que fossem a invernar ao Brazil, porque era muito tarde; e logo se fizeram na volta da Bahia de Todos os Santos, aonde chegaram a quatorze de Agosto, vespera de Nossa Senhora.

D. Duarte da Costa, que ali estava por governador, foi logo desembarcar o capitão mór e os fidalgos que

iam na náo, que eram: Luiz de Mello da Silva, D. Pedro de Almeida, despachado com a capitanía de Bassar, D. Felipe de Menezes, irmão de D. João Tello, um dos governadores do reino, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendonça e Henrique de Mendonça seu irmão, Hieronymo Corrêa Baharem, Henrique Moniz Barreto e outros fidalgos, que agazalhou, hanqueteou, e deu pouzadas á sua vontade, e o mesmo fez a toda a mais gente da náo, a que deu mantimentos emquanto ali esteve. Como chegou a monção de partirem para a India deram á véla providos de tudo bastantemente, porque o governador D. Duarte da Costa deu a tudo ordem; e seguindo sua derrota foram tomar Moçambique, aonde os achou D. Constantino de Bragança, que tinha partido do reino por Viso-Rei em Março de mil e quinhentos e cincoenta e oito, e em sua companhia foram tomar Gôa na entrada de Setembro, e nesta cidade se agazalhou D. Paulo de Lima com Luiz de Mello da Silva, que lhe era muito affeiçoado por suas partes e brio.

## CAPITULO III

*Embarca-se D. Paulo de Lima para o Malabar com Luiz de Mello da Silva, e acha-se na destruição da cidade Magalor*

ESTANDO assim este fidalgo em Gôa, chegaram novas ao Viso-Rei que nos mouros de Cananor havia movimentos contra a nossa fortaleza, e que se armavam muitos parós para sahirem a roubar. Ao que o Viso-Rei acudio com despedir em Outubro Luiz de Mello da Silva por capitão mór de nove navios, e

para lá ajuntar a si cinco, com que tinha partido diante Ruy de Mello, homem fidalgo, casado em Cananor; e de uns e outros eram capitães Gonçalo Sanches, Belchior Godinho, Diogo Barbacho, Pedralves, um Fuão Pimentel, Sebastião Gonçalves, Alvaro Dias, Domingos de Coimbra, Antonio Mouro, João Luiz, Diogo Lourenço, e o capitão mór Luis de Mello da Silva em uma escusa galé, com o qual se embarcou D. Paulo de Lima, alguns fidalgos, e pela armada outros muitos mancebos. Aos quaes neste tempo não faziam capitães de navios, porque se dava a cavalleiros velhos e de experiencia d'aquella costa; e assim aquellas armadas se recolhiam todos os verões com quarenta, cincoenta, e sessenta parós tomados, e nestas escolhas dos veteranos aprendiam estes primeiro alguns annos para se exercitarem; mas tirados hoje do peito das amas, e metidos em capitães de navios, que razão darão de si, senão a que vemos ha alguns annos.

Partido Luiz de Mello de Gôa, foi correndo a costa até Cananor, onde recolheu a si os navios que lá trazia Ruy de Mello, e com todos foi correndo a costa Malabar, e lançando espias em terra para o avisarem dos rios em que se armavam cossarios; com o que se enfrearam alguns, e não ousaram a se arriscar. Os mouros iam-se preparando para fazer guerra á nossa fortaleza, e sollicitaram com El-Rei meter-se na liga; no que tiveram mão Coge Semassadi, um mouro nosso amigo que alli estava, e Pocaralle Naire Jangada, da nossa fortaleza, que avisavam ao capitão, que era D. Payo de Noronha, de tudo o que se tratava entre elles. Cabeça dos mouros era o Rajáo de Cananor, que foi toda a occasião das guerras que fizeram os mouros á nossa fortaleza, por um antigo odio que nos tomou, pela morte de Pocaralle seu tio, que os nossos lhe deram em tempo do governador Martim Affonso

de Souza, que não convém recitar, por não ser da essencia do que escrevo.

Luiz de Mello andou por aquella costa fazendo aos mouros toda a guerra que pôde; e sabendo que para o norte eram passados alguns cossarios, voltou apoz elles com muita pressa. E chegando ao rio de Mangalor, soube estar dentro um pagel grande dos mouros de Cananor: mandou dois navios de sua companhia que lho fossem trazer; e achando-o varado em terra, trataram de o lançar ao mar; e andando nesta obra, ajustaram-se os mouros do pagel, e appellidaram os de terra, e dando nos nossos os fizeram embarcar escalavrados. Sabendo Luiz de Mello o caso, entrou o rio com toda a armada, e desembarcou em terra com muito boa ordem, e foi cometendo a cidade, que era grande e formosa, a qual foi entrada com muito valor, e dentro nella fizeram os nossos espantosas cruezas, não perdoando a sexo nem a edade, nem ainda ás alimarias. Luiz de Mello ficou na entrada de uma rua, e com elle D. Paulo de Lima, que sempre emquanto foi soldado nunca largou os seus capitães móres, e outros soldados que tambem seguiam a bandeira real; e sendo avisado do que os nossos andavam fazendo pela cidade, receando-se que houvesse alguma desordem no saque d'ella, os mandou recolher por D. Paulo de Lima, e que désse fogo por algumas partes á cidade, para com isso obrigar aos nossos a se recolherem; o que D. Paulo de Lima fez com tanta ordem, como se tivera muito curso da milicia; e como deixou o fogo ateado se recolheu ao capitão mór, que estava onde dissemos, dando ordem ao que era necessario.

O fogo tomou tanta posse da cidade, que meteu em todos terror e espanto. Os mouros e moradores vindo fugindo de suas chammas, foi um bom esquadrão d'el-

les arrebentar pela rua onde o capitão mór estava, diante do qual vinha um velho de mais de setenta annos com o cabello solto, e uma manopla de aço, e uma adaga de mais de dois palmos, e só a sua vizagem pudera meter temor; e dando com o capitão, ou o conhecesse, ou lhe ficasse mais perto, endireitou com elle, e lhe deu uma adagada por um braço, e ao mesmo tempo se liou com elle: Luiz de Mello lhe lançou mão aos cabellos e o arremessou de si, dizendo aos que estavam perto: *Tomae lá esse diabo;* e logo foi ali morto. D. Paulo de Lima vendo o cardume de inimigos que ali sobrevieram, arremeteu com alguns companheiros a elles, e com uma espada e rodella se metteu no meio fazendo valentias dignas de espanto, e dando naquellas primeiras mostras grandes signaes do que depois veiu a ser; e assim apertou elle e os mais com os inimigos, que com morte da mór parte d'elles os puzeram em desbarato, a cidade ficou toda abrazada, e um formosissimo pagode de grande fabrica cujo tecto e curuchéos eram cobertos de telha de cobre e e latão, com grandes bolas e grimpas em cima, tudo isto dourado formosamente; e d'estes metaes recolheram os soldados tanta quantidade que quasi se carregaram os navios. Feito isto tocou o capitão mór a recolher, e se embarcou; o que se fez com perda de um capitão chamado Gonçalo Sanches, e seis ou sete companheiros.

## CAPITULO IV

*Como se achou D. Paulo de Lima na tomada de uma armada do Çamori, de que era capitão um rume que chamavam o do Rabo*

Residia neste tempo em Calecut a serviço do Çamori um rume que se chamava o do Rabo, de que me não souberam dar razão d'este appellido; por onde eu cuido que devia de trazer por penacho na touca algumas plumas de rabos de garças, ou de outros passaros. Fez-se este grande roncador entre aquellas gentes; natureza de rumes, que querem entre todos serem os melhores. E chegando a Calecut as novas do incendio da cidade de Mangalor, sentio-a o Çamori tanto, que deu occasião ao rume para se lhe ir offerecer a ir buscar a nossa armada e desbarata-la, e entregar-lha, dando-lhe para isso quatorze ou quinze navios. O Çamori aceitou-lhe o offerecimento, e mandou negociar sete galeotas; porque o Ade Rajáo de Cananor lhe tinha mandado offerecer outras seis que se preparavam em um de seus rios, de que havia de ser capitão mór um valente mouro chamado Cutimussa, parente do mesmo Ade Rajáo. Estes navios se ajuntaram em Calecut, d'onde sahiu o rume tão cheio de soberba, como de bandeiras. Nestes treze navios iam mais de mil e seiscentos homens de guerra, muita artilharia, espingardaria e munições; e sabendo que andava a nossa armada pela costa de Mangalor esperando pelos pageis dos malabares que haviam de vir de Cambaya, assentou com o Cutimussa de a irem buscar, e assim se fizeram á véla; e uma legoa antes, d'onde chamam a Palmeirinha, houveram vista as armadas uma da outra.

Estando Luiz de Mello surto a terra, e já sobre aviso por cartas de Cananor, d'aquelles cossarios, em havendo vista d'elles despedio Pedro Godinho, por ter um navio muito ligeiro, para ir reconhecer aquelles navios, e sendo os que esperavam lhes fizesse signal com uma bombardada. Os cossarios tanto que viram apartar aquelle navio da nossa armada, entendendo o que era, lhe sahiram alguns muito ligeiros; mas o Pedro Godinho até os não reconhecer muito bem não quiz voltar, senão depois de abarbado com elles, e fez o signal com um falcão. Luiz de Mello em o ouvindo mandou tirar as vélas a todos os navios, e estende-las por cima dos bancos de popa a prôa, e as mandou baldear mui bem, para que as panellas de polvora de que os malabares muito usam lhes não podéssem fazer damno; e assim encadeou os navios todos uns nos outros, ficando a sua escusa galé no meio, e uma galeota, capitão Manuel da Silveira, por uma das esquadras: porque áquelle tempo não tinha mais que sete navios, por ter apartados os mais a negocios que importavam, e nesta ordem foi buscar os inimigos, que com grande determinação vinham tambem demandar os nossos. Luiz de Mello ia no meio da coxia da sua galeota com um montante nas mãos, e a barba, que era comprida, feita uma trança com um nó na ponta. A prôa encarregou a D. Paulo de Lima com alguns companheiros, e a D. João de Lima a parte de estibordo, e a de bombordo a D. João de Almeida, irmão de D. Braz de Almeida, com soldados que lhe escolheu; e nesta ordem chegou aos inimigos a tiro de falcão. Os quaes vinham tambem todos em ála, e a galeota do rume no meio, e elle em cima do toldo vestido em uma cabaya de escarlata com uma touca de muitas voltas, um cofo e tarçado aos pés, e elle com uma cana na mão mandando remar os marinheiros.

O condestabre do capitão mór, que era um flamengo, bom official, dizendo-lhe o capitão que disparasse a peça da coxia, que era um camelo com uma róca de muitos seixos e pedregulho, lhe respondeu que elle faria seu officio quando lhe parecesse. Os inimigos vieram dando sua salva com muito furor, e como se passou a fumaça, que ficaram descobertos os navios, e a tiro pouco mais de uma pedra de funda, poz o framengo fogo á peça, e quiz sua ventura que tomasse a galeota do rume de prôa a pôpa, que a destroçou de todo; e ao mesmo tempo dispararam os nossos navios seis falcões, que tambem fizeram grande estrago. Passada aquella espessa nuvem, viram os nossos os navios dos inimigos desencadeados e divididos e o do rume com a quilha para cima, e o Cutimussa com os seus navios ir-se apartando para fóra, porque não ousou a esperar aquella furia; e como os nossos iam voga arrancada, e com ella os do rume, logo se investiram, ficando dois encalhados pela prôa do capitão mór, e outro por uma das bandas, e como cada navio trazia mais de cento e sessenta mouros d'armas, logo se lançaram muitos dentro. Os que entraram pela prôa acharam ao encontro aquelle valoroso soldado D. Paulo de Lima, com umas couraças e espada e rodella, com que os recebeu, e com os mais que tinha comsigo fizeram nelles grande estrago e matança.

A galeota dos mouros que se abordou pela parte onde estava o D. João de Lima, que tambem era bom soldado, logo lhe lançou gente dentro, apezar de muitos golpes que os nossos lhe deram, e no bordo pelejaram como desesperados com lanças mui compridas em que todos são mui déstros: o D. João de Lima não quiz perder o lugar, e perdeu antes nelle a vida; com o que aquella parte enfraqueceu de feição que

foi necessario a Luiz de Mello acudir lá, e na chegada recebeu uma lançada pelos peitos que deu com elle na coxia; e tornando-se a levantar deu com impetuoso furor nos mouros, e os fez lançar ao mar, e os nossos se baldearam no seu navio, e nelles mataram quantos acharam.

Na prôa, onde pelejava D. Paulo de Lima, havia mór trabalho, porque havia nas duas galeotas mais gente; e assím estiveram alli perdidos os nossos com fazerem maravilhas nas armas, e sempre passaram mal se não foram soccorridos d'aquelle fidalgo D. João d'Almeida, e de outros fidalgos, a que não achei os nomes, que todos juntos com D. Paulo fizeram tantas cavallarias, que deitaram os mouros fóra da galeota; parte no mar e parte nos navios; e em um d'elles se baldeou D. Paulo com alguns soldados, e á espada e rodella o despejou. O outro navio foi tambem entrado de outros, que lhe ficou nas mãos. E não pelejou menos que todos o capitão mór, antes como qualquer soldado se meteu no perigo, e fez grandes destroços nos inimigos, custando a vida a doze ou quinze dos da galeota, em que entrou o D. João d'Almeida, que recebeu uma frechada pela testa que lhe passou os miolos, de que logo cahiu morto.

Os mais navios ferraram de cada um seu paró, e posto que houve nos nossos trinta mortos, todavia ficaram-lhe todos os navios nas mãos, e o Cutimussa vendo o caso ao contrario do que esperava, deu á vela e foi-se acolhendo, ficando os seis navios do rume por preza dos nossos, e elle nunca appareceu mais. Luiz de Mello ficou ferido em um pé, e mandou curar os feridos e lançar os mortos ao mar.

Ao corpo de D. João d'Almeida, que foi amortalhado em uma colcha, aconteceu um caso notabilissimo, que foi andar sobre a agua seis dias, e no cabo

mouros, em que entravam dez mil espingardas, e em breve espaço rodearam as tranqueiras de mar a mar, e logo arvoraram nellas mais de cem escadas, pelas quaes começaram a subir com tantos alaridos, gritos, e coqueadas, como lhes elles chamam, que parecia se assolava e confundia o mundo; e com aquella furia se puzeram em cima das tranqueiras pela parte que estava a cargo de D. Antonio de Vilhena, e logo deram mais de duzentos comsigo nos quintaes das casas.

Os nossos, que já estavam sobreaviso, acudiram como leões; e D. Antonio de Vilhena, que era muito bom cavalleiro, remetteu com os mouros que estavam senhores dos seus quintaes, e com elles travou uma aspera batalha. Luiz de Mello da Silva, e junto d'elle D. Paulo de Lima acudio com a bandeira de Christo, e com trinta homens que guardou para si foi correr as estancias todas, e achou em ellas e de redor das tranqueiras os nossos soldados tão vivos e expertos, que folgou de os vêr; e pelas seteiras desparavam sua arcabuzaria, e como davam no cardume dos mouros que estavam apinhoados ao redor dos muros, não se perdia tiro, antes houve muitos que com os pelouros e munições derrubaram dois e tres. E como os nossos soldados eram muitos, e não havia seteiras para todos, estavam outros detrás dos que as tinham occupadas, e tanto que desparavam, que haviam de tornar a carregar, sem quererem largar os lugares, lhes pediam pelo amor de Deus que emquanto carregavam lhes deixassem matar um mouro.

O capitão mór chegou á estancia de D. Antonio de Vilhena, e sabendo estarem dentro os mouros, mandou a D. Paulo de Lima com alguns companheiros para que fossem dentro; onde acharam D. Antonio de Vilhena fazendo brabozidades, e dando todos nos

mouros mataram a mór parte, e os mais se lançaram do muro abaixo, fazendo aqui D. Paulo o officio de soldado valorosamente. E feito isto se tornou a Luiz de Mello, que andava correndo tudo em roda, porque em todas as partes lhe era necessaria sua presença; porque houve partes em que a tranqueira era tão rota e fraca, que se passava da banda dos mouros com as lanças, e outras em que lhe puzeram os hombros e deram com ellas em baixo: como fizeram na estancia de Manuel Travassos, onde os nossos ficaram pelejando com os mouros de barba a barba, a que acudio o Capitão mór e D. Paulo de Lima, que ambos se meteram no meio d'aquelle cardume, fazendo tão altas cavallarias, que não tenho palavras para as relatar; e muitas vezes se travaram uns com outros a braços na porfia, que os mouros tiveram de entrar dentro pela quebrada. Sobre isto foram os alaridos, gritos e estrondos das armas, que parecia que se confundia o mundo; e causava isto tamanho terror dentro na fortaleza, que andavam as mulheres pelas ruas descabelladas pedindo a Deos misericordia.

Os padres de S. Francisco estavam em todo este tempo no côro com grandes disciplinas e orações, e houve um que no tirante da egreja vio o Espirito Santo em figura de pomba cheio de grande resplendor: ao que alevantou a voz chamando pelos padres que o vissem e adorassem; e acudindo todos se lhes infundio um tão novo furor e espirito, que arvorando um Crucifixo sahiram pela fortaleza fóra e se foram meter no meio da briga, e começaram a animar os soldados, affirmando-lhes que o Espirito Santo andava entre elles em seu favor. Os soldados vendo a Christo crucificado alevantado no ar, e ouvindo as palavras dos padres, dando-lhes uma nova furia, foram-se muitos ao capitão mór, e lhe pediram mandasse abrir as

portas, porque queriam ir pelejar em campo aberto com os inimigos, para mais á sua vontade se satisfazerem d'elles. Luiz de Mello lhes louvou aquelle animo, e lhes pedio se quietassem, que assáz muito faziam em defender suas tranqueiras.

A importunação dos mouros ia crescendo cada vez mais, porque quanto mór damno viam fazer nos seus, tanto mais trabalhavam por arrematar aquelle conflicto, e assim onde cahiam dez, se punha cento. Luiz de Mello, e seu companheiro D. Paulo de Lima sempre se acharam nos maiores trances e perigos em que se assignalaram e distinguiram de todos. E por fim, não podendo os mouros soffrer tanto damno, vendo os estragos que lhes tinham feito os valorosos portuguêses, que a ferro e fogo os iam consumindo, se recolheram, sendo já quatro horas da tarde, deixando as escadas e os pés das tranqueiras tão entulhados de corpos mortos, que quasi por cima d'elles podiam subir acima; porque se averiguou perderem-se quinze mil mouros. E não podiam ser menos, pelo estrago que seiscentas espingardas podiam fazer em doze horas que a briga durou, fóra outros muitos generos de fogo, e outros estromentos. Recolhidos os mouros, foi-se Luiz de Mello com todos os soldados assim cheios de suor e sangue para a fortaleza a dar graças a Deos, indo diante os padres cantando o *Te Deum laudamus*. Dadas as graças, fez curar os feridos e enterrar os mortos, que não passaram de vinte e cinco, e mandou repairar as cercas muito bem; mas os mouros como foram tão cortados, não quizeram mais provar sua ventura, e assim invernaram os nossos na fortaleza quietos.

## CAPITULO VI

*D. Paulo de Lima vae por capitão de uma galé para o Malabar*

ATÉGORA mostrámos a D. Paulo de Lima, soldado, d'aqui por diante o veremos capitão, e logo capitão mór, e tão intrepido e valoroso, que poucos houve em seu tempo que se lhe igualassem. Passada parte do inverno, teve o Viso-Rei aviso de como pelos rios do Çamori e de El-Rei de Cananor se faziam muitos parós para sahirem a roubar; pelo que escreveu a Luiz de Mello se deixasse ficar, que no começo do verão lhe mandaria armada que tomasse todos aquelles rios e os encurrilasse dentro, assim para ficarem com as despezas feitas, como para que não fizessem prezas; que era a mór guerra que se podia fazer; e que elle sahisse no cedo de Cananor com a armada que lá tinha, para que lhe andasse rondando os rios até lhe chegar toda a mais armada. O que Luiz de Mello fez na entrada de Setembro com os navios e capitães que já dissemos, que com elle foram de Gôa; e lhe mandou dinheiro para paga dos soldados, marinheiros e mantimentos, e deixou em Cananor D. Paulo de Lima dando mesa a cem homens; com os quaes navios andou os mezes de Setembro e Outubro, em que lhe chegou mais a armada seguinte: D. Felipe de Menezes irmão de D. João Tello em uma formosa galé, outra para D. Paulo de Lima, que foi a primeira embarcação que teve; porque por seu procedimento naquella guerra lhe deu logo galé, cousa que se faz a poucos fidalgos mancebos: tres caravellas latinas antigas, com que a India se ganhou, de que era capitão Gonçalo Pires Dal-

vellos, Miguel Rodrigues Coutinho Fios Secos, e Alvaro Reinel, cavalleiros velhos, casados em Gôa e ricos (que estes eram os de que se El-Rei servia naquelle tempo, e não já mancebos, como depois vi) e oito fustas, cujos capitães me não lembram os nomes.

Chegada esta armada ao Malabar a repartiu Luiz de Mello pelos rios em que se armavam parós, por esta maneira. No rio de Marabia do reino de Cananor D. Felipe de Menezes com a sua galé e tres navios para o serviço; D. Paulo de Lima em outro rio d'aquelle reino com a sua galé e outras tres fustas; no rio de Tremapatão Manuel da Silveira com a sua galeota e tres fustas; Gonçalo Pires Dalvellos no rio Demas na sua caravella com tres fustas; no rio do Canharoto com outras tantas fustas outro capitão; e Alvaro Reinel no rio de Pudepatão; e o capitão mór com doze ou quinze navios de remo ficou correndo a costa; e assim a teve todo o verão tão bem guardada, que não sahiram parós, senão alguns formigueiros, que não fizeram damno. E além de lhe tomar os portos, houve poucas povoações em que o capitão mór não mandasse dar, e que não sentissem os malabares o flagello portuguez. E neste exercicio continuaram todo o verão, até toda a armada se recolher a Gôa, onde invernou D. Paulo de Lima, no qual já os Viso-Reis traziam os olhos para o encarregarem de cousas grandes. Deixou Luiz de Mello alguns navios com seus capitães e soldados em Cananor e Challé; e depois mandou o Viso-Rei a D. Antonio de Vilhena, Fernão de Castro, Manuel Travassos e Hieronymo de Sá, filho de Gaspar Gonçalves de Riba Fria, porteiro da camara de El-Rei D. João, com quatrocentos homens mais para invernarem em Cananor, e darem mesas a cem soldados cada um, e

dinheiro para seu pagamento, as quaes mesas lhes deram todo o inverno.

## CAPITULO VII

*Vae D. Paulo de Lima por capitão de uma galeota com o Viso-Rei D. Constantino, e do successo d'esta jornada*

Este inverno, que foi o do anno de quinhentos e sessenta, gastou o Viso-Rei D. Constantino em aperceber uma armada para ir a Jafanapatão a castigar aquelle Rei por culpas que tinha cometidas, e para mudar para aquelle reino os moradores da povoação S. Thomé, por estarem alli offerecidos á vontade do Rei de Bisnagá, cuja a terra era, e cada vez que quizesse os captivar, avexar e roubar, como algumas vezes tinha feito. E tanto que foi a sete de Setembro, vespera de Nossa Senhora, se fez á véla com doze galés, dez galeotas e sessenta navios de remo, fustas e catures, e pagou geralmente a todos os homens, que foram mais de tres mil.

Os capitães das galés eram: o Viso-Rei da real, D. Antonio de Noronha, que foi Viso-Rei da India, Martinho Affonso de Miranda, André de Souza, Fernão de Souza de Castello-Branco, Gonçalo Falcão, Leonel de Souza, Luiz de Mello da Silva, D. Lioniz Pereira e Ayres Falcão. Capitães das galeotas foram: Duarte de Soveral, D. Antonio de Vilhena, que tinha invernado em Cananor, Francisco de Mello Canaviada, D. Jorge de Menezes, que depois foi alferes-mór, Ayres de Saldanha, Martim Affonso de Mello Ombrinhos, Jorge de Moura, Fernão Gomes Cordovil, Lou-

renço Pimentel e D. Paulo de Lima. E os outros capitães das fustas: D. João de Castello-Branco, Henrique de Sá, Francisco de Souza Tavares, o Manco, Garcia Bodrigues de Tavora, D. Francisco de Almeida, que hoje está no Tribunal da India, D. Felipe de Menezes, Alvaro de Mendoça, Pedro de Mesquita, Pedro Peixoto da Silva, Nuno de Mendoça, Nuno Furtado de Mendoça, D. Payo de Noronha, Fernão de Castro, Tristão de Souza, filho natural do governador Martim Affonso de Souza, Fernão de Miranda d'Azevedo, D. Pedro de Castro, João Lopes Leitão, Manuel de Mendanha, Affonso Pereira de Lacerda, Gil de Goes, Martim Affonso de Souza, Pedro de Mendoça, Bastião de Rezende, Antonio Ferrão, Agostinho Nunes, Bertholameu Chanoca Secretario, Vicente Carvalho, Francisco da Cunha, Manuel da Silveira, André de Vilhalobos e outros muitos.

Dada esta armada á véla, chegou a Cochim, onde negociou algumas couzas, e a cidade tinha prestes seis navios para o acompanharem; o que quiz fazer o bispo de Cochim D. Jorge Temudo, porque lhe pareceu lhe convinha achar-se naquellas couzas, por ser aquella ilha de Ceilão da sua jurisdição. E passado o Cabo Comorî, despediu o Viso-Rei as galés para Cochim, pelas não arriscar nos baixos, e os fidalgos d'ellas se passaram ás fustas, e chegando sobre a cidade de Jafanapatão, cometeu o Viso-Rei a desembarcação meia legua antes da cidade, porque as outras partes em que podia desembarcar estavam mui fortificadas, e ordenou cinco bandeiras.

A gente da armada, que eram mil e duzentos homens, tendo recebido em Gôa da ventagem de quatro mil; porque neste tempo quando um Viso-Rei ia fóra pagava-se geralmente a todos os casados, até os macanicos, e com esta largueza e liberalidade se ga-

nhou e sustentou a India, e depois que houve tacanheza e estreiteza, que tiraram os soldos aos homens, e que não venceriam senão quando embarcassem, logo tudo foi para peior. Os capitães das bandeiras foram: Luiz de Mello da Silva, a que D. Constantino tinha dado a dianteira, ao qual acompanhou D. Paulo de Lima em toda esta jornada, D. Antonio de Noronha, que foi Viso-Rei da India, Martim Affonso de Miranda, Gonçalo Falcão e Fernão de Souza Castello-Branco, e o Viso-Rei havia de ir na retaguarda com duzentos homens, e muitos fidalgos aventureiros, e com elle o bispo. E cometendo a desembarcação, poisaram em terra, onde os veiu receber o Principe Branco com dois mil homens para lha defender; mas os navios com os falcões franquearam a terra, e os imigos se foram recolhendo para os matos: e o primeiro capitão que desembarcou foi Gonçalo Falcão; o que fez por uma desconfiança com que ficou de umas palavras que no conselho teve com o Viso-Rei. Postos todos em terra, foram marchando para a cidade, levando Luiz de Mello a dianteira, e á sua ilharga D. Paulo de Lima: D. Antonio de Noronha foi-se desviando, e metendo pelo mato, por onde appareceu o Principe Branco; e quando tornou a sahir ao caminho ficou diante de Luiz de Mello, e parando, lhe mandou dizer que passasse avante, que elle estava esperando para o acompanhar. Que tal era o primor d'aquelle tempo, que não queriam aquelles capitães honras em prejuizo uns dos outros; o que hoje é bem ao contrario, porque todos andam (como lá dizem) a furtalho o fato.

Luiz de Mello foi marchando até haverem vista da cidade, que tinha por aquella parte uma muito formosa e espaçosa rua, no meio da qual estavam duas peças grossas de arrilharia cobertas de folhas de palmas: e

cometendo Luiz de Mello a rua, lhe disse D. Fernando de Menezes, o que chamavam cá o Narigão, fidalgo da casa de Penella, que visse como ia, porque aquillo parecia artilharia. E ainda o não acabava de dizer, quando se poz fogo a uma das peças, que quiz Deus que sobrelevasse, por ser o ponto alto, porque se assim não fôra, fizera muito damno. Luiz de Mello vendo que ficava outra por disparar, deu ordem aos seus para que se encostassem aos alpendres que havia de uma e outra parte; o que não puderam fazer tão apressadamente que não viesse pela rua abaixo outro pelouro com grande terremoto, e tomando pelo meio da rua, levou por esses ares o alferes da bandeira de Luiz de Mello, que se chamava Foão Sardinha, e outras tres ou quatro pessoas, e alguma pequena de ferrugem alcançou a Luiz de Mello pela maçã do rosto, que lhe fez uma pequena ferida, de que lhe corria muito sangue, com o que ficou muito gentilhomem. E ao tempo que o alferes foi espedaçado, acudiu João Pessoa, filho de Antonio Pessoa, e alevantou a bandeira e a arvorou no ar, e foi andando até a pôr sobre as peças de artilharia. Luiz de Mello tornou a pôr a sua gente em ordem, e foi marchando para a cidade, rompendo por nuvens de pelouros de espingardas que vinham pela rua abaixo, de que alguns foram escalavrados; e D. Felipe de Menezes levou uma arcabuzada pelo nó da garganta, e foi tão venturozo que resvalou, deixando-lhe só uma nodoa.

O Principe Branco acudiu áquella rua, e teve com os da dianteira uma arrezoada briga, que durou pouco, porque os nossos os arrancaram logo d'ella por força; assignalando-se aqui muito D. Paulo de Lima e outros fidalgos e cavalleiros. Os nossos chegaram ao cabo da rua, e á mão direita se fazia outra, pela qual foi tomando Gonçalo Falcão, e por ella foi dar com a gente

do Principe Branco, com a qual teve uma muito crespa e arriscada briga, porque de cima dos telhados e das paredes dos quintaes das casas fréchavam os nossos á vontade. O Viso-Rei veiu entrando por aquella parte em um formoso cavallo á estardiota, armado todo de fortes armas, com o guião de Christo, cercado de muitos fidalgos e cavalleiros. Dando-lhe novas que Gonçalo Falcão estava em aperto, disse áquelles fidalgos e capitães que o soccorressem, e foi a tempo que chegava a elle D. Antonio de Noronha, e ouvindo as palavras ao Viso-Rei, lhes disse: *Não se inquietem, que eu só basto*, e foi entrando pela rua até chegar a Gonçalo Falcão, que com sua chegada ficou tudo franco, e elles passaram adiante, e acharam uma peça de artilharia que alli deixaram os inimigos, a qual lançaram pela rua adiante, que ia até o Caes dos Elephantes, onde estava todo o poder, e dando-lhe fogo, foi fazer entre elles grande destruição.

O Rei que estava no terreiro de seus paços com o mór poder, vendo a couza tão mal parada recolheu-se aos seus paços, que eram mui fortes, com toda a gente que o seguia, com tenção de se defender nelles. Luiz de Mello chegou ao cabo da rua, que ia sahir ao Terreiro dos Paços, e parou para esperar pelo Viso-Rei, para saber o que lhe mandava que fizesse. O Viso-Rei chegou a elle já tarde, e assentou-se alli que ficassem aquella noite na boca d'aquella rua, onde se podiam fortificar bem, e que ao outro dia cometeriam os paços. Temendo-se o Rei do furor e esforço que nos portuguezes tinha visto, não quiz mais provar sua ventura, e se foi com todo o recheio, e mandou dar fogo aos paços, e se recolheu a uma fortaleza que estava d'alli legua e meia. O Viso-Rei ao outro dia entrou a cidade e se senhoriou d'ella, e tomou muitas peças d'artilharia, e os soldados ficaram com bom qui-

nhão do saque que dera à cidade, onde acharam aquelle dente de bogio por que o Rei do Pegú dava quinhentos mil cruzados.

Entregue D. Constantino da cidade foi logo marchando apoz El-Rei, e chegou á fortaleza em que se tinha recolhido; a qual achou despejada, porque não ousou nella esperar os nossos. E d'alli mandou Luiz de Mello, com que tambem foi D. Paulo de Lima, Martim Affonso de Miranda, Gonçalo Falcão e Fernão de Souza com suas bandeiras apoz El-Rei: e porque o Viso-Rei ficava e estes fidalgos não queriam ser governados d'outrem, ordenou o Viso-Rei que cada dia lançassem os dados, e que o que deitasse mais pontos, esse governasse só aquelle dia. Levou Luiz de Mello a dianteira, e assim foram ensacando aquelle Rei até fóra do seu Reino; e vendo-se elle sem remedio mandou pedir misericordia, e concedeu ao Viso-Rei tudo o que lhe pareceu justo, fazendo-se vassallo de El-Rei de Portugal, e deu de refens o Principe seu filho.

Aqui passaram outras couzas, que deixo por abreviar, e depois de ordenar o Viso-Rei o que lhe pareceu se partiu para Cochim, onde achou aquella terra em revolta, por estar a nossa fortaleza de Cranganor de cerco, e os Principes de Calecut que se haviam de ir crear em casa de El-Rei de Cranganor, que os tinha prefilhados, sobre a ilha de Paribalão; o que seria causa de se perder a nossa fortaleza. Pelo que lhe mandou acudir por D. Francisco de Almeida, que hoje está no Tribunal da India, com dez ou doze navios, que nesta jornada fez quanto um bom capitão podia fazer, e depois mandou Luiz de Mello da Silva com quinhentos homens, e com elle foi D. Paulo de Lima, e tiveram os nossos grandes batalhas com as gentes do Çamorí, que emfim lhe entraram a ilha e a tomaram e deitaram os imigos fóra. Na qual jornada

fizeram os nossos muitas e grandes cavallarias, e Luiz de Mello recebeu uma espingardada em um braço junto do hombro, de que sempre ficou resentindo-se, e os imigos ficaram vencidos, e a ilha se entregou a El-Rei de Cochim. E nesta campanha me disseram pessoas de credito que viram D. Paulo de Lima pelejar com valor e esforço admiravel.

## CAPITULO VIII

*Acha-se D. Paulo de Lima nas vistas que o conde de Redondo teve com o Çamorî*

O ANNO de quinhentos e sessenta e dois determinou o conde de Redondo D. Francisco Coutinho, que tinha chegado o anno atrás por Viso-Rei, de se ir vêr com o Çamorî e jurar com elle as pazes; e posto que esta jornada não foi de mais effeito, será para mostrar como sempre D. Paulo de Lima servio, e se achou nas couzas principaes em companhia dos Viso-Reis.

Partio o conde de Gôa na entrada de Dezembro d'este anno com mais de cento e quarenta navios, em que entraram dez galés, nas quaes levava de ventagem de quatro mil homens, a mais limpa e lustrosa gente que vi na India. Porque pagou dois quarteis a todos geralmente, e me affirmaram que dispendera nesta armada mais de duzentos mil pardáos, sem oppressão, e sem a India render duas partes do que hoje rende; porque como Deus ainda andava na India, tudo sobejava: e se me quizerem dizer que não havia tantas tenças e ordenados, enganam-se; porque se isto cresceu mais, minguaram logo doze ou quinze galeões

que havia na India, dez galés, e mais de dusentos homens de mar, e armadas grossas todos os annos aos Estreitos de Meca, e outras muitas expedições, além das ordinarias. E deixando isto assim indeciso, sem se mostrar d'onde vem, tornarei á armada do conde, cujos capitães eram: D. Francisco Mascarenhas, que depois foi conde de Santa Cruz, que era capitão-mór do mar da India; Luiz de Mello da Silva, com quem ia embarcado D. Paulo de Lima, D. João Pereira, irmão do conde da Feira, Alvaro Paes de Sottomaior, D. João de Castelbranco, D. Jorge de Menezes Baroche, Ayres Telles de Menezes, D. Diogo de Menezes, D. Pedro de Castro, D. Lioniz Pereira, Ayres de Saldanha, D. Francisco Henriques, André de Souza, D. Luiz de Almeida, Alexandre de Souza, D. Pedro de Menezes, Heitor da Silveira Drago, Alvaro Pires de Tavora, seu irmão D. Francisco de Moura, Simão de Souza, Manuel de Mendanha, Manuel Freire, D. Tello de Menezes, D. Luiz de Menezes, Luiz da Silva, filho do governador Francisco Barreto, D. Francisco Lobo, Pedro de Mendoça Furtado, que esteve no Tribunal da India, João de Mendoça seu irmão, D. Diogo Fernandes de Vasconcellos, D. Martinho de Castelbranco, Antonio Botelho, D. Francisco de Almeida, Fernando de Souza de Castelbranco, D. Miguel da Gama, Francisco de Miranda Henriques, Manuel Pereira da Silva, Pedro Lopes Rabello, Gil de Goes, Francisco de Siqueira, Jorge Cabral de Bombaim, Manuel Travassos, Francisco de Brito, Hieronymo Dias de Menezes, Hieronymo de Carvalho, Jorge de Moura, Hieronymo Correa, Jorge Barreto, Gaspar de Sá, Hieronymo de Sá de Riba Fria, Fernando de Miranda de Azevedo, Christovão de Brito, Jorge Toscano, Diogo Soares de Albergaria, Henrique Moniz Barreto, Manuel Freire, Antonio Correa, Hieronymo d'Olanda, Antonio Fer-

não, Vicente de Carvalho, Miguel Rodrigues Coutinho Fios Secos, Ruy Godinho, Roque Fernandes, Pedro Alvares, Fernando Farto, Antonio Martins, Apolinario de Val da Rama, Balthazar da Costa, Braz Fragoso, Bernardo Rodrigues, D. Theodosio, embaixador de Ceilão, Manuel Leitão Secretario, Belchior Serrão, Veador da Fazenda, Henrique Jaques, Ouvidor geral, Domingos de Mesquita, Alvaro Monteiro, Diogo Borges de Avellar, Antonio Rodrigues, Antonio Martins, e muitos outros.

Com toda esta potencia foi o conde surgir defronte de Calecut, enchendo todo aquelle mar de embarcações, que foi a mais formosa couza que alli se vio; e assentado o dia em que se haviam de vêr, desembarcou o conde em terra, e ordenou primeiro toda a gente repartida em bandeiras por aqulles capitães velhos, e embandeirou-se toda a armada, que se poz com a prôa em terra, com toda a gente ordenada em fileiras por uma e outra parte. O conde esteve na sua manchúa, e tanto que lhe deram recado que El-Rei apparecia, desembarcou acompanhado de muitos fidalgos velhos, e de todos os officiaes e guardas, seus porteiros e officiaes diante, e ao pôr os pés em terra o salvou toda a armada, com tanto terror e espanto, que parecia tremer o mundo, e o ar todo se escureceu por um grande espaço, com que tudo ficou escondido na espessura do negro fumo; e chegando o conde a passar pelo meio das fileiras, estas lhe deram tambem uma formosa salva, porque passaram de tres mil espingardas que iam na armada, que muitos dispararam duas e tres vezes, indo o conde de vagar, porque chegasse El-Rei, que se veio apressando por chegar ao conde, trazendo comsigo mais de quarenta mil Naires, que tambem se puzeram em ordem, e o Rei vinha rodeado de seus regedores; e elle começando a entrar pelo

meio das nossas fileiras, tornou a armada a disparar aquella tormenta infernal, que acanha e abate todos os grandes esforços, e apoz ella tornou a soldadesca a dar salva, a que tudo El-Rei parou ; e acabado começaram os estromentos bellicos de tambores, pifaros, trombetas e ataballes, o que tudo se tocou com tanto estrondo, que ensurdeciam a todos.

Acabadas as salvas foi El-Rei passando adiante, e a meio das nossas fileiras se encontrou com o conde. Ia El-Rei nú da cinta para cima, e d'ella á meia perna cingido com um panno de ouro e seda, e pelos braços todos, pescoço e cabeca, pedraria que não tinha estimação o seu valor. O conde ia com uma roupa roçagante de brocado, rico collar de pedraria, espada e adaga de ouro ; e encontrando-se ambos se abraçaram, e de pé tiveram seus cumprimentos, e alli tambem de pé lhe deu o secretrario os capitulos das pazes, que o lingua lhe declarava, os quaes elle concedeu, e logo ali se juraram por ambos conforme o costume de cada um, de que se fizeram autos assignados por todos. Isto acabado se recolheram logo, e o conde foi a Cochim, e depois de ordenar alli algumas cousas e despachar as náos, se foi para Gôa.

## CAPITULO IX

*D. Paulo de Lima Pereira vae por capitão mór de alguns navios para a costa do Malabar, encontra-se com o cossario Canatale, tem com elle uma espantosa batalha, em que todos ficaram destroçados*

AGORA começaremos a mostrar este fidalgo capitão mór de armadas, porque na milicia correu todos os rumos. Recolhido da perdição em que se achou ao sahir da barra, logo a tres de Setembro de mil e quinhentos e sessenta e quatro chegou a Gôa D. Antão de Noronha, que vinha por Viso-Rei da India, que depois de tomar posse preparou mais a armada para o Malabar, de que elegeu por capitão mór Gonçalo Pereira Marramaque, que com elle viera despachado com a fortaleza de Ormuz, para ir succeder naquella costa a D. Francisco Mascarenhas, que depois foi conde de Santa Cruz, porque se havia de vir fazer prestes para ir entrar na capitania de Çofalla e Moçambique. E depois de lá andar, porque a guerra com os mouros de Cananor se ia proseguindo, quiz o Viso-Rei mandar mais alguns navios a Gonçalo Pereira Marramaque, dos quaes elegeu por capitão mór a D. Paulo de Lima, que partio no fim de Fevereiro do anno de sessenta e cinco; elle na galeota *S. João Baptista*, na qual se embarcou tres vezes, e de todas sempre pelejou com os malabares, porque parece que tinha nella o seu genio. Levou mais tres navios, de que eram capitães Bento Caldeira, Pedralves de Cananor, e Bento Caldeira, natural d'Almada. E indo navegando por sua derrota, sendo tanto avante como os Ilhéos de Batecalá, houveram vista de seis navios já perto da noite, e pare-

cendo a uns e outros parós, por haver novas de ser passado para o Norte um grande cossario malabar chamado Canatale com sete navios mui reforçados, que foi o primeiro que passou aquella costa; pelo que uns e outros se prepararam, e sendo já perto se conheceram os nossos, e foram juntos surgir na barra de Batecalá. D'estes seis navios eram capitães Manuel de Brito, Manuel de Saldanha, Ayres Gonçalves de Miranda, que hoje está por capitão de Cananor, Fernão Gomes da Grã, que foi guarda mór das náos, Nuno Velho Pereira, e Mem d'Ornellas, os quaes Gonçalo Pereira Marramaque tinha despedido da costa do Malabar em busca de D. Paulo de Lima por saber que ficava, pelas novas que havia do Canatale. Levava D. Paulo de Lima bandeira de Christo pela quadra, que não enrolou, de que os outros capitães se tomaram tanto, que lhe disseram que se queria ir para o Malabar, senão que se iriam elles; ao que respondeu D. Paulo que os soldados iam com toda a roupa suja, que a lavariam, e que ao outro dia se partiriam. Mas elles como estavam pezados com a sua bandeira, não quizeram aguardar, e sem mais cumprimentos deram á véla e se foram.

Ao outro dia que isto passou, estando D. Paulo de Lima surto na bahia, appareceu a armada do Canatale, que vinha do Norte carregada de prezas, e vendo os nossos navios juntos á sua galeota os foi cometer. Foi a ventura d'este fidalgo grande em estar ainda sem a sua gente ter desembarcado, porque se ella estivera em terra não fazia o Canatale mais que chegar, e dar tôa aos navios; e certo que segundo a pouca disciplina dos homens da India, e desordens dos soldados, é mais necessario a seus capitães domar-lhe seus appetites, que não aos inimigos; que estes vencem-se com as armas, e os soldados nem com

ellas, nem com razão. Em fim uns e outros se cometeram mui determinadamente, e se deram a primeira salva de bombardadas. D. Paulo levava na sua galeota um formoso camelete com uma róca de pedra, o qual se disparou e tomou pelos navios que vinham juntos, e nelles fez grande destroço e damno. Os inimigos como vinham com aquella furia, passaram por tudo até investirem os nossos navios, e logo nas primeiras pancadas abrazaram os malabares o navio de Bento Caldeira, e mataram todos os portuguezes: os outros dois navios vendo que lhes podia acontecer semelhante desgraça, puzeram o remedio no remo, e foram-se acolhendo, deixando só o seu capitão mór, com o qual abordou o mouro Canatale, que era valente cavalleiro, e por cada ilharga uma das suas galeotas, ficando o Canatale para a prôa. D. Paulo de Lima vendo-se investido por todas as partes, tratou de vender sua vida muito bem, e assim o persuadio aos companheiros que o fizessem, repartindo elle pessoas de mais confiança pelos passos mais necessarios, e todos se puzeram em defensão, fazendo tantas couzas em armas, e dando tão desmedidos golpes, que custando a vida a muitos dos mouros, não se atreveram ou não puderam entrar na galeota. D. Paulo de Lima andava na coxia armado em couraças encarnadas em veludo carmezim, com uma espada e rodella, animando os seus com palavras dignas d'aquelle trance, e na parte em que via maior trabalho se apresentava diante de todos, e alli o sentiam logo os inimigos em suas carnes, e de um bordo passava a outro, onde via que era mais importante sua presença, andando já sangrado em algumas partes. Os mouros, que eram mais de quinhentos, ora entravam na galeota, ora tornavam aos lançar fóra os nossos mal tratados; e D. Paulo de Lima vendo que os nossos per-

diam na prôa alguma couza, acudiu lá, e achou o Canatale posto em cima do esporão, diante do qual se apresentou o valoroso D. Paulo, e tantas cousas fez em armas, que o lançou fóra, e assim aos outros que estavam das ilhargas, com mais de trezentos mortos; porque os nossos cincoenta soldados, ou cincoenta Heitores, não faziam mais que carregar espingardas e descarregal-as nos inimigos, e houve tal tiro que derrubou dois ou tres, por estarem mui apinhoados: outros a quem se encomendavam as panellas da polvora, não faziam mais que cevar e lançal-as entre os inimigos, de que ficavam os navios ardendo em labaredas, e pór entre as chammas eram as lançadas e espingardadas tantas, que pareciam pelejarem iguaes armadas. Os mouros tambem, como eram muitos, faziam seu emprego, e assim foram derrubando mais de trinta dos nossos, ficando os outros, ainda que feridos, supprindo a falta dos companheiros. D. Paulo de Lima fez tudo quanto um esforçado soldado e valoroso e discreto capitão podia fazer, até lhe darem uma bombardada por uma coxa, de que ficou inhabilitado para poder acudir onde fosse necessario; e assentando-se na coxía, chamou pelos soldados, que eram já menos de vinte, lembrando-lhes como em seus braços estava o remedio de suas vidas, e assim pelejavam com tanto valor, que quando D. Paulo cahio, já havia mais de duzentos mouros mortos, e a maior parte d'elles feridos. Emfim chegaram os mouros a tanta consternação que houveram por seu partido affastarem-se, porque lhes parecia que não tinham combatido com uma galeota, senão com um muito forte baluarte.

D. Paulo de Lima vendo os inimigos afastados, não fez termo algum de que elles sentissem que os receava, antes se deixou estar muito seguro, e aos poucos sol-

dados que tinha exhortou á constancia, e que se fizessem prestes, porque ainda tinham muito por passar; e mandou aos escravos que tomassem lanças e as arvorassem pelos bordos, e ao seu tambor mandou pôr a par de si, e esteve esperando a determinação dos inimigos. Os quaes depois de afastados tomaram conselho entre si, e assentaram que era cobardia não acaberem de render aquelle navio, que já estava destroçado de todo, e que por mais uma hora de trabalho o tinham seguro; e assim tomando o remo em punho tornaram a voltar contra a nossa galeota todos em ála. D. Paulo de Lima vendo aquella determinação mandou aos marinheiros que tomassem o remo, e fizessem depessoa, que elle lhes pagaria bem; e aos escravos que fossem com grandes gritos cometer os inimigos; os quaes ouvindo aquelle alarido e estrondo e vendo aquella determinação, não ousando a esperar os nossos, ou não o permittindo Deos, que era o mais certo, porque tinha guardado este grande capitão para outras couzas, voltaram e foram-se acolhendo destroçados de todo, ficando o nosso capitão senhor do campo e com a victoria, que foi das maiores d'aquella qualidade que na India houve; e vendo que os inimigos iam desapparecendo, mandou dar á véla para Gôa, e foi-se curando elle e os mais, o melhor que puderam, e ao outro dia entrou pela barra de Gôa dentro, e pelas embarcações pequenas que chegaram á galeota se soube o caso, e logo teve o Viso-Rei rebate d'elle, e o mesmo todos os fidalgos da India, que acudiram ao caes. Martim Affonso de Mello Pereira foi-se ao Viso-Rei e lhe pediu licença para levar D. Paulo para sua casa; do que o Viso-Rei se escusava, dizendo que havia de ser seu hospede, e que elle o havia de curar: e todavia fez tanta instancia Martim Affonso, que lh'o concedeu o Viso-Rei, e o foi esperar ao caes dos

paços com um palanquim, tendo já em sua casa os cirurgiões c todo o necessario para o curarem. D. Paulo chegando ao caes foi tirado nos braços de todos aquelles fidalgos, e deitado no palanquim o levaram a casa de Martim Affonso, onde foi curado com muito cuidado; e seus soldados foram levados ao hospital, onde se teve com elles muita conta. O Viso-Rei foi logo visitar D. Paulo, e o abraçou e teve com elle palavras muito honradas e de grandes offerecimentos, de que logo poz muita parte por obra; porque lhe mandou muito trigo, e o mesmo fez aos soldados que escaparam: porque isto é o que faz nos homens crescer o brio e gosto para se aventurarem a muitas couzas, e por isso naquelle tempo se faziam aquelles e outros successos, que neste não vemos.

## CAPITULO X

*D. Paulo de Lima vae por capitão mór de uma armada para o Norte, acha-se na destruição de Collé e Sarseta, e toma dois parós de malabares*

Muito durou a enfermidade de D. Paulo de Lima, porque a bombardada foi grande, e esteve arriscado a perder a perna; pelo que ficou inhabilitado para o serviço. Porém quando chegou D. Luiz de Ataide por Viso Rei da India, em Setembro de sessenta e oito, já o achou em disposição de o poder occupar, e assim em Dezembro seguinte o elegeu por capitão mór de oito navios para ir ás partes do Norte, por serem lá passados os cossarios malabares e haver necessidade, e assim se fez á véla, indo elle embarcado na mesma galeota em que pele-

jou com o Canatale. Os mais capitães foram: Antonio de Azevedo, Martim Affonso de Mello Pombeiro, Gaspar de Mello, Manuel Pereira de Figueiredo, Gomes da Rocha, Estevão de Valadares e outros. E levou regimento para ir a Baçaim a ajuntar-se com Jorge de Moura, que lá andava com outros navios, para todos em companhia de Martim Affonso de Mello, capitão de Baçaim, irem dar um grande castigo ao Rei de Collé pelas affrontas, tyrannias e roubos e avexações que tinha feito nas terras de Baçaim da jurisdição do Estado. E assim foi correndo a costa até aquella cidade, onde já achou aquelle capitão prestes com Jorge de Moura, e todos os moradores que na terra havia, e os soldados de ambas as armadas, que por todos se ajuntariam oitocentos homens, e mais de mil peães da terra, em que entrava Beitarane com quinhentos de sua obrigação, e alguns trinta de cavallo. Era este homem gentio, e quando Nuno da Cunha tomou posse d'aquella cidade, por lha conceder Sultão Badur; os avós d'este homem possuiam umas aldeias grossas naquella terra visinha á Galiana, as quaes o governador lhe concedeu para todos os seus descendentes, com obrigação que acudiriam ás necessidades de Baçaim em havendo guerras, com certo numero de cavallos e peães, como sempre fizeram com muitos gastos e despezas suas, dando sempre grande prova de sua fidelidade. Ordenadas todas as couzas partiram todos para aquella jornada, levando o capitão de Baçaim o guião de Christo com cento e tantos homens de cavallo: com os dois capitães D. Paulo de Lima e Jorge de Moura se repartio toda a soldadesca, que levavam suas bandeiras de campo; e por mar assim nas armadas como em outras manchúas foram pelo rio de Agaçaim acima até a fortaleza de Manorá, onde desembarcaram e foram buscar

os inimigos que estavam alojados na aldeia; porém tinha o Rei de Collé em seu favor o Rei de Sarseta, e entre todos havia sete ou oito mil homens, com mais de quatrocentos de cavallo, em que entravam muitos mogores e outra gente branca. E marchando os nossos em muito boa ordem, chegaram aos inimigos e os acometeram com grande determinação, rompendo o capitão com os de cavallo, e os dois capitães D. Paulo de Lima e Jorge de Moura na multidão da gente de pé, em que os nossos fizeram grandes provas de cavallaria e notaveis façanhas, que os inimigos foram desbaratados e os nossos ficaram senhores de todo o arrayal com todo o recheio, em que os soldados se cevaram bem; e tomando alguma folga, foram apoz os inimigos, e lhe entraram por suas terras, pelas quaes foram queimando quantas aldeias acharam, até chegarem á cidade d'Arija, a qual saquearam e abrazaram, e o mesmo fizeram a outra chamada Verém; e depois de se haverem satisfeitos com tantos damnos, se tornaram a recolher em muito boa ordem.

O capitão com a gente de cavallo na vanguarda, e D. Paulo de Lima e Jorge de Moura na retaguarda, governando um um dia, e outro outro; e como o caminho por onde haviam de passar era por entre serras por passos muito estreitos e difficultosos, os foram os inimigos atalhar por cima das serras, d'onde fréchavam os nossos, e derrubavam alguns: mas a nossa espingardaria tambem fez nelles bem de emprego, e foi a cousa de feição, que quasi estiveram os nossos desordenados se não fôra o esforço de D. Paulo de Lima e Jorge de Moura, que nesta jornada mostraram todo o seu volor; e depois que sahiram d'aquellas estreituras se deixou ficar atrás Manuel Ferreira de Figueiredo, um capitão da armada de D. Paulo

de Lima, com toda a gente do seu navio; e os mouros de cavallo que iam já fugindo dos nossos foram dar com elles, e posto que se puzeram em resistencia foram alanceados e mortos; o que D. Paulo de Lima sentio muito pela desordem do seu capitão. E assim foram os nossos com esta victoria ter a Baçaim, onde D. Paulo de Lima se embarcou na sua armada com aquelle navio e outro menos; e andando na paragem de Tambona encontrou com cinco ou seis parós de malabares, os quaes cometeu com grande determinação, e houve entre todos uma muito arrazoada batalha, em que D. Paulo de Lima fez o officio de quando pelejou com o Canatale, que foi o de esforçado soldado e valoroso capitão; e por fim rendeu um navio ou dois, e os mais se acolheram. Na briga o desamparou um capitão seu, que vio os touros de longe. D. Paulo chegou a Gôa, onde o Viso-Rei o recebeu com muitas honras, e a seus capitães e soldados fez mercês; e ao capitão que o deixou, indo ao Viso-Rei a beijar-lhe o saio, lhe disse que fosse beijar a mão a sua mãe: porque era filho de Gôa, fidalgo e muito mimoso.

## CAPITULO XI

*D. Paulo de Lima vae por capitão de uma galeota duas vezes, uma em companhia de D. Luiz d'Ataide a tomar a fortaleza de Barcellor*

A cidade de Barcellor na costa Canará é a mais antiga da India. Governa-se por senadores como republica; é izenta, só ao Rei de Bisnagá tem uma certa sumissão, porque o tem tomado por seu protector; e assim pelo governo que sempre teve

se sustentou e cresceu tanto, que não havia em toda a costa da India outra que tanto se conservasse e fosse tão rica. Porque quando nós descobrimos a India havia nella muitos chatins, que são mercadores, que tinham dois e tres candins de pagodes d'ouro, que são sessenta alqueires, moeda mais pequena que tremoços secos; e posto que vieram a desfallecer muito porque lhe tomaram os portuguezes o trato do mar que elles possuiam, e por elle enriqueceram tanto, não perderam nunca a soberba, porque sempre a tiveram grande. E porque aquelle rio é grande escala d'arroz, e nossas náos iam carregar ali para Ormuz, e nossas armadas a prover-se, nos faziam elles grandes sem razões e havia cada dia muitas alterações, e com isso proviam os malabares de todo o arroz necessario; porque d'estes rios levavam elles no cedo, primeiro que nossas armadas saiam fóra, todo o que lhe era necessario. E a respeito dos portuguezes tinham feito uma fortaleza no rio sobre um tezo, para defenderem aos nossos a passagem para a sua cidade, que ficava mais acima; e succedendo invernar os annos atrás alli naquelle rio uma caravella nossa, que ia para Ceilão, e haver entre os portuguezes e chatins muitas differenças, por estas razões assentou o Viso-Rei D. Luiz d'Ataide de ir sobre aquella cidade e castigar aquelles levantados, para a qual jornada se começou a fazer prestes.

Tanto que as náos do reino vieram, convocando ajuda das cidades da India, d'onde lhe acudiram muitos fidalgos e capitães, e navios ás suas custas; e depois de despachar as náos, de que veiu por capitão mór Jorge de Mendoça, no anno de setenta, em Dezembro se embarcou, levando uma muito grossa armada, cujos capitães eram os seguintes: o Viso-Rei na galé Bastarda, D. Francisco Mascarenhas, o Palha

na galé Victoria, D. Jorge de Menezes Baroche na galé S. Sebastião; D. Fernando de Menezes de Vasconcellos, neto do arcebispo D. Fernando, na galé Santa Catharina, Antonio Botelho na galé S. Jorge, D. Pedro de Castro na galé Chagas, Ayres Telles de Menezes na galé S. Tiago, D. Manuel Rolim, na galé S. Miguel; Ruy Gonçalves da Camara, na galé Loreto, e D. Pedro de Menezes na galé Pessoa. Sete galeotas mais, de que eram capitães Luiz de Mello da Silva, D. Paulo de Lima Pereira, D. Nuno Alvares Pereira, filho do conde da Feira, D. Francisco de Almeida, que ainda hoje está no Tribunal da India, Fernão Telles, que foi governador da India, D. Diogo de Menezes, que foi tambem governador da India, Christovão de Bobadilha, filho de Antonio de Saldanha, D. Francisco da Costa, e Manuel de Mello, que foi Monteiro Mór.

Dos mais navios, fustas e catures foram estes capitães: D. Lourenço d'Alméida, D. Diogo de Castro, Antonio Cabral, D. Francisco de Souza, Luiz da Costa, Diogo Ribeiro Cahema, Duarte Pereira, Pero Pereira, João d'Ornellas, Pedro Coelho da Silva, João de Figueiredo, João de Freitas, D. Francisco de Noronha, Aleixo de Souza, Francisco Botelho, Tristão da Cunha, Gonçalo Vaz de Camões, Gaspar de Sá, Ruy de Souza, Ruy Pereira de Sampaio, Vicente de Saldanha, Miguel Telles, Jorge da Silva, João Corrêa de Brito, João da Silva Barreto, filho bastardo do governador Francisco Barreto, D. Luiz de Castelbranco, filho de D. Fernando de Castelbranco, camareiro-mór d'El-Rei; D. Diogo d'Atayde, filho de D. Alvaro d'Atayde, irmão bastardo do conde da Castanheira, Manuel de Siqueira, Christovão Juzarte Texão, Henrique Barbosa, Manuel de Oliveira de Azevedo, João Barriga Simões, Alvaro Lopes da Costa, Pedro da Silva de Menezes,

Christovão do Amaral, Vicente Carvalho, João de Abreu, sargento mór, Christovão Fernandes, homem da terra, em uma galeota sua, com que veiu de Cochim. Levou dois galeões de provimentos, capitães Francisco Barradas e Amador Gilão. Levaria nesta armada tres mil homens, ou mais.

Chegando a Barcellor o Viso-Rei entrou o rio e desembarcou com toda a gente posta em armas, e ordenada em bandeiras, e foi marchando para a fortaleza que estava sobre um tezo, no qual os inimigos estavam mui fortificados. Começaram a dispender sua artilharia e grande numero de arcabuzaria, que veiu fostigando por entre os nossos, e foi a couza de feição que disse um certo fidalgo ao Viso-Rei que parasse, que lá ia adiante quem rebatesse as forças aos inimigos. Luiz de Mello, que ia perto do Viso-Rei, que ouviu aquillo, respondeu alto: *Ide, Senhor, por diante, e se vos matarem, de redor de vós levaes mais de vinte capitães que podem ser Viso-Reis do mundo.* Chegando á fortaleza os que iam diante a acharam despejada, que não ousaram os inimigos a esperar nella os nossos, e assim entrou dentro o Viso-Rei e tomou posse, e lhe poz o nome de Santa Luzia, por entrar naquelle dia, e nomeou por capitão d'ella a Antonio Botelho seu primo com irmão, e fortificou aquella fortaleza muito bem, e a deixou provida mui bastantemente, e com navios no rio: d'alli se passou ao rio de Onor, onde fez outra fortaleza, a que poz o nome Santa Catharina, cuja capitania deu a Jorge de Moura, colaço do principe D. João, pae d'El-Rei D. Sebastião, e como foi tempo se recolheu a Gôa.

## CAPITULO XII

*D. Paulo de Lima Pereira, capitão de uma galeota, em companhia do Viso-Rei D. Antonio de Noronha, dá soccorro a Damão*

PARA dar razão d'esta jornada é necessario repetir brevemente d'onde nasceu a occasião do Viso-Rei D. Antonio de Noronha ir ao Norte, que foi esta. O anno de 53, sendo Viso-Rei D. Antonio de Noronha, e Rei de Cambaya Sultão Mamede, o que poz cerco á nossa fortaleza de Diu em tempo de D. João de Castro, que em cruezas e maldades passou por seu tio El-Rei Sultão Badur: pelo que tratou de o matar um moço que elle criára chamado Barandim, de que só se fiava, e dormia na sua camara; ou que o demonio lhe metesse em cabeça que podia ser Rei, ou fosse induzido de alguns capitães, em fim como quer que fosse elle o matou uma noite ás punhaladas, e logo se apoderou dos paços, por lhe acudirem alguns capitães de sua valia, porque tinha já muita posse pela privança d'El-Rei. Divulgada a morte d'El-Rei, acudiram ao paço outros capitães, entre os quaes foi um chamado Xavascão, de casta Guzarate, homem muito destemido, e achando a Barandim no throno real, que lhe cometteu lhe fizesse veneração como a Rei, embebeu um arco e o passou pelos peitos com uma fréchada, de que logo cahiu morto; e indo-se recolhendo lhe deram com outra pelas espadoas, que tambem o derrubou da mesma maneira. Ficaram assim as couzas té acudir Madre Maluco, senhor de Baroche, com dez ou doze mil cavallos, e o mesmo fizeram outros dois capitães, Thimitichan, que de gentio se fez mouro, e Cide Bombareque com mais de

vinte mil homens, e chegando á côrte se compozeram todos tres e repartiram entre si os thesóuros e mandaram buscar um moço de sete ou oito annos, chamado Amed Xá, que diziam ser filho do Sultão Mamede, e o levantaram por rei, ficando este em poder de Madre Maluco, que governava tudo absolutamente. Foi isto mau de soffrer a Thimitichan, e ajuntando grosso poder entrou em a cidade Amadavá, e lançou mão do Rei, e o Madre Maluco fugiu para Baroche: depois teve tanto artificio, que tratou com o Rei moço que fugisse para elle, como o fez; e estando lá algum tempo, não se achando á sua vontade, tornou a fugir para Thimitichan, em cujo poder esteve té este anno de setenta e tres, sendo já homem o pobre Rei, que era como uma estatua. E porque começava a haver entre os capitães grandes uniões sobre lhe darem o seu Rei, receando-se o Thimitichan que o matassem, despediu correios ao Hecbar, Rei dos mogores, que estava em Agará, pelos quaes lhe escreveu e pediu viesse tomar posse d'aquelle reino, que elle lh'o entregaria com o Rei. O Mogor vendo que lhe offereciam sem golpe de espada couza tamanha e que tanto desejava, partiu-se muito apressado com cincoenta mil cavallos, e entrou pela cidade Amadabá e se apoderou do Rei e do Thimitichan, que logo mandou em boa guarda para Agará; e depois de se senhoriar da casa real foi correndo as cidades do reino e sojugando-as todas até Baroche e Surrate, e de todas tirou thesouros innumeraveis.

Estava em Damão por capitão d'aquella cidade D. Luiz d'Almeida, filho de D. Lopo d'Almeida, o qual sendo avisado do poder do Mogor, e como se vinham avisinhando seus capitães ás terras de Damão, vendo-se com muros rôtos por todas as partes, e sem outra fortificação mais que umas tranqueiras de paus meti-

dos em uns vallos de hervas leiteiras, houve-se por perdido, e despediu logo recados apressados ao Viso-Rei e a Baçaim e Chaul, para que lhe acudissem; e entretanto se ficou fortificando o melhor que pôde. O capitão do Mogor, que com quinze mil cavallos chegou a Balsar, mandou um enviado a D. Luiz, em que lhe mandava, *que logo despejasse aquella cidade, que era d'El-Rei Hecbar, senão que a iria tomar.* D. Luiz entendendo que o mais que lhe podia damnar era a desconfiança, valeu-se dos termos da prudencia, e lhe mandou responder: *Que elle tinha avisado ao Viso-Rei da India, sem cujo recado não podia fazer couza alguma; e que em chegando a resposta lhe entregaria a cidade, se elle o mandasse; que intretanto visse o que lhe cumpria d'elle, que estava prestes para o servir.* Com isto se entreteve o mouro, havendo que sem duvida lhe entregaria a fortaleza, e andou fazendo seu negocio, sujeitando as comarcas Poari, Nasami e outras.

O recado de D. Luiz chegou em breves dias ao Viso-Rei, e vendo as cartas, chamou a conselho logo e as leu, e disse que se fizessem prestes, porque elle havia de acudir em pessoa áquella necessidade; e assim se começaram a preparar e de se lançarem navios ao mar, e metter-lhes dentro provimentos; e no principio de Janeiro de quinhentos e setenta e tres se embarcou e se fez á véla em uma das mais potentes armadas que na India se fizeram, que foram cinco galeões, cujos capitães eram: D. Pedro de Castro, D. Francisco Henriques, Manuel de Brito, Ayres de Sousa e Mem Lopes Carrasco. Quinze ou dezaseis galés e galeotas grandes: capitães o Viso-Rei na *Bastarda*, D. Jorge de Menezes, Diogo de Azambuja, D. Pedro de Menezes, D. Henrique de Menezes, D. Miguel de Castro, filho do Viso-Rei D. João de Castro,

Rodrigo Homem da Silva, filho de Vasco Fernandes Homem, D. João da Gama, Francisco da Silva de Menezes de Campo Maior. Galeotas: D. Paulo de Lima Pereira, D. Diogo de Menezes, D. Antonio de Souza, Gaspar de Brito do Rio, João de Mello de S. Payo, Manuel Furtado, irmão de André Furtado, Fernão de Albuquerque. Fustas mais de sessenta, capitães: D. João da Costa, D. Francisco Mascarenhas, D. Rodrigo de Souza, D. Felipe de Castro, Alexandre de Souza, D. Antonio de Castro, D. Martinho da Silveira, D Francisco de Souza, Ayres Falcão, Antonio Mascarenhas, Jorge da Silva Pereira, filho de Ruy Pereira, D. Lioniz Pereira, Martim Affonso de Mello, Diogo Lopes de Mesquita, Nuno de Mendoça, Antonio Botelho, Manuel de Miranda, Antonio de Souza Coutinho, Pedro Furtado de Mendoça, Manuel de Souza Coutinho, que foi governador da India, Pedro Juzarte, Alvaro de Abreu Pereira, Manuel de Mello, Christovão de Tavora, Antonio Telles de Menezes, Diogo de Mello Coutinho, D. Luiz de Menezes, irmão de D. Diogo de Menezes, D. Sancho de Vilhena, Manuel de Saldanha, Pedro Botelho Meirelles, Lopo Vaz de Siqueira, o Inquisidor Bertholameu da Fonseca, Francisco de Mello de Sampaio, D. João, Principe de Ceilão, Sufocan, filho de Mialecan, Agostinho Nunes, filho do fisico mór, Gaspar Tavares, Polinario de Val da Rama, Estevão de Pina, Manuel Alvares, Pedro Fernandes, D. Garcia Malabar, Diogo Dias do Preste, Francisco Pessoa, Estevão Gonçalves, capitão dos Inhames, Pedro Fernandes Brochado, Gregorio Botelho, Luiz Freire de Cochim, Christovão de Araujo Evangelho, João Fernandes da Costa, Fernão Dalvares Doriente, Gaspar de Sá, Luiz de Souza, Gonçalo Guedes de Reboredo, Antonio Despinola, Prancisco Paim de Mello, João Gomes de

Abreu de Lima, Nuno Cordeiro, Jeronymo Carvalho, Miguel Dias Picoto, Fernão Gomes Cordovil, Diogo da Silva, Lopo Pereira, Damião Furtado, Diogo Collaço, João Ferreira Fialho, Alvaro Ferreira, Vicente Dias de Vilhalobos, Veador da Fazenda, Cosmo Duarte, Rodrigo Monteiro, Antonio Corrêa, Ouvidor geral, Diogo do Quintal, o capitão da guarda com os alabardeiros, e outros.

Dada á véla esta armada, em pouços dias chegou a Baçaim, e d'alli despediu D. Diogo de Menezes com vinte navios, para que fosse a Damão, e com D. Luiz puzesse em conselho aquelle negocio de sua ida lá: porque os mais dos capitães da armada eram de parecer que o Viso-Rei não passasse de Baçaim, e que mandasse a Damão todo o poder, porque com o Mogor ter o olho em elle estar em Baçaim, havia de cuidar que ficava com elle o maior poder. Mas o Viso-Rei partio de Gôa deliberado a se ir em pessoa meter em Damão, porque na barra de Gôa meteu no corpo uma malha, e dizia aquelle verso: *Damas, armas, amor*. E tanto que despediu D. Diogo, ficou em terra esperando recado, onde tornou a pôr em conselho sua ida; e posto que foi contrariado de muitos, todavia os mais se acomodaram ao desejo que lhe sentiram. D. Diogo chegou a Damão, em casa do capitão fez ajuntar conselho, e assentou-se nelle que o Viso-Rei acudisse, porque os inimigos vinham entrando pelas terras. Com esta resolução voltou e deu os pareceres ao Viso-Rei assignados; com que se embarcou logo, e em breves dias chegou a Damão, em cujo rio entrou com toda aquella potencia, que assombrava o mundo, ficando os galeões fóra, e deixou-se estar na sua galé, sahindo todos os dias fóra a visitar a cidade e fortificação; e porque achou a cerca mui grande a cortou e a fez mais restringida e de melhor

fórma para se poder defender. O capitão mogor, que estava já em nossas terras, tanto que soube ser o Viso-Rei chegado, não passou adiante, e despediu um recado a lhe pedir salvo conducto para o mandar visitar, o qual o Viso-Rei lhe mandou; e porque lhe quiz mostrar sua potencia o esperou no mar, e mandou meter os galeões no rio, e as galés no meio d'elles. e toda aquella maquina de fustas de longo da terra de uma e outro parte, que não havia logar em que pudesse chegar uma almadia. O mogor despediu o embaixador, que era um grande capitão (diziam que da casta dos antigos reis) trazia cinco ou seis mil cavallos, e o dia que havia de vêr ao Viso-Rei mandou elle embandeirar a galé e pôr-lhe seu toldo de velludo e brocado, e alcatifar toda de pôpa a prôa, e ordenou que todos os capitães se fossem para elle armados, e o mais custosamente que pudessem; e assim acudiram mais de duzentos.

O dia que o mogor havia de entrar na galé, que era uma manhã, e que entrou tambem D. Paulo de Lima mui bem armado, o embaixador se embarcou na manchúa do Viso-Rei, em que foi Antonio Cabral, que era capitão da sua galé, e o meteu dentro com os que escolheu, e no toldo d'ella se assentou em uma cadeira de brocado, e desaferrando da terra para a galé começaram os galeões suas salvas, e apoz elles as galés, e logo todas aquellas fustas, com tão grande terror e espanto, que se arrependeu o mogor de se vêr metido no meio d'aquelle labyrinto; porque como a manhã era fresca, e o rio ficava muito mais baixo que a terra, fazia por elle um estrondo aquella artilharia, e úns écos tão medonhos que metiam medo. Durou isto mais de duas horas, ficando a cidade, a terra e a armada, e ainda o ceu escondido tudo no meio d'aquellas chammas e fumo, que não sabiam por onde

iam; e assim se deteve o mogor sem passar adiante até aclarar o tempo, e como se descobriu, chegou á galé e entrou pela prôa dentro, levando-o de mão Antonio Cabral, e foi passando pela coxia, olhando de uma e outra parte aquella bizarria d'aquelles fidalgos e capitães, que estavam todos armados, e muitos d'armas brancas inteiras, e como o sol começava a nascer, que feria em seus corpos, deitavam de si tamanho resplandor, que cegavam; e assim foi até á estanteirola, onde estava em pé D. Jorge de Menezes, alferes mór, armado de ponto em branco de armas riquissimas, e na cabeça uma gualtespa de aço da feição de uma vieira, cuja lua vinha sobre a testa com grandes plumagens, e nas mãos um montante, e como elle era um dos grandes e formosos homens do seu tempo, pasmou o mogor de o vêr. Ao entrar do toldo se lhe alevantou o Viso-Rei, que era um homem agigantado, armado com uma saia de malha, e por cima um tabardo, e o recebeu com honra, e o fez assentar em uma cadeira raza, e o Viso-Rei na sua de espaldas: alli lhe perguntou pela pessoa d'El-Rei, e de seus filhos, e pela do Chanchana, que era o capitão que o mandava, e com isto lhe fez muitos offerecimentos; e depois de passada a visita, o despediu com peças mui ricas que lhe deu, e lhe disse apoz elle ia logo seu embaixador a visitar El-Rei, e ao sahir da galé o tornaram a salvar com o mesmo estrondo, de maneira que quando o mouro chegou a seu arraial ia tão assombrado, que nem fallava nem ouvia, e lá disse o que vira, do que espantou a todos.

O Viso-Rei despedio logo Antonio Cabral por embaixador ao Rei Hecbar, e lhe mandou um rico presente, e foi mui bem acompanhado de muita gente de cavallo, e em companhia d'aquelles capitães mogores foi a Baroche, onde El-Rei estava, o qual o mandou

receber por seus capitães, e elle o fez com grande magestade; e depois de muitos cumprimentos, tratou do substancial, que era mandar-lhe dizer o Viso-Rei que El-Rei de Portugal seu Senhor era mui grande seu amigo, e que desejava muito ter com elle paz, e que elle em seu logar se lhe mandava offerecer para tudo o que cumprisse a seu serviço com aquella armada e poder; a que tudo o Mogor respondeu em forma, e veio a concluir que queria ser amigo d'El-Rei e do Estado, e lhe mandou logo passar um soberbo formão, em que concedia a El-Rei de Portugal a cidade de Dámão com todas as suas terras e jurisdição, assim como as possuia; e defendia que nenhum capitão seu inquietasse suas terras sob pena de morte. E com isso jurou as pazes, o que fez Antonio Cabral tambem em nome do Viso-Rei, e se despediu muito satisfeito, e muito mais o ficou o Viso-Rei de segurar aquella cidade e terras, que correram muito risco, se não acudira a ellas em pessoa.

## CAPITULO XIII

### *De um omizio que succedeu a D. Paulo, pelo qual lhe foi necessario ir-se para Ormuz, onde se casou*

Envejosa a fortuna das felicidades d'este fidalgo e das que mais podia ter, se as não atalhasse, o fez por um caso que lhe deu bem de trabalho, cortando-lhe o fructo quando se ia sazonando, e succedeu assim. Já disse como este fidalgo era muito gentilhomem, e com outros doens que a natureza com elle repartio liberalmente: e como neste tempo estava na flôr de sua edade, que seria de trinta e quatro an-

nos,' em que o appetite sensual reina mais, fez algumas travessuras da carne, por que se pudéra passar, se não foram com algumas casadas, principalmente neste tempo em que se embarcou com uma mulher, de muita formosura, que é o cebo da mancebia, a qual era casada com um homem rico e abastado. E correndo os amores, e continuando-se as visitas, a derradeira em que a fortuna, como disse, lhe tinha armado, tendo-o ella recolhido em uma torre de suas casas, foi o marido avizado, e como tinha muitos escravos jáos, chinas e outros, deu-lhes armas, e elle as tomou, e cometeu a porta, que D. Paulo lhe defendeu com muito valor com uma espada e rodella, em que era muito déstro. E vendo-se apertado, em que era forçado morrer, determinou a ser no meio d'aquellas armas, e não encurilhado, e assim pondo o remedio no braço, rebentou pela porta e cortou pelo meio d'aquellas lanças e alabardas, de que me não lembra se foi sangrado, e varando pelas portas que estavam abertas, sahio á rua quasi sem folgo. A triste mulher vendo a desaventura, com o temor da morte se deitou por uma janella fóra, e em baixo se despedaçou; cuido que ainda assim a acabou o marido, o qual ao outro dia foi dar uma querella de D. Paulo de Lima; pelo que lhe foi forçado passar á outra banda da terra firme, fronteira ao Paço de Naroá, e alli esteve algum tempo com dez ou doze soldados, criados e escravos com espingardas, partazanas e lanças. E como aquelle sitio era muito custoso e arriscado, e não poderia atural-o, tratou por todas as pessoas graves assim seculares como religiosos de seu perdão; e o mais que puderam acabar com o que o accusava foi que lhe perdoava com condição que se fosse fóra de Gôa, o que elle acceitou e assim se passou á fortaleza de Ormuz, aonde esteve algum tempo. Havia

naquella cidade um fidalgo de Portalegre chamado Fernão de Montaroy, de muitos serviços e merecimentos, e um dos avizados homens com que na India fallei, e que mais sahia da côrte, e dos homens, que todos, o qual fôra alli ter d'armada, e naquella cidade casou com uma filha de Garcia de la Penha, gente muito nobre e rica, e assim o tempo que alli viveu foi dos principaes e mais abastados da terra. Tinha havido nesta mulher uma filha muito formosa, como o foi sua mãe, chamada D. Beatriz, que seria de dezoito annos; e vendo alli aquelle fidalgo perseguido da fortuna, e que já estava despachado com a fortaleza de Chaul, tratou de o casar com o filha, e assim o veio a effeituar, dando-lhe dez ou doze mil cruzados em casamento; e posto que este fidalgo não estivera tão acossado da fortuna e em tanta necossidade, não pudéra casar melhor, havendo de o fazer. Viveu algum tempo em Ormuz, e parecendo-lhe que era necessario tratar de seu livramento, porque se lhe chegava o tempo de sua fortaleza, veio-se para Gôa com sua mulher, cuido que em principio do governo do conde d'Atouguia da segunda vez, ou antes d'elle no de D. Diogo de Menezes; e porque ficava quebrado o perdão, andou escondido, e o Viso-Rei, fidalgos velhos e religiosos mui graves, trataram muitas vezes de seu perdão com aquelle homem, buscando-lhe todos os meios possiveis para isso, sem o poderem acabar com elle. Até que um dia de grande jubileu no mosteiro de S. Domingos, estando este homem lá, e tendo os Prelados avizo do negocio, chegou a mulher de D. Paulo a elle, e se lhe lançou aos pés, e com infinitas lagrimas lhe pediu pelas Chagas de Jesus Christo quizesse perdoar a seu marido, porque andava desterrado, e ella descasada d'elle; que bem conhecia a razão que tinha para tudo; mas que aca-

bassem com elle aquellas lagrimas e aquelle Christo, por cujo amor lho pedia. Os Prelados acudiram alli, e fizeram seu officio mui bem. O homem vendo aquella mulher tão desconsolada e aferrada com seus pés, lhe respondeu que por amor de Christo, por que lhe pedia, e por amor d'ella elle lhe perdoava; mas que lhe pedia que se não encontrasse com elle, nem passasse pela rua em que vivia. Ficou D. Beatriz consolada, e fez-se-lhe perdão naquella forma, que D. Paulo cumpriu á risca; porque entendeu bem a muita razão que o homem tinha da sua parte. Este auto alegrou a todos, porque era D. Paulo de Lima muito amado geralmente do povo por suas qualidades, e assim se acabaram seus desterros, e ficou habilitado para entrar em sua mercê.

## CAPITULO XIV

*D. Paulo de Lima Pereira capitão de dez navios ao Norte, entra em Dabúl, onde pelejou com outros dez de inimigos, que destruiu e desbaratou, e queimou muitas povoações pelo rio dentro*

PRIMEIRO que trate da jornada que D. Paulo fez ao Norte, o farei das razões porque foi eleito para esta armada, e a que effeito o mandou nella o conde d'Atouguia D. Luiz d'Atayde.

Andando alguns navios nossos aventureiros na costa do Norte, dos quaes eram capitães D. Jeronymo Mascarenhas, D. Diogo da Silveira, D. Antonio seu irmão, e outros; entraram no rio de Dabúl, quarenta e duas leguas de Gôa, a se refazerem de algumas couzas, e todos estes capitães, sómente D. Jeronymo Mascare-

nhas, desembarcaram em terra pelos mandar convidar Melique Tojar, tanadar d'ali, e foram ao banquete sem armas. E estando em sua casa, tendo a gente já para aquella traição, mandou dar nelles e mataram a maior parte, e os que puderam fugir para as fustas o fizeram, e com aquelle impeto chegaram apoz elles á praia e entraram de romania a fusta de D. Jeronymo Mascarenhas, a que elle acudiu com uma espada e rodella com alguns soldados que tinha, e brigou tão valorosamente com os mouros que os lançou fóra do seu navio, e se veio para Gôa.

Vendo o governador D. Diogo de Menezes aquella maldade e traição, estando de paz comnosco, despediu a D. Pedro de Menezes, filho de D. Manuel de Menezes para ir invernar a Chaul e negociar uma armada com que nella sahisse a esperar as náos que haviam de vir de Meca, e para fazer na costa do Idalxá toda a guerra que pudesse. O que D. Pedro de Menezes fez muito bem, e pelejou com duas náos que fez dar á costa, por ser o tempo muito grosso. Andando elle nesta obra chegou D. Luiz d'Ataide, conde de Atouguia, segunda vez por Viso-Rei da India em o fim de Agosto de setenta e oito; e informado do que tinha acontecido aos nossos, ordenou a D. Pedro proseguisse na guerra, mandando outras armadas áquella costa para isso, e fazendo-a o Viso-Rei em pessoa ao Idalxá pelos rios de Gôa dentro em suas povoações; o que continuou até o Idalxá pedir pazes e dar satisfação ao Estado com degradar de Dabùl o Melique Tojar, autor da morte d'aquelles fidalgos, e que nunca mais tornaria a Dabúl. E sendo informado que neste anno de oitenta e um tornára o Melique Tojar ao cargo de tanadar de Dabúl, e qne fazia prestes uma náo para Meca, para a deitar fóra sem cartaz a despeito do Estado, contra o tratado das pa-

zes, quiz acudir áquillo e defender-lhe a navegação, e ainda destruir-lhe sua costa.

Para esta jornada elegeu D. Paulo de Lima Pereira, porque sabia que havia de fazer o que elle pertendia muito bem; e assim o despedio com dez navios, em que entravam duas galeotas, em que se embarcou a melhor e mais lustrosa soldadesca da India, e lhe deu o titulo de capitão mór e general de toda a costa do Norte, com poder sobre todas as armadas e navios que por ella andassem; dando-lhe por regimento que entrasse o rio de Dabúl e queimasse a náo que se fazia para Meca, e que fizesse toda a guerra e hostilidades que pudesse por aquella costa. Os capitães que o acompanharam são os seguintes: Jorge da Silva Coelho, Duarte de Mello, Gonçalo Coelho, Ignacio Nunes, Gonçalo Tavares, Nuno Vaz de Castelbranco, Duarte da Silva, D. Francisco de Sá, e outros.

Seguindo este capitão sua derrota, aos quatro dias chegou perto de Dabúl, onde tomou algumas almadias de pescadores, os quaes mandou metter a tormento para saber d'elles o modo de como o Melique Tojar estava fortificado, e o estado e logar em que a náo estava, de que lhe não deram verdadeira informação, ao menos a seu gosto; pelo que foi passando adiante até chegar ao rio de Dabúl, cuja entrada estava tão perigosa, que se não fôra cahir aquillo no peito d'este grande capitão, que se não rendeu nunca a medo, não se poderia cometer, pelas muitas carrancas que sua entrada mostrava de fortes e grandes baluartes de todas as partes, tranqueiras e fortificações mui intricadas, guarnecidas de grossa e poderosa artilharia, e entulhados da gente de guerra e de muita arcabuzaria; e pela terra de longo da praia seis mil homens de cavallo, que já meteram de outra vez espanto e terror a quatro armadas que sobre aquella barra es-

tiveram, que quando entraram foi com grandes receios e perigo de se perderem. Em fim D. Paulo de Lima que levava regimento que entrasse o rio e queimasse a náo, nada do muito que viu o espantou: antes tomando o remo em punho foi entrando pelo meio d'aquelles perigos, e por entre fumo tão espesso das grossas e ameudadas bombardadas que lhe escondiam o caminho por onde havia de passar; o qual elle, como capitão valoroso foi diante mostrando aos seus, chovendo sobre os navios coriscos e bombas de temeroso fogo, que de todas as partes lhe atiravam; e assim por entre tanto genero de morte passou até o largo do rio, onde surgiu. E sabendo que a náo que havia de vir para Meca estava metida pelos estreitos dentro e descarregada, pelo receio que teve da armada; porque lhe não ficasse aquella entrada sem alguma satisfação foi logo cometer duas náos do Idalxâ que estavam na povoação da Nactiaria envazadas e cheias de agoa, e com muita gente dentro e artilharia, e por terra todo o mais poder, correndo de uma e outra parte para as favorecer. E chegando ao logar da bateria descarregou nellas por grande espaço muitas cargas que fizeram nellas grande destroço, e d'ellas foi tambem mui bem fustigado, e da terra o mesmo; e vendo que na parte em que estava não havia desembarcadouro para as poder ir queimar, foi-lhe necessario retirar-se, e depois de descançar foi pelo rio acima com a maré e desembarcou em muitas partes, em que queimou e abrazou muitas povoações, aldeias mesquitas, pagodes, e tomou dois navios de remo que mandou logo desfazer; e assim se deixou andar alguns dias por aquelle rio fazendo muito espantosa e cruel guerra ao inimigo. O qual vendo os notaveis damnos que tinha recebido, além da affronta grande de lhe entrar em sua casa pelo meio de tantas fortificações,

determinou de se satisfazer, e despediu uma manchúa ligeira a chamar Cartale e Mandavirai, dois cossarios malabares que com cinco galeotas andavam para a parte de Chaul, mandando-lhes cometer grandes partidos para virem pelejar com a nossa armada; e entretanto ficou armando outros cinco navios que tinha, os quaes forneceu de parseos, turcos, de canís e outras nações, e lhes meteu sua artilharia e muita espingardaria para se ajuntarem aos malabares, que logo chegaram mui soberbos e se foram surgir na cidade, onde se viram com o Melique Tojar, o qual os persuadiu a irem pelejar com os nossos, affirmando-lhes que estavam faltos de munições pelas terem gastadas na bataria que deram ás náos, e dando outras razões com que lhe facilitaram tanto a victoria que haviam, que a tinham nas mãos; entregando-lhes os outros cinco navios que tinham prestes com mais de quinhentos homens das castas que disse. E além d'isso mandou ajuntar grande numero de parós e almadias, para emquanto a peleja durasse os mandar cevar com gente e munições; o que tudo foi no mesmo dia em que chegaram, por estar tudo prestes. Logo arrancaram todos juntos da face da cidade com grandes gritos, vozearias, tabalinhos, trombetinhas e outros instrumentos de que usam, e pela terra fervia a gente de cavallo, e as almadias pela praia, para vêrem aquelle espectaculo que esperavam, e victoria que cuidavam que tinham nas mãos.

D. Paulo de Lima com vêr aquelle caso tão repentino não perdeu por isso o animo; antes com muita ordem preparou os seus navios, pondo-os em ála, e nos cabos cada uma sua galeota as mais possantes, e elle com a sua no meio, fazendo o mais breve que pôde uma falla aos capitães e soldados, em que lhes lembrou as obrigações que tinham a pelejarem pela

Lei, pelo Rei e pelas vidas; e como os inimigos se vinham chegando disse aos capitães que não dispendessem a munição senão depois dos inimigos descarregarem suas cargas. E com grande confiança se poz ao pé da estanteiróla armado de armas ligeiras e fortes, e uma espada e rodella, tão seguro em seu animo que me affirmaram algumas pessoas da sua galeota que se lhe não enxergou mudança alguma, senão muita alegria e gosto de se vêr naquelle estado, em que esperava de lhe dar Deus Nosso Senhor uma muito honrosa victoria.

Os inimigos que vinham com sua determinação, chegando a tiro de berço despararam a tormenta de sua artilharia, que era muita, por serem as galeotas dos malabares de camellos; e depois de passado o nevoeiro, que ficaram os inimigos descubertos, descarregaram os nossos navios com grande ordem toda a sua carga, que como estavam já mais juntos fez nos inimigos maior emprego, e com aquella furia se investiram todos; e como eram iguaes em numero, mas não em poder, pelo seu ter tres vezes dobrado, pegou cada um de seu navio, e assim como lhe cahiu a lanço D. Paulo de Lima investiu uma das galeotas malabares que mostrava mais bizarrisse, e trazia mais galhardetes, e ficando abordados, poz D. Paulo os olhos nos seus, e levantou a voz, dizendo aquillo de David: *Propitius esto mihi maximo peccatori.* E remetendo com os inimigos, chamando pelos seus soldados que o seguissem, lançou-se na galeota acompanhado dos principaes, e entre os mouros fez tantas cavallarias, tão alegre sempre e risonho, que causava nos seus dobrado animo, e assim em breve espaço axorou a galeota, metendo á espada a maior parte dos mouros, e a outra se lançou ao mar bem escalavrados todos.

Os outros capitães cada um rendeu a que lhe cahio

em sorte com muito valor e esforço; e Duarte da Silveira o fez a uma galeota a que deu tôa, e vindo-se com ella ao capitão mór, encontrou outro navio dos inimigos abrazado em fogo, do muito que lhe lançou o capitão que com elle pegou, e chegando-se a elle tambem lhe deu tôa, e com ambos se foi ao capitão mór que já estava com a victoria arrematada, e o mesmo fizeram os outros capitães com o que rendeu: só um escapou, que se acolheu a levar novas a Melique Tojar da grande destruição que ficava feita na sua armada, de que escaparam poucos, sem da nossa haver damno notavel, mais que dois ou tres mortos e alguns feridos.

D. Paulo de Lima vendo tamanha mercê de Deos deu-lhe graças postrado por terra, e logo correu todos os seus navios, e com palavras muito honradas e prudentes deu muitos louvores aos capitães e soldados, e mandou curar os feridos, e não quiz botar ao mar os mortos por irem ter a terra, e depois o fez no mar largo. Concluido tudo, sahiu-se o mesmo dia pela barra fóra por entre todas aquellas carrancadas dos fortes, tranqueiras e baluartes que o Melique Tojar tinha reforçados; e ao sahir mataram um soldado chamado Fabião Magro, ao qual tinham dado uma espinguarda, cujo pelouro lhe ficou metido na firma dos calções, sem cahir nem lhe fazer damno; e mostrando-o elle a Nuno Vaz de Castelbranco, que foi para lhe tirar o pelouro, lhe disse elle que lho deixasse ficar, porque lho não havia de tirar d'alli senão sua dama: e como Deos é Juiz justo e lhe aborrecem muitas ingratidões, vendo que lhe não déra graças nenhumas em seu coração pelo livrar d'aquelle perigo, antes ia com o tento em suas maldades e torpezas, encaminhou um pelouro que o foi matar, estando deitado dentro no toldo da fusta.

E assim se sahiu D. Paulo de Lima deixando muito bem vingada a morte dos fidalgos aventureiros que alli matou o Melique Tojar á traição, e satisfeitas as affrontas que este mouro tinha feito ao Estado.

Dada á vela a armada chegou a Gôa com a armada inimiga na popa da sua, com o que veiu dando uma formosa salva pelo rio dentro, acudindo ao caes toda a fidalguia e povo de Gôa a receberem este capitão famoso a quem Deos tinha feito tantas mercês, e chegando ao caes poz as prôas nelle. Aqui succedeu uma galantaria de D. Martinho da Silveira. Tinha elle emprestado a D. Paulo uma copia de prata de seu serviço para o da sua galeota, e pondo ella a prôa em o caes, o primeiro que entrou foi elle, e chegando a D. Paulo, lhe disse estas palavras: *Senhor, mande-me V. m. dar a minha prata porque lha não emprestei para a arriscar tantos por tantos.* Ao que lhe elle respondeu: *Que onde se arriscava um tamanho servidor seu, tambem se podia arriscar a sua prata.* D. Paulo desembarcou com todos os seus capitães e soldados armados com as mesmas armas com que pelejaram, e foi-se a casa do Viso-Rei D. Luis de Ataide, que o veiu receber á porta da sala, e o levou nos braços, dizendo-lhe estas palavras: *Senhor D. Paulo, que determina V. m.? Quer que lhe demos todos peçonha?* D. Paulo com muita graça lhe respondeu: *Peçonha trazem as minhas armas para os inimigos em tempo de V. Senhoria, cujos estes effeitos e victorias todas são.* E depois abraçou todos os capitães e soldados, com que não se teve palavras, senão obras, porque a todos fez mercês e deu muito dinheiro; e alli disse a D. Paulo que se reformasse logo e tornasse a correr aquella costa, o que D. Paulo fez com muito gosto. E no principio de Março sahiu pela barra fóra mui bem negociado, porque o Viso-Rei D. Luiz era mui

provido de tudo. E depois d'elle partido, d'ahi a dois dias falleceu o conde D. Luiz, poque nos dias que D. Paulo se deteve em se aviar adoeceu, e em fim morreu, e lhe succedeu Fernão Telles, que escreveu a D. Paulo dizendo que estava esperando por elle com outras tantas galeotas á tôa. Este fidalgo foi sua derrota a Damão, por levar regimento que fosse a Surrate impedir que não sahissem duas náos que se faziam prestes para Meca; e em Damão soube do capitão e veador da fazenda que já tinham dado fiança a tornarem a pagar os direitos nas alfandegas d'El-Rei, com o que voltou; e vindo-se recolhendo, para que nem aquella vez fosse sem preza, encontrou uma fusta de malabares, que neste capitão tinham o seu flagello, a qual tomou, trazendo comsigo grande copia de navios de mercadores, a que veiu dando guarda até á cidade de Gôa, que ficou cheia de fazendas.

## CAPITULO XV

*Cabe a D. Paulo de Lima entrar em a fortaleza de Chaul: no caminho toma um paró de malabares*

Ficou D. Paulo de Lima descançando de quantos trabalhos tinha levado em seu desterro e no serviço d'El-Rei até Abril de 83, em que lhe cabia entrar na capitania da fortaleza de Chaul, de que estava provído, para a qual o conde D. Francisco Mascarenhas o despachou muito bem, com muitos favores e liberdades; e no tempo acima dito se embarcou para se ir para ella, levando em uma galeota sua mulher D. Beatriz, indo na sua companhia alguns navios de mercadores, a que foi dando guarda. E por-

que não lhe ficasse jornada em que os inimigos não provassem seu ferro, inda nesta indo com sua mulher tomou um paró de malabares, e a todos passou pela espada. Chegou a Chaul, tomou posse da sua fortaleza em que esteve tres annos, tão bemquisto de todos que quando acabou seu triennio ficaram chorando por elle. Foi capitão recto de justiça, pouca cobiça, nunca avexou os moradores no meneio de sua fazenda; porque como era fidalgo virtuoso temia a Deus em materias de encargos, e assim sem elles tirou da sua fortaleza ao redor de setenta mil xarifes, com que se veio para Gôa com tenção de passar logo ao reino, e aposentou-se alli até ser chamado para ir destruir a cidade de Jor, como logo direi.

## CAPITULO XVI

*D. Paulo de Lima é eleito para ir soccorrer a fortaleza de Malaca que o Rei de Ujantana tinha de cerco*

SENDO mez de Março de oitenta e sete chegaram a Gôa cartas de Malaca em que o capitão e povo representavam ao Viso-Rei D. Duarte ficar El-Rei de Ujantana com grosso poder sobre aquella fortaleza, affirmando que se não a soccorressem sem duvida se perderia. Pelo que o Viso-Rei chamou logo todos os capitães velhos a conselho, e lhes mandou lêr as cartas pelo secretario, e sobre isso mandou a Jeronymo Rebello lhe désse relação das couzas d'aquella cidade, como fez. O que visto por todos, votaram que se lhe mandasse uma poderosa armada com poder bastante para castigar aquelle

inimigo, porque outra vez não intentasse semelhantes damnos; porque se dissimulassem com elle, estava muito certo ser sempre visinho mui molesto e importuno, e que cada anno meteria a India em revolta; pelo que o bom seria de uma vez cortar-lhe as raizes, e deital-o fóra d'aquelle lugar.

Com esta resolução quiz logo o Viso-Rei pôr em ordem aquelle negocio, e mandou logo concertar os navios para aquella jornada, e ajuntar mantimentos, munições e petrechos necessarios. E porque o Estado estava falto de dinheiro, e de soldados e navios por andarem d'armada, não viu d'onde melhor se pudesse valer, que das cidades do Estado, que para semelhantes socorros estiveram sempre prestes com grande lealdade e zêlo do serviço de Deus e d'El-Rei. Despediu Manuel Rebello seu capitão da guarda, e com elle Jeronymo de Lima com cartas para as cidades de Chaul e Baçaim, e para as pessoas principaes d'ellas, nas quaes lhe representava as necessidades do Estado, e o trabalho em que a fortaleza de Malaca ficava, pedindo-lhes o soccorressem com dez ou doze mil pardáos de emprestimo, dos quaes se pagassem em si proprios nos fóros de suas aldeias; para o que logo lhe passou provisões muito largas, e escreveu a Balthasar de Siqueira, veador da fazenda d'aquellas fortalezas lhe mandasse com muita presteza todos os mantimentos, munições, remos, cifas, cotonias e todas as mais couzas necessarias para o provimento da armada.

Despedido este recado, que foi logo, fez chamamento dos officiaes da camara da cidade de Gôa, a qual sempre esteve offerecida a estes successos do serviço d'El-Rei, em satisfação dos quaes a tem os Viso-Reis e governadores tão atada, e lhe guardam tão mal seus privilegios, que muitos d'elles, té eleições

que são livres, se não faz senão o que querem: sobre o que tem clamado aos Reis, e mandado ao reino seus procuradores, sem terem mais respeito que tornarem-na a metter logo nas mãos dos Viso-Reis, os quaes nunca hão de largar a mão da jurisdição que sobre ella tem tomado. E deixando esta materia, em que havia bem por onde cortar a penna, tornemos aos vereadores que foram chamados, aos quaes o Viso-Rei representou com muitas palavras o grande risco em que ficava a fortaleza de Malaca, e quanto importava soccorrel-a logo, porque acontecendo por descuido um desastre, perder-se-hia o commercio da China e Japão, de que todos os moradores da India e o Estado se sustentavam; e que pois por então não havia com que lhe poder soccorrer, por não haver dinheiro no thesouro, pelas muitas despezas que eram feitas nas guerras que se alevantaram, que lhes pedia o quizessem ajudar com aquelle seu tão antigo zêlo e lealdade que sempre se achou naquella cidade nas cousas d'aquella qualidade; porque seria deshumanidade perder-se á mingoa uma cidade tão importante ao Estado da India, e na qual todos tinham parentes e amigos naturaes, e tantos templos religiosos e innocentes: que lhes pedia em nome d'El-Rei, a quem elle representaria aquelle tamanho serviço, para que lho satisfizessem em honras e mercês, lhe emprestassem vinte mil pardáos, para com elles e com os mais que pudéssem ajuntar, supprir a necessidade tão urgente e necessaria, e que d'elles se pagariam logo nas rendas de Salsete, as quaes d'alli em diante consignava para isso em seu poder té serem pagos d'aquella quantia; e que para maior satisfação sua lhes daria todas as seguranças que mais quizessem. Os vereadores que eram Francisco Peixoto, Christovam da Costa e Francisco de Andrade, lhe responderam que

muito bem viam o estado das couzas e a necessidade de Malaca; que fariam chamamento do povo, e o persuadiriam tudo o que pudessem que El-Rei fosse servido naquelle particular e em todos os mais, e que ao outro dia lhe levariam a resposta.

## CAPITULO XVII

*Do que mais passou nesta eleição*

PASSADO aquillo, foram os vereadores á camara e fizeram logo chamamento das pessoas principaes, e lhe representaram o que o Viso-Rei lhes disse, e lhes lembraram a obrigação que todos tinham de soccorrer a fortaleza de Malaca, que era a chave de todas aquellas partes; porque o Estado se via impossibilitado, pelas muitas despezas que eram feitas na guerra: que agora haviam todos de mostrar os quilates da lealdade portugueza, emprestando vinte mil pardáos, que o Viso-Rei pedia, pois eram para remediar couza tão necessaria, significando-lhes as seguranças que o Viso-Rei lhes dava para logo d'èlles serem pagos; e depois de muitas alterações e debates vieram todos a conceder no emprestimo. Logo alli se fez rol de todos os moradores que podiam acudir com alguma couza, e se lhes lançou a quantia, que se lhe alvidrou confórme a sua sustancia; e com isto se foram ao Viso-Rei, e lhe disseram que elles tinham servido a El-Rei naquelle negocio, como sempre o fizeram e fariam em as couzas d'aquella cidade: que o emprestimo que lhe pedira, o povo todo o fazia com muito gosto, que lhes pezava a todos de se não acharem em estádo para o servirem com mais; e que a

troco d'este serviço lhe pediam todos uma mercê, a qual era que para aquella jornada elegesse D. Paulo de Lima, porque tinham todos confiança em seu esforço e boa ventura que daria muito bom fim áquella empreza e a tantos trabalhos, como Malaca cada dia passava com tão ruins visinhos.

O Viso-Rei ficou sobresaltado com aquelle requerimento, porque segundo se presumia tinha feito em seu peito a eleição em seu tio Ruy Gonçalves da Camara, assim por ser fidalgo velho, como por lhe pertencer aquella jornada mais que a outrem, por capitão mór e conquistador do Achem, cujos ordenados comia: mas vendo o que aquella cidade lhe pedia, e o faziam tambem por suas cartas o capitão, o Bispo, e a cidade de Malaca, que ou Mathias de Albuquerque, ou D. Paulo de Lima fosse áquella empreza, houve que viria aquillo por Deus; e respondeu aos vereadores que pois a elles lhes parecia bem aquella eleição, que era muito contente de lhes fazer a vontade; porque D. Paulo de Lima era fidalgo em que concorriam as partes e qualidades que se requeriam para couza tão importante.

Os vereadores estimaram muito aquillo, e lhe entregaram o rol do emprestimo, e elle lhe mandou passar todas as provisões que lhe pareceram necessarias, pelas quaes mandavam aos recebedores de Salsete, que no quartel seguinte acudissem á cidade para pagamento d'aquelle emprestimo. Logo mandou arrecadar pela cidade o dinheiro pelo rol que os vereadores lhe deram, no que se excedeu o modo pelos officiaes; porque alguns que logo não contribuiram com o que lhes coube, e pela ventura que o não teriam á mão, foram prezos, avexados e executados; e inda isto se soffrera bem, se se pagara aos homens o emprestado, assim o d'esta jornada, como o de outras muitas, em

que ficaram por pagar, com lhe empenharem, como agora fizeram, os rendimentos de Salsete, os quaes se tornou a lançar mão d'elles, de que inda hoje ha muito dinheiro por pagar, como inda ha d'este; porque morreu este Viso-Rei primeiro que pudesse fazer o tal pagamento, e muito ordinario é os que succedem não pagarem estas dividas, posto que as fizessem para couzas tão necessarias, como se se não fizeram para o serviço d'El-Rei; e dão por razão, porque as não pagou o Viso-Rei ou governador que as fez: e ficam assim em dividas velhas, que nunca se pagam: por onde, se se os homens fecharem, não devem de lhe pôr culpas, senão aos Viso-Reis, que para pagarem estas dividas lhes falta dinheiro, e para mercês e alvitres a quem querem, lhes sobeja. Em fim com este emprestimo e com dez ou doze mil pardáos que as cidades de Baçaim e Chaul mandaram, e com os provimentos que Balthasar de Siqueira ajuntou pelo Norte, ficou o Viso-Rei pondo as mãos na armada, e mandou chamar D. Paulo de Lima, a quem com palavras muito honradas cometeu aquella jornada, dizendo-lhe fizesse apontamentos da armada, gente, e capitães, e de tudo o que mais lhe parecesse necessario; porque esperava em Deus e em seu esforço e boa fortuna, que aquella empreza havia de ter o fim que se desejava.

D. Paulo de Lima aceitou a jornada, estimando muito a confiança que o Viso-Rei mostrou ter d'elle; e fazendo seus apontamentos, pedia tres galeotas, duas galés e doze fustas e galeotas, e setecentos soldados de paga, o que o Viso-Rei lhe concedeu. Declarada esta eleição, acudiram muitos fidalgos a se offerecerem ao Viso-Rei; e o primeiro foi Manuel de Souza Coutinho, D. João Pereira, herdeiro da casa da Feira, Francisco da Silva de Menezes, e outros que logo nomearemos, o que o Viso-Rei estimou muito, e

aceitou o offerecimento a todos; só a Manuel de Souza Coutinho escusou, dizendo-lhe que o tinha guardado para maiores couzas; como se o coração lhe adivinhára que muito cedo lhe havia de succeder naquelle lugar. D. Paulo de Lima foi dando pressa á armada, e com o Viso-Rei fez a eleição dos capitães que o haviam de acompanhar; e porque faltava gente e navios pequenos, escreveu o Viso-Rei com muita pressa a Ruy Gomes da Grã, que estava em Panane, e lhe pedio lhe valesse naquella necessidade, e lhe mandasse quatrocentos homens dos que tinha, porque segundo as couzas estavam quietas da parte do Çamorî, lhe bastavam outros tantos que lhe podiam ficar, e mais sendo elle capitão; porque por Malaca, que era a chave da India, se havia de deixar tudo, e que com isto lhe mandasse alguns navios com suas chusmas, porque pela pressa não havia por então d'onde se melhor pudésse valer.

Ruy Gomes com estas cartas despedio logo tudo o que se lhe pedia, que chegou a muito bom tempo, e todo aquelle verão faltou; porque té de lanças, que não havia nos almazens, se valeu dos cidadãos de Gôa, e andavam os vereadores por suas casas tomando-lhas dos seus cabides, a quem duas, a quem tres; com o que se ajuntou uma copia arrazoada, que não podia ser mais miseravel estado que este, estando com tamanhas duas obrigações, como de Malaca e Ceilão, que nestes mesmos dias tinham chegado as cartas de João Corrêa de Brito, em que pedia soccorro de gente e mantimentos, porque sem duvida seria cercado no inverno; o que deu bem que entender ao Viso-Rei. E a falta d'estas couzas procedem do descuido dos officiaes do reino, d'onde antigamente vinham todos os annos grande somma de lanças, peitos, momorîs e espingardas repartidas pelas náos, com que os almazens

de Gôa estavam continuamente mui bem providos. Em fim deixando estas couzas, que não tem emenda: o Viso-Rei D. Duarte, como era de grande animo, não se acahou com as novas de Ceilão: antes com muita brevidade, a voltas da pressa com que estava das couzas de Malaca, negociou logo uma náo que lhe mandou carregada de mantimentos, munições e o dinheiro ue pôde; e escreveu a João Corrêa que se remediasse por entretanto com aquillo, porque como acabasse com as couzas de Malaca o proveria muito melhor. E assim deu tanta pressa á armada, que a dois dias por andar de Abril se fez á véla, achando-se elle com os vereadores presentes a despediram com grandes bençoes de todo o povo, por ir naquella armada todo o remedio da India.

Levava D. Paulo todos os poderes do Viso-Rei assim na justiça como na fazenda, e muitos largos regimentos do que havia de fazer. Os capitães que nesta jornada o acompanharam são os seguintes: D. João Pereira e Francisco da Silva em galeões; D. Bernardo de Menezes, filho de D. Pedro de Menezes o Ruivo, e Matheus Pereira Sampayo em galés; nos navios de remo Francisco de Souza Pereira, Diogo Soares de Mello, Antonio Coelho, Balthasar Froes, D. Pedro de Lima, irmão de D. Paulo de Lima, D. Nuno Alvares Pereira, irmão de D. João Pereira, Simão d'Abreu de Mello, Fernão Pegado, Gaspar de Valladares, Gaspar Dias e outro Foão Casado de Chaul, a que não soubemos o nome, o qual foi armado á sua custa. Na barra fez D. Paulo alarde da gente que levava, cuidando serem setecentos soldados, não achou mais de quinhentos; do que não ficou satisfeito, por se ter penhorado com o Viso-Rei e vereadores na destruição de Jor; e do mar lhe escreveu sobre isso cartas, em que mostrava alguma desconfiança da jornada, a qual foi seguindo com bom tempo.

## CAPITULO XVIII

*Dos successos que teve esta armada de D. Paulo de Lima até a costa do Achem, onde tomaram um embaxador que mandaram ao Rei de Ujantana*

PARTIDO D. Paulo de Lima de Gôa, como dissemos, foi seguindo sua derrota, e a 27 de Maio chegou a haver vista da terra do Achem, a qual foram costeando aquella noite, na qual se apartaram os navios de Pedralves d'Abreu e os do Froes e Coelho, que perderam o farol. D. Paulo foi com a mais armada sempre de longo da costa, com tanta falta de agoa, principalmente na galé de D. Bernardo de Menezes, que havia dois dias que á mingoa d'ella não faziam de comer, e para a beber lhe tinha soccorrido Diogo Soares de Mello com a que pôde; e foi a necessidade tamanha que ordenou D. Paulo fazer agoada na mesma costa, onde melhor pudésse, posto que se entendeu que havia de custar sangue: mas não havia outro remedio, e assim despedio os navios de remo, nomeando por uma carta que em segredo deu a Simão d'Abreu, que elle fosse capitão mór de todos, por ser um soldado velho, muito bom cavalleiro, e por escusar entre os mais fidalgos pontos de opinião, arrufos e desmanchos, que a enveja sóe a causar. E indo buscar estes a terra houveram vista de uma embarcação pequena, a qual seguio D. Nuno Alvares, e já perto da terra a tomou sem gente, porque toda se lançou á praia.

Ao outro dia, que foram 8 de Junho, indo correndo a ribeira deram com um riacho pequeno, que vinha por uma praia chã sahir ao mar por entre duas pontas baixas, mas com muito arvoredo; e por lhes pa-

recer que seria doce, ordenaram marinheiros com vazilhas para irem enchel-as, e foram dar-lhe guarda Matheus Pereira e Diogo Soares, com vinte homens cada um nas bateiras das galés, chegando se os navios da armada a ella tudo o que puderam para os favorecer; e indo buscar em terra, foi Diogo Soares para tomar a ponta de diante, onde já appareciam alguns elefantes; mas por encher a maré foi espalmando a bateira, pelo que não pôde vingar mais que a primeira ponta, onde já desembarcava Matheus Pereira e saltaram todos em terra com a agua pela cinta, deixando cada um em sua bateira um de seus soldados de maior confiança, para as terem no rolo do mar para uma necessidade, se se offerecesse. Matheus Pereira passou um pouco adiante, e Diogo Soares ficou na ponta com as costas uns nos outros, para se defenderem de muitas e mui apressadas arcabuzadas de que eram servidos da outra banda do rio de uma copia de gente que acudio, que debaixo do arvoredo se recolheu; e de tão perto quanto era a largura do rio, que seria menos de tiro de pedra, os marinheiros iam já por elle acima a buscar agua bem dentro, porque enchia a maré, e os nossos com a arcabuzaria favorecendo-os, e esforçando-os com tamanho animo, que lhes não lembrava estarem na terra do Achem com armas na mão tão poucos, onde se não podia desembarcar senão com grande poder, e mais vendo vir engrossando cada vez mais o corpo da gente que acudia, e recrecerem mais elefantes.

Os marinheiros, por muito que entraram pelo rio não poderam chegar á agoa doce, porque a maré tinha entrado muito por elle; e achando-a já salobra e de feição que tornaria para uma grande necessidade, encheram as vazilhas e vieram-se recolhendo, favorecidos sempre da nossa arcabuzaria, que não cessou,

porque da outra banda chovia já muita sobre elles; e chegados á boca do rio foram-se com seus barris a nado ás fustas, que estavam perto, e os capitães se recolheram nas bateiras seis e seis, sendo elles os derradeiros. Nesta mesma ribeira mandou Affonso de Albuquerque, indo para Malaca, fazer agoa por D. João de Lima, Antonio d'Abreu e Nuno Vaz de Castelbranco em seus bateis; e indo com o primeiro caminho da agoa os dois, ficou só Nuno Vaz com a sua gente, e lhe sahiram muitos negros para o acometterem, e ficando-lhe algumas pipas vazias, fez naquella ponta uma tranqueira d'ellas, detrás das quaes com sós oito companheiros se defendeu com muito esforço, fazendo signal á armada com uma bandeira para que lhe socorressem; o que visto por D. João de Lima e Antonio d'Abreu, que iam com a agoa, antes de chegarem á armada voltaram e os soccorreram, estando já tres feridos, e com sua chegada se foram os inimigos.

E tornando a nosso fio, com esta pouca e ruim agoa se remediaram os nossos, e foram-se seu caminho; porque os galeões logo se fizeram na volta da outra costa; e indo estes navios já afastados da costa houveram vista de duas embarcações, uma pequena e outra de dois mastros, as quaes Diogo Soares foi seguindo; e a maior de apertada foi varar na terra té d'onde elle a seguio, e logo acudio muita gente com elefantes para lhe soccorrerem. Diogo Soares se chegou perto e desparou nelles algumas falcoadas, com que lhe havia de fazer por força muito damno; e a voltas d'isso deitou alguns marinheiros ao mar com cabos, para os irem dar ao navio para o tirarem para fóra, e apoz elles se lançou um soldado chamado Diogo da Silva, francez de nação, mas criado no reino, que os foi animando e os fez chegar, sem

lho estorvarem muitas espingardadas que lhe atiraram da terra, e deitando-lhe os cabos por popa á fusta, a força do remo a foi tirando para fóra; o que quiz fazer, posto que era velha e não tinha nada, só para quebrantar os inimigos, e lhes mostrar que podiam os portuguezes tirar da sua terra os navios e desembarcar nella todas as vezes que quizessem; e para os mais magoar lhe mandou pôr o fogo á sua vista, e como era noite escura pareceu aos da terra que se queimavam mais embarcações.

Toda aquella noite foram os nossos navios navegando, e pela manhã se chegaram bem a terra para verem e notarem alguma parte em que pudessem fazer agoa, que não fosse salobra, porque a necessidade da sede que os apertava era tal, e o perigo da falta d'ella tamanho, que o haviam por maior que as espingardadas e fréchadas que pudessem achar em terra. E indo muito perto d'ella viram uma ponta, que lhes pareceu ilha; e assim era, porque um pequeno estreito a apartava da terra; e chegando a elle mandaram vêr se tinha agoa, e achando-a deserta a necessidade lhes ensinou a cavar na praia aos pés de algumas arvores, e a poucos palmos acharam agoa excellente: e notou-se aqui uma cousa maravilhosa, que em duas póças juntas acharam uma doce e outra salgada. Aqui fez toda a armada agoada em abstança, e todos se lavaram, recrearam e refrescaram, e a um junco que acharam no estreito vazio, puzeram o fogo, posto que de terra acudio muita gente pelo defender. Nesta ilha acharam umas arvores com uma fructa quasi como ameixas brancas, e os pés compridos como peras; e comendo algumas pessoas d'ellas logo alli de subito lhes deram grandes desinterias com accidentes mortaes, e nestes entrou D. Bernardo de Menezes, em que obrou mais aquella peçonha, ou

porque comeria mais, ou por ter a natureza mais mimosa; mas depois tornou com muitas contra peçonhas, como os mais, sem perigo nenhum.

## CAPITULO XIX

*Do que mais aconteceu á armada de D. Paulo de Lima até chegar a Malaca, e de algumas embarcações de Achens que tomou no caminho*

Sahidos da ilha fartos de agoa e fóra dos trabalhos que tinham padacido, foram seguindo sua derrota largando logo á terra; e vendo um navio, lhe foi D. Nuno Alvares dar caça, e por ser tarde e se armar um bulcão grande, o marearam pela agulha, e sem o verem, pelo rumo foram dar com elle, e logo foi entrado e axorado, matando seis pessoas e tomando quatro, ficando dos nossos outros quatro feridos de crizadas, porque eram todos jáos, gente bellicosa e esforçada. Com estes captivos se foi D. Nuno Alvares para a armada, e dos jáos souberam que Malaca estava quieta, e D. Antonio de Noronha com uma armada em Jor, e que nenhuma armada do Achem era sahida fóra; com o que todos os nossos se alegraram. Ao outro dia pela manhã houveram vista de tres lancháras tão compridas como galés, duas ao mar e uma a terra: e indo-as seguindo foram ellas seu caminho muito seguras, por cuidarem que eram Achens; e já quando viram serem de portuguezes foi a tempo que Simão d'Abreu de Mello e D. Nuno Alvares eram com uma das duas que ficou atrás, porque as outras foram apertando o remo.

Os nossos em chegando a esta lhe deram com uma surriada de panellas de polvora, das quaes ficou abrazada; e porque os de diante se iam escoando e as mais fustas vinham perto, deixaram aquella e foram seguindo as mais. D. Paulo de Lima chegou á lanchára que elles deixaram e lhe deitou dentro tanto fogo que abrazou a todos, e com a força d'elle se lançaram todos ao mar, ficando dentro só um jáo, que com um criz se defendeu de todos os soldados de D. Pedro valorosamente, depois de ter dispendido o seu almazem de fréchas, de que tinha feridos quasi todos. Os que andavam a nado, que eram mais de setenta, vendo quão pouca gente havia na fusta de D. Pedro a foram demandar com os crizes nas bocas, e pegaram d'ella, trabalhando pela entrarem; mas foi a tempo que a galé de Matheus Pereira e a fusta de Diogo Soares chegaram, que ás espingardadas os fizeram outra vez lançar ao mar, andando já pegados nos remos, e na agua foram mortos muitos, e outros captivos: só Matheus Pereira tomou vinte, em que entrava o capitão mór de certas vélas que o Rajale mandava ao Achem a persuadil-o ao ajudar na empreza de Malaca; o qual era um homem de tanta autoridade entre elles, que já havia sido embaxador na côrte do turco. Diogo Soares tomou oito pessoas, entre as quaes foi o embaxador que ia ao Achem, e um filho seu. Tomaram-se nesta lanchára tres moças, em que entrava uma muito nobre, que ia visitar a mulher do Achem da parte da do Rajale, com quem se elle criou. Os outros navios foram em seguimento das outras duas lanchāras, que se foram dividindo, as quaes vararam em terra de apertadas; e porque tanto que houveram os nossos vista das lanchāras levava D. Nuno Alvares por popa a embarcação que tinha tomado; por lhe não ser impedimento lhe meteu dentro alguns

moços e lhe largou o cabo mandando que surgisse. E por isto ser perto da terra e os mouros d'ella estarem vendo a caça que os nossos davam ás lanchâras, meteram-se um magote d'elles em uma embarcação e endireitaram com a que viram só, para a tomarem. Foi isto a tempo que Diogo Soares acabava a pescaria dos mouros; e vendo vir aquella embarcação de terra mandou forçar o remo para valer á embarcação de D. Nuno Alvares, e foi atirando algumas falcoadas, porque a dos mouros ia já chegando; com o que os fez voltar para terra e elle tomou a embarcação á tôa, a levou comsigo e a entregou a D. Nuno Alvares.

Simão d'Abreu quanto que vio as lanchâras varadas foi seu caminho e mandou levar perante si o embaxador que ia ao Achem, e d'elle soube ao que ia, e de como o Rajale ficava prestes com grande poder para ir cercar Malaca; e achando-lhe uma carta que levava para o Achem a abrio, a qual era muito breve e escripta em arabio, e tudo o que ella dizia era por metáforas, como todos estes Reis do Oriente costumam escrever, e mandando-a lêr dizia assim:

*Malaca é como uma sementeira, se lhe falta a agoa, seca-se; por isso faze-te prestes e vem-te: eu com minha armada e gente te acompanharei para a tomarmos.*

Dizer elle que Malaca era como sementeira que se lhe faltasse a agoa secaria; entende-se pelos soccorros da India, o qual elle havia que lhe não podiam ir aquelle anno, e faltando-lhe, não poderia deixar de se perder, pela grande necessidade em que a tinha posta. D'aqui foi a armada caminhando de longo da costa do Achem, pela qual foram vendo muita gente de pé e de cavallo que ia soccorrer a fortaleza de Pacem que tinha um visinho de cerco, da qual elles tambem houveram vista: porque passando pela boca

de um rio sobre o qual ella está fundada a foram notando de vagar; e Francisco de Souza se chegou mais a terra para vêr se podia tomar uma lanchára que ia perto d'ella, a qual lhe varou na praia, e ao som de um tambor acudio muita gente a ella em seu favor, a qual elle servio de falcoadas á sua vontade.

E indo assim sua derrota, aos quatorze dias de Junho encontraram seis lancháras grandes a terra, e uma mais ao mar, as quaes eram da companhia da armada que levava o embaxador de Jor. E posto que Simão d'Abreu quizera não se embaraçar com ellas porque receava chegar a Malaca, foi-lhe forçado comete-las, porque lhe ficava atrás o navio de Fernão Pegado, que vinha só, e receiou que dessem com elle, e assim as foram seguindo, e ellas fugindo para a terra. Indo nesta diligencia começou a apparecer o navio e foi-se sua derrota, porque as lancháras estavam abarbadas com a terra, e passando pela ilha Polvoreira fizeram sua aguada, e d'aquella parte em que houveram vista da primeira terra do Achem té ella, havia quarenta legoas, nas quaes sempre de longo d'ella acharam fundo para navios d'alto bordo poderem surgir um tiro de berço da terra; e tudo muito limpo, sem baixo nem restinga alguma. D'alli atravessaram a outra costa, porque por aquella corriam muito as agoas; e ao outro dia foram dar em umas ilhas pegadas á outra costa, que eram nove, e por entre ellas entrou toda a armada á sua vontade, e de longo da costa foram té Malaca; onde chegaram a cinco dias de Julho, e já lá acharam os navios de Pedralves d'Abreu e os do Froes e Coelho que se tinham apartado o primeiro dia que viram a costa do Achem, e não acharam novas de D. Paulo, de que logo daremos razão.

## CAPITULO XX

*Do que neste tempo aconteceu em Malaca, e de como Simão d'Abreu com os navios de remo da companhia de D. Paulo de Lima se foram para Jor, e D. Antonio de Noronha desembarcou em terra e ganhou o forte da praia*

O Rajale de Jor ia fazendo suas preparações e convocando os visinhos para se acharem com elle naquella jornada; e ainda o Achem, ao qual mandava aquelle embaxador que a nossa armada tomou, e segundo o grande cabedal que todos metiam para este negodio e aquella fortaleza estava necessitada de tudo, parecia que se ameaçava a sua ruina, se Deus não acudira com a armada de D. Paulo; porque na presteza com que o Viso-Rei D. Duarte a negociou, estando todo o Estado apertado por todas as partes, claramente se vio que Sua Divina Magestade tinha os olhos nella e não queria que seus sagrados templos fossem profanados, nem tantas donzellas violadas e tanto innocente mal tratado. E caminhando aquella armada de D. Paulo de Lima por todo aquelle caminho sem contrastes, deparando-lhe por elle tantas victorias como atrás contámos; porque assim troca Deus pensamentos vãos, que fez sentir o Rajale sobre sua cidade o que elle cuidava que faria sentir a Malaca; e as armas que ajuntava para sua ruina lhe fossem depois necessarias para sua defensão.

Prestes os bantins, partiram-se para Jor, e por acharem o tempo contrario tornaram a arribar, quando já era chegada a armada de Simão d'Abreu, como atrás dissemos. E vendo o Bispo e vereadores que tardava

D. Paulo, pediram áqueles capitães que se fossem para D. Antonio de Noronha, para entretanto fazerem correr alguns mantimentos: e parecendo a todos bem, assim na mesma ordem em que ia se partiram a doze de Julho, tornando em sua companhia a armada dos bantins, que tinha arribado; e aquella noite deu um tempo tamanho que apartou a armada, e os bantins se recolheram ao rio de Muar, e as galés e fustas foram correndo com tranquetes em popa. E indo a fusta de Diogo Soares só, ouviram d'ella brados piedosos, e governando ao som d'elles acharam uma embarcação pequena, a que chamam baga, quasi alagada, e dentro nella um homem, que foi tomado, e disse que era christão, e que havia algum tempo que estava captivo em Padão, e que vendo a armada de dia, tivera modo para fugir e se meter naquella embarcação para a ir buscar; e assim escapou o pobre de dois perigos grandes, captiveiro e morte, que se lhe não escusava se não fôra dos nossos ouvido. Passado o tempo ajuntou-se a armada e foram entrando o estreito de Sincapura, e posto que estava entupido com as patayas, todavia estavam de feição que bem podiam por elle passar as náos se não fossem muito carregadas. Por todo este estreito acharam os nossos muitas embarcações de pescadores, que chamam celetes, a quem compraram peixe.

Chegada a armada ao rio de Jor, onde já acharam D. Antonio de Noronha, foram-se todos os capitães ao seu galeão a se lhe offerecer, e Simão d'Abreu desistiu de capitão mór d'aquelles navios, e deu a obediencia a D. Antonio, sobre o que houve muitos cumprimentos de parte a parte. Ao outro dia deram os navios de remo tôas aos galeões, e foram entrando pelo rio dentro, porque já os nossos não se contentaram de lhe ter tomado a barra, senão de lhe ir fazer

guerra á sua cidade. O Rajale que teve avizo que a armada ia entrando, deitou a sua fóra, que era uma galé e vinte navios cheios de muita gente, para que fossem cometer e pelejar com os nossos. Fernão Pegado que ia diante com a tôa do galeão, em os vendo largou o cabo, e o mesmo fizeram os mais cspitães, e se prepararam para pelejarem com os inimigos, e D. Antonio de Noronha surgiu logo com os galeões. Fernão Pegado endireitou com a galé que vinha diante, e ambos se deram sua salva de artilharia, de que feriram a Fernão Pegado alguns marinheiros; e passando avante para investir a galé foi ella virando com toda a mais armada inimiga, porque viram a determinação com que todos os nossos navios iam cometelos, e com muita pressa se acolheram para a cidade. Mas os navios de D. Nuno Alvares Pereira e Pedralves d'Abreu que eram mais ligeiros chegaram aos trazeiros, e pondo as prôas em cada um seu, não esperando os de dentro golpe de espada, lançaram-se ao mar, ficando-lhe os navios, e Fernão Pegado foi seguindo a galé té se meter debaixo de umas grandes casas que elles tem armadas sobre o mar, a que chamam pangóes; e de terra lhe atiraram muitas bombardadas, de que quasi o destroçaram.

D. Antonio de Noronha tanto que surgio, vendo ir a armada apoz a dos inimigos meteu-se em um bantim ligeiro e foi faze-los recolher; porque os achou ás bombardadas com os da terra, que lhe atiraram assim de cima da cidade como um forte a que chamavam o Coritão, que tinham feito de madeira sobre um tezo um pouco afastado da praia, para defender a desembarcação, o qual seria capaz de duzentos homens que nelle estavam de guarnição, e com trinta peças de artilharia, entre grossas e meudas. Com este forte se puzeram os nossos navios ás bombardadas, e

lhe derrubaram alguns páos, e lhe mataram muita gente, e foram ellas de feição que lhe fizeram largar o forte e se recolheram todos a um palmar que ficava perto. Antonio de Andria, capitão mór dos bantins de Malaca vendo aquillo fallou com os seus, e todos juntos se baldearam em terra, sem fallarem com D. Antonio, e remettendo com o forte o entraram e mandaram recolher a artilharia d'elle pelos marinheiros, e depois deram fogo ao forte, em que todo se consumio.

Feito isto levaram-se nos bantins, e de longo da praia, quanto diz a face da cidade encontra o arrabalde, foram dando fogo a muitas embarcações commuas que estavam á borda da ribeira varadas; e chegando ás casas que alli havia, que eram de madeira e palha, lhe pozeram fogo, o qual foi lavrando de uma em outra té dar em uns almazens, outras cevas muito grandes, cheios de drogas e fazendas, no qual elle tomou tanta posse e fez tamanho damno, que parecia que ardia o mundo. Fernão Pegado, D. Nuno Alvares, Pedralves d'Abreu, Simão d'Abreu e outros meteram-se debaixo d'estas casas armadas sobre o mar, e lhe deram fogo por muitas partes, com o qual todo ardeu e saltou no arrabalde, de que a maior parte se consumio. Em todo este tempo assim da terra como do mar era uma confusão de estrondo de artelharia, cuja fumaça encobria o sol, e cujo terremoto ensurdecia a todos; com o que tiveram tempo alguns portuguezes que estavam prezos no tronco do arrabalde de se soltarem e fugirem para os nossos sem serem vistos dos inimigos, que andavam acudindo á sua fazenda, nos quaes a artilharia das fustas fez muito grande estrago. E recolhendo-se os nossos com esta primeira victoria, não só deixaram feito muito damno nos inimigos, mas ainda os deixaram tão amedronta-

dos, que andavam como pasmados; porque o primeiro dia que sentiram o ferro dos nossos, assim lhe foi cruel e espantoso, que se cometeram então a cidade, sem duvida a ganhariam.

Aqui aconteceu um caso que se teve por milagroso; e foi que estando o arrabalde ardendo, na mór força do fogo se armou um chuveiro, como sóe acontecer os mais dos dias naquella terra, por estar chegada á' Equinocial, o qual se desfez em um diluvio de agua que parecia que os navios se alagavam, e o mesmo aconteceu na cidade; mas no arrabalde, que ficava em meio ardendo em fogo, não cahio uma só gota de agua: com o que queria Deus mostrar aos inimigos quanto favorecia aos seus fieis. Os que andavam em terra se recolheram carregados de despojos e captivos; e foi o feito tal, que não deixou de causar enveja nos de fóra, porque os peitos portuguezes o que menos soffrem é vêrem outros metidos nos perigos em que elles não sejam companheiros, senão quanto lhe isto mais entra nos feitos que obram não sómente seus naturaes, mas ainda seus proprios paes e irmãos. O que não é tanto com os estranhos e nações differentes; porque assim como Deus Nosso Senhor lhes deu um valor tão conhecido no mundo, tambem lhes deu confiança para haverem que nenhuma outra nação póde cometer feito tão arriscado, no qual se se elle visse lhe não fosse facil de cometer e acabar. E não nos envergonhamos de dizer isto dos nossos naturaes, porque é verdade mui sabida por todas as partes do mundo, a qual por alguns estranhos lha não poderem negar lha dissimulam em muitas couzas, como nós vimos e lemos em alguns; como se o encobrir o louvor alheio não fosse furto manifesto. Em fim recolhidos os nossos, ao outro dia chegou a armada mais á cidade para de mais perto

a baterem. Aconteceu este successo a 21 de Junho, um domingo. Estimou-se a perda das fazendas e embarcações em mais de duzentos mil cruzados; com o que o Rajale ficou mui quebrantado, porque nunca lhe pareceu que os nossos cometessem aquella desembarcação tão apressada, e assim o caso foi acelerado, e sem conselho algum.

## CAPITULO XXI

*De como D. Antonio de Noronha tratou de cometer a cidade e foi contrariado dos capitães da armada de D. Paulo, e de como contra parecer de todos desembarcou, e das couzas que lhe aconteceram*

Toda aquella noite passaram os da armada com grande regozijo, e porque o feito todo foi dos homens de Malaca, ficaram elles tão golosos d'elle que aconselharam a D. Antonio, que pois lhe Deus dera um tão grande principio de victoria, seguisse sua fortuna e cometesse a cidade, porque segundo os inimigos ficaram atemorizados, ser-lhe-ia muito facil de entrar; e que pois a occasião e a ventura lhes offerecia uma grande victoria, não a quizesse guardar para D. Paulo. D. Antonio como era ambicioso de honra e bom cavalleiro, foi-lhe facil de persuadir aquella empreza e determinou de a tentar, posto que o feito era muito arriscado; mas como os fins de tamanha gloria não se podem pretender sem risco de grande ventura, quiz vêr aonde a sua chegava; porque se para elle estava guardado negocio tão importante, vindo a ter fim por suas mãos, não tinha mais que desejar.

Com esta resolução mandou chamar os capitães todos ao seu galeão e lhes propoz aquelle negocio, persuadindo-os a que seguissem a sua fortuna, pois lhe começava já a dar signaes muito certos da victoria; porque os inimigos estavam todos medrosos e quebrantados da perda passada, e elles com as armas ainda tintas no fresco sangue, e com o furor e animo alvoroçado e quente: que lhe parecia bem não o deixar arrefecer e commeterem a cidade, a qual esperava em Deus que facilissimamente seria entrada; porque se tamanho damno como elles receberam o dia d'antes foi só pelas mãos de quatro batineiros de Malaca, que se esperaria quando tantos e tão esforçados capitães e valorosos soldados como alli estavam puzessem os pés naquella terra? que por sem duvida tinha que tudo se lhe renderia.

Os capitães da armada de D. Paulo de Lima que já estavam advertidos do para que os chamaram e iam resolutos no que haviam de responder, votando um e um vieram a concluir todos conformes que não era bem que se arriscasse toda aquella gente e aquella armada em couza tão desigual, como era com menos de trezentos homens que alli podia haver cometerem uma cidade cheia de muitos e fortes baluartes, e providos de muita e muito basta artilharia, e com dez ou doze mil homens de armas muito determinados a defenderem a sua cidade, suas casas, suas fazendas, e sobre tudo suas mulheres e filhos; porque se acontecesse algum desastre ficava D. Paulo sem armada, sem capitães e sem soldados para o effeito, para que o Viso-Rei o mandava. E o peior seria que tendo o inimigo (o que Deus não quizesse) victoria d'elles estava muito certo morrerem no feito todos os portuguezes de honra, e que ficava o inimigo tão soberbo, que tomando toda aquella armada iria com ella pôr cerco

a Malaca, que segundo estava piedosa, só Deus lhe poderia valer. E que dado que Deus lhe desse a elles victoria teriam que dar conta a Deus, a El-Rei e a D. Paulo, de quem todos eram soldados, da honra que lhe furtavam: que o negocio estava em termos que não perdiam occasião, nem havia nenhum perigo na tardança, porque o inimigo já não podia ser soccorrido de fóra; e que se esperasse por D. Paulo, e entretanto se batesse a cidade e que se quebrantassem os inimigos com assaltos; e que depois vindo D. Paulo, fazendo-lhe Deus mercê de lhe dar aquella cidade, a honra era de todos, e a elle D. Antonio lhe não podiam negar a mór parte d'ella.

Só D. Bernardo de Menezes, que era parente de D. Antonio, foi de parecer que se cometesse a cidade logo, porque segundo a fraqueza que os inimigos mostraram na defensão do seu arrabalde e no forte do Coritão, e elles estavam medrosos, que sem duvida a tomariam; e que quando a victoria estava hoje certa, que esperar para amanhã não era bom conselho. D. Antonio lhe disse que aquella era a verdade, e que aquelle seu voto era de Scipião. D'isto ficaram todos tomados, e Diogo Soares disse que os Scipiões com a espada na mão se veriam quando se a cidade cometesse. Os capitães das fustas e bantins que estavam affeiçoados a D. Antonio votaram que se cometesse a cidade, dando as razões de D. Bernardo; mas como os capitães da armada de D. Paulo eram mais e de mór authoridade, ficaram os outros votos vencidos, e assentou-se que se batesse a cidade e que se quebrantassem os inimigos com assaltos té vir D. Paulo. E com isto se recolheram.

Ao outro dia, que foram 23 de Julho, meteu-se D. Antonio no seu bantim e passou pelas fustas, e deu recado a todos os capitães que se chegassem a terra

e que começassem a bataria, o que elles fizeram. Os galeões despararam logo aquella tempestade de esperas, camellos e outras peças grossas, e juntamente com elles as galés e fustas; e foi a cauza de feição que parecia fundir-se o mundo. A cidade tambem fez terremoto grande, mostrando que por toda ella á roda não havia covado de muro que não tivesse a sua peça de artilharia com que se defendesse; e assim com o estrondo de uma e outra parte ficou o dia parecendo uma carranca infernal, por se não vêr em todo elle outra cousa que fumo e fogo, e não se ouvir mais que trovões e terremotos.

## CAPITULO XXII

### *D. Antonio de Noronha desembarca em Jor, acompanham-no os capitães da armada de D. Paulo de Lima, e das couzas que succederam na desembarcação*

D. Antonio de Noronha andava no bantim acompanhado de todos os de Malaca e das suas duas fustas, muito perto de terra, ou fosse que o furor o levasse, ou fosse sobre determinação que depois do conselho geral tomaria com os seus, pondo os esporões em terra saltou nella com uma bandeira em que trazia pintada Nossa Senhora do Rosario, e D. Manuel de Almada com elle, e toda a gente dos galeões, fustas e bantins de Malaca, e começou a marchar adiante; endireitando para um caminho que ia da praia subindo muito ingreme té ir dar em uma porta que a cidade tinha para aquella face: e ia tão avaro e cioso d'aquella honra de cometer a cidade que não fez caso dos capitães da companhia de D. Paulo.

Elles vendo-o em terra, posto que fôra contra o que ficou assentado, tocados de desconfiança endireitaram com a terra e saltaram nella, sendo os primeiros D. Nuno Alvares Pereira, Simão d'Abreu de Mello e Pedralves d'Abreu, porque estes tinham navios mais pequenos e puderam logo chegar.

Posto sem terra foram seguindo D. Antonio e chegaram a elle já no caminho ingreme, e lhe perguntaram que lhes mandava que fizessem? D. Antonio lhes perguntou se viram Pedro Velho, que era um homem da terra bantineiro de Malaca, havido por cavalleiro, o qual parece tinha com elle praticado aquella desembarcação, e o levava para guia do caminho por saber muito bem as entradas d'aquella cidade; o qual parece que o zonido dos pelouros que assoviavam pelas orelhas a todos o tinham ausentado d'alli. Os tres capitães lhe tornaram a perguntar o que fariam; e elle sem lhes responder a proposito, lhes tornou a perguntar pelo Pedro Velho; do que elles desconfiados foram-se adiantando e tomando o caminho da cidade com sessenta ou oitenta soldados que nesta occasião os seguiam.

Já neste tempo eram sahidos da cidade muitos mouros que apertavam rijamente com D. Antonio, com os quaes elle andava ás espingardadas: os mais capitães da companhia de D. Paulo foram desembarcando em terra como melhor poderam, e foram-se encaminhando para onde D. Antonio ia, o qual já não apparecia; e o Froes e o Coelho, capitães d'aquelles dois navios da companhia de D. Paulo, pondo os pés em terra, não vendo D. Antonio, e vendo que os inimigos iam recrecendo, meteram-se no forte do Coritão que o dia d'antes tomaram, e inda estava em pé e o fogo não tinha queimado mais que alguns páos, para d'alli defenderem que não acudissem os inimigos

á praia. Matheus Pereira e Francisco de Souza Pereira foram tomando o caminho do palmar, a tempo que da banda do baluarte se alevantou uma voz de mouros na praia; com o que tornaram a voltar para ella porque se não fossem apoderar das embarcações que ficavam sós.

Os tres capitães D. Nuno Alvares, Simão d'Abreu e Pedralves d'Abreu e um Foão de Figueiredo, capitão de uma das fustas de D. Antonio de Noronha, foram encaminhando para a cidade pelo tezo acima, té deseobrirem a porta a tiro de espingarda d'ella, a qual logo viram abrir para recolherem um magote de mouros que iam fugindo, e parece vinham d'aquella parte por onde D. Antonio ia; e em se a porta abrindo gritou um frade de S. Francisco, leigo, homem virtuoso e de animo, que levava um Crucifixo arvorado diante, que dessem Santiago e que cometessem aquella porta para entrarem de envolta com os inimigos; mas os capitães pararam por lhes parecer temeridade cometerem-na elles sós. O Figueiredo, da companhia de D. Antonio, em o frade bradando, appellidou elle Santiago e foi arremetendo adiante; do que os tres capitães desconfiados foram por diante para a porta: mas assim foram servidos de espingardadas de que feriram alguns, que os fizeram deter, e alguns de seus soldados se começaram a desmandar.

Os tres capitães de D. Paulo havendo por opinião perderem o que tinham ganhado, ajuntando-se todos fizeram rosto aos inimigos, com os quaes travaram um bem arriscado jogo de arcabuzaria, de que um pelouro atravessou um braço a Pedralves d'Abreu, do qual ficou aleijado; com o que lhes foi forçado recolherem-se todos, e já o fizeram com muito trabalho, pelejando sempre com os mouros que apertaram mui bem com elles. D. Antonio de Noronha foi pelo ca-

minho onde estes capitães o deixaram com tenção de cometer a cidade por aquella porta; mas tanto que os inimigos viram para alli as bandeiras acudiram muitos e cometeram com grande determinação, e elle os recebeu com muito valor, e travou com todos uma aspera batalha, em que houve damno de ambas as partes. Mas como os mouros eram muitos apertaram tanto com os nossos que se começaram os soldados a recolher poucos e poucos. Vendo-se D. Antonio com D. Manuel d'Almada (que este dia deu grandes provas do seu esforço) só, e com poucos que nunca o deixaram, foi-se recolhendo para a banda da praia té chegar a uma tranqueira de páos que estava só da banda do arrabalde; e por ir muito apertado dos inimigos poz nella as costas, e alli se defendeu com muito valor, porque já iam recrecendo os mouros cada vez mais. Diogo Soares de Mello com outros capitães foram seguindo outro caminho e metendo-se por um palmar, por não saberem por onde D. Antonio ia, ou que era feito d'elle; e por aquelle caminho foram encontrando alguns soldados da companhia de D. Antonio que se iam recolhendo para os navios, e d'estes vinham alguns feridos e outros tão medrosos, que perguntando-lhes Diogo Soares, logo entendeu ser aquillo medo, e pelejando com elles lhes disse que era mentira e que não dissesem tal; que voltassem com elles e lhe fossem mostrar onde elle ficava; o que alguns fizeram, inda que contra sua vontade. E indo assim estes capitães recolhendo alguns desmandados, acharam um que lhes disse a parte onde D. Antonio ficava apertado dos inimigos, e tomando este comsigo encaminharam para lá, e chegando a D. Antonio o acharam já metido na tranqueira e pelejando por entre os páos, que eram largos, com um grande corpo de mouros que o tinham cercado: e já a este

tempo não era mais que elle e D. Manuel d'Almada, e dez ou doze soldados, que este dia fizeram muitas façanhas e mui grandes cavallarias, e pelo chão estavam já mortos quatro ou cinco dos nossos de espingardadas, e alguns feridos.

Diogo Soares com os companheiros chegou com grandes brados dando Santiago, e da primeira surriada derrubou alguns dos mouros, e todos os mais se recolheram vendo soccorro de fresco; e ficando já D. Antonio um pouco desapressado, lhe disse se fosse recolhendo, que estava cançado, e com os companheiros feridos, e que elle iria tendo o pezo aos inimigos, o que elle fez: e Diogo Soares ficou atrás ás espingardadas com os mouros, com o que os foi entretendo té chegarem todos á praia onde os nossos navios estavam, e os inimigos não quizeram passar avante com medo da artilharia. D. Antonio vindo-se recolhendo mandou de passagem pôr o fogo a quatro galés novas que estavam no estaleiro, as quaes arderam todas. Postos na praia, onde Matheus Pereira e Francisco de Sousa estavam em guarda, e ás espingardadas com os mouros, embarcaram-se todos, e o mesmo fizeram os que estavam no forte do Coritão, indo D. Antonio bem desconfiado do successo, e segundo a cousa foi arriscada pudéra succeder uma desaventura: perderam-se dos nossos seis, afóra muitos feridos; que não perigavam. Assim ficaram continuando na bataria, e dando alguns assaltos nas povoações dos mouros pelo rio acima, em que lhes fizeram muito damno.

## CAPITULO XXIII

*De como chegou a Jor D. Paulo de Lima, e do conselho que tomou sobre a desembarcação, e do sitio e fortificação da cidade de Jor*

D. Paulo de Lima depois que se apartou na terra do Achem da armada de remo, foi com os galeões seguindo sua derrota; e achando tempos contrarios, quando chegou a Malaca era já em Julho, e surgindo na Ilha das Náos foi logo visitado do Bispo e cidade, e alli lhe deram informação do estado em que as couzas estavam, e do successo da sua armada em Jor em companhia de D. Antonio; com o que logo determinou de se partir, e mandou dar pressa á agoada e nas couzas que mais eram necessarias para a armada, as quaes o Bispo negociou com dinheiro seu, e de partes que para isso tomou emprestado, no que gastou D. Paulo todo aquelle mez; e na entrada de Agosto se fez á vela para Jor, onde chegou a seis do mesmo mez. Tanto que na armada se soube da sua chegada largaram os seus navios todos e foram buscal-o, sendo levado o seu galeão ás tôas té surgir defronte da cidade no pouzo em que estavam os outros galeões. D'alli se poz a notar o sitio da cidade, que se descobria aquella face toda, por estar no alto; e posto que não vio grande magestade de edificios de pedraria, muros, torres, curuchéos, nem outra alguma formosura das cidades da Europa, vio todavia uma muito formosa cidade estendida de longo d'aquella ribeira, e inda que os muros eram de madeira, e as casas cobertas de folha de palma, tambem vio outras torres, outros muros, e outras architecturas de mais formosura e fortaleza; que era gros-

so povo e gente muito lustrosa, que enchia os logares altos e baixos, que estavam á vista da ribeira, e tanta e tão basta artilharia, que té por cima das arvores se mostrava, e por todos os baluartes, guaritas e estancias muitas e differentes bandeiras de côres de sedas desfraldadas, e com diversas tenções conforme aos dos seus capitães.

Tudo isto notou de vagar, sem nenhuma couza das que vio nem ouvira fazerem algum abalo em seu animo; antes mandou logo a toda a armada que salvassem a cidade sem pelouros, assim por bizarria, como para mostrar aos inimigos o alvoroço com que os ia buscar; o que se fez com tanto terror e espanto, que parecia representar o final Juizo, afuzilando fogo, vaporando fumo, atroando os ares, escurecendo o dia; de sorte que tudo eram carrancas medonhas á vista dos da cidade, que bem sabiam que a furia de toda aquella armada havia de ir a quebrar em suas tranqueiras. O Rajale posto que em seu peito fez aquillo grande abalo, todavia não se lhe entendeu; mas antes muito inteiro e seguro mandou tambem salvar a armada sem pelouros, e andou correndo as estancias e provendo nas couzas que lhe pareceram necessarias. E porque não temos dado relação do sitio d'esta cidade de Jor, será razão fazermol-o aqui, para mostrarmos sua fortificação e se estimar em mais a victoria que os nossos alcançaram.

## CAPITULO XXIV

*Quem era este Rajale Rei de Jor, e do sitio em que esta cidade está*

O Rei de Malaca a quem Affonso de Albuquerque tomou aquella cidade, chamava-se Mamed Xá, o qual depois que a perdeu se passou para Ujantana e fundou a cidade de Jor, onde fez seu assento; e alli sendo muito velho o captivou El-Rei do Achem, e o levou para a sua terra, onde morreu. Succedeu-lhe no reino Soltan Alaudin, que fez sempre muitas guerras a Malaca. Por morte d'este lhe succedeu seu filho Mala Faxá, que ficou menino em poder de seu tio, que é este Rajale Rei de Jor, contra quem D. Paulo de Lima foi; o qual depois por tempos matou o sobrinho, sendo já casado com uma filha do Rei do Achem, com a qual elle logo se casou, e lhe tomou o reino, e seu proprio nome é Soltan Abdal Jalel; e assim fica conhecido. Agora faremos uma descripção d'esta cidade de Jor, para tambem se saber seu sitio e fortificação.

Está situada na ponta d'aquella lingua da terra de Malaca; fóra de todos os baixos, em altura de gráo e meio do Norte, duas legoas por um rio dentro, muito largo na bocca, e dentro no mais estreito de um tiro de berço, todo tão limpo e de tão bom fundo, que um pouco afastado da praia podem surgir grandes náos e por toda ella pôrem os navios de remo as prôas em terra. Estende-se a cidade sobre um alto de longo a longo da praia, distancia de um tiro de falcão, cercada de muros de madeiros mui grossos de duas faces com outros atravessados, e rodeados de andaimos para a gente de peleja. No meio d'esta face

da cidade, que fica fronteira ao surgidouro, se fazia um baluarte como cavalleiro, muito alto, o qual jogava uma serpe e um camello de bronze; e logo abaixo d'elle, onde estava uma arvore, jogava um leão mourisco, e por cima da arvore, que era grande e frondosa, havia muitos chichorros, peças que são abaixo de meios berços. D'este forte acima para a banda do mar estava outro, a que chamavam Cotabato, que é o mesmo que fortaleza da terra, por ser de taipas mui grossas, folhado de vigas mui grandes, por lhe ficar debaixo um almazem: tinha quatro bombardeiras que jogavam um camello, dois camelletes e um falcão. E porque neste forte estava a força da cidade, o tinham mui repairado e fortificado; e para mais fortaleza fazia para a banda de fóra uma maneira de couraça, que o cingia todo das mesmas taipas, e dentro ficava uma praça e terecena á roda para gazalhado dos soldados da sua guarda: e da parte de dentro cercava o Cotabato outra tranqueira de páos mui grossos com uma escada e uma porta para sua serventia, a qual ia sahir á rua que vai dar nas casas d'El-Rei. Da parede que está para a banda do primeiro baluarte se enfia outra com seis travezes da mesma taipa, a qual vai dar em uma guarita de revés, antes da qual ha uma grande porta, que é a principal da cidade, da qual corre uma rua direita, que é a principal da cidade, e vai dar nos paços, a qual atravessa toda a compridão da cidade, que será de um tiro e meio de falcão. Tudo isto da tranqueira té a guarita é muro de taipa, e por cima d'ella tranqueira de páos mui grossos com seus travessões pegados.

D'aqui ávante para a mão direita corre tudo tranqueira de páos e mastros grossos metidos em vallos mui grandes, e pelo sertão é cercada de uma tranqueira simples, sem torre nem baluarte algum, por-

que d'aquella parte se não temiam: tinha toda á roda na face uma formosa cava cheia de agudos e perigosos estrepes; e o que fazia a cidade mais forte era ficar quasi como ilha, porque de ambas as partes a rodeavam alguns esteiros que o rio d'alli faz, e a cidade por dentro tinha as ruas todas tapadas nas entradas com tranqueiras de madeira grossa. E de longo do mar corre o arrabalde, que é aquelle que D. Antonio de Noronha queimou. Emfim que a cidade á vista de fóra estava a mais soberba couza que podia ser; porque por todas as partes por onde se via se lhe enxergava muita e grossa artilharia, té por cima das arvores, como já dissemos. Mas o que se via mais para temer era a muita e formosa guarnição què por dentro tinha de soldados malayos, manacabos, jáos e outras nações fortes e bellicosas, de que o Rajale se foi apercebendo de vagar, convocando a ajuda dos visinhos e amigos, como dentro tinha, e porque parece que o coração lhe denunciava os males que sobre si vio, e que havia mister ajuda de todos, e inda de outros Reis de mais longe, se os pudera acarretar. Assim sendo elle d'antes o que sem ajuda nem favor de nenhum d'elles por algumas vezes cercou a fortaleza de Malaca, e se apresentou com grossas armadas e exercitos diante de seus muros; mas agora parece entendeu que não só havia de resistir a uma grossa armada guarnecida da melhor fidalguia e soldadesca da India, mas que tinha contra si um capitão muito venturozo nas couzas da guerra; porque a boa fortuna é principio de victoria: pelo que se quiz valer de tudo, e tinha metido na cidade doze mil homens escolhidos com alguns Reis amigos, como o do Tugual, de Dadragir e de Campar, afóra outros senhores, com o que lhe parecia estava seguro.

D. Paulo ao outro dia, depois que alli chegou, cha-

mou a conselho todos os capitães e tratou sobre a desembarcação; porque determinava de pôr logo as mãos áquella obra, porque se lhe os inimigos vissem dilatar aquelle acometimento cobrariam animo, cuidando que os receavam. E depois de debatido sobre isso muito, assentaram com parecer dos praticos da terra que se cometesse a cidade pelo canto que vai defronte do forte Coritão, porque por alli só não tinha cava. Resoluto nisto mandou o capitão mór que se chegassem os galeões a terra tudo o que pudessem por rigeiras, e que batessem a cidade para terem quebrantado os inimigos. Continuando a bataria o primeiro dia, sahiram do rio que corre pela ilharga da cidade uma copia de navios cheios de gente lustrosa, e foram cometer as nossas fustas, só por divertirem a bataria e meterem a armada em revolta. Os navios de remo em vendo os inimigos tomaram o remo na mão e remeteram com elles; os quaes se lhes foram retraindo para a terra afim de irem meter os nossos navios nas bocas das bombardas que tinham para aquella parte, e ao mesmo tempo appareceu pela banda da barra outra armada de quarenta vélas com os mesmos intentos de inquietarem os nossos, que lhe sahiram e os fizeram voltar; mas o capitão mór entendendo-os, mandou que se recolhessem e que se continuasse a bataria dois dias; nos quaes foi tal o terremoto, que andavam todos surdos do estrondo da artilharia.

## CAPITULO XXV

*De como os nossos desembarcaram na cidade de Jor e a cometeram, e de como a entraram e da espantosa e duvidosa batalha que dentro nella tiveram com os inimigos, e dos casos que nella succederam*

Como o capitão mór D. Paulo de Lima era muito devoto da Assumpção da Virgem Nossa Senhora, que cáe a quinze d'Agosto, foi dilatando o tempo da desembarcação té chegar o seu dia, e em todos aquelles dias foi dando ordem ás cousas da desembarcação, e informando-se da terra e do modo da fortaleza: e aos quatorze do mez, vespera da Senhora, mandou da outra banda de Jor armar um altar, e desembarcou com toda a gente, e se lhe disse uma devota missa, na qual commungou com todos os capitães, e a mór parte da sua gente; porque quiz elle registar aquellas couzas primeiro com Deus; porquanto Elle quer que se entenda que todo o bom vem d'Elle, e que nos homens não ha poder para nada. Feito este acto de christão com muita devoção de todos, ao outro dia no quarto da alva começou aquella espantosa batalha dos galeões, e o capitão mór se mudou aos navios de remo com toda a gente da armada, e foi cometer a terra, deixando toda a armada encarregada a Luiz Martins Pereira, que se passou a uma galé, e elle com todo o poder cometeu a terra ao som de muitas trombetas, tambores e pifaros, levando ordenado tres batalhas de toda a gente, de que não quiz fazer alardo por se não saber quão pouca era; e todavia não passavam de quinhentos portuguezes.

A primeira batalha encomendou a D. Antonio de Noronha, a quem cometeu a dianteira, com a qual

havia de ir toda a gente de Malaca, e com elle D. João Pereira, e seu irmão D. Nuno Alvares, D. Manuel de Almada, D. Fernando Lobo, Sebastião de Souza, Francisco de Miranda, Martim Affonso de Mello e outros fidalgos mancebos que iam aventureiros e desejavam de ganhar honra. A segunda batalha deu a Matheus Pereira de Sampaio, e com elle D. Bernardo de Menezes, Sebastião de Miranda e a gente dos bantins. E a terceira batalha tomou o capitão mór para si, com a qual ficaram Francisco da Silva de Menezes, D. Pedro de Lima, Diogo Soares de Mello, Simão d'Abreu de Mello, Francisco de Souza Pereira e Pedralves d'Abreu, que inda que não mandava bem o braço quiz-se achar alli, e os dois capitães Froes e Coelho, e cometeu a terra. E o primeiro que nella poz os pés foi D. João Pereira com a sua bandeira, e logo D. Antonio de Noronha com a de Nossa Senhora do Rosario, que sempre tirou nesta jornada; e em terra acharam um grande corpo de inimigos, de que era capitão Rajama Cotta, que o Rajale mandou a defender a desembarcação, com o qual D. João Pereira travou logo com grande animo, levando-os logo da arrancada; mas como o Rajale vio gente em terra, mandou mais poder, que chegou áquelle tempo, e carregando sobre D. João foi-lhe a elle forçado recolher-se no forte do Coritão, onde deteve os inimigos, que os fizeram recolher para um palmar que se fazia da banda do mar, ficando D. Antonio e D. João Pereira esperando pelo capitão mór, que estava desembarcando.

Tudo o que neste tempo se ouvia eram coriscos e trovões, assim da armada como da cidade, que desparou todas as suas carrancas; porque como se guardava para este dia, que havia de ser o ultimo dos trabalhos, toda a defensão e força nos inimigos, e nos

nossos todo o cabedal de esforço para cometer uma cidade tão forte e bem provida, assim se desfazia tudo em trovões e terremotos, que não havia poder ninguem entender-se. Já neste tempo era a manhã clara, e a gente não acabava de desembarcar pelo impedimento das estacadas, em que alguns dos navios se embaraçaram, e muitos soldados vendo já o capitão mór em terra se lançaram á agua, por não lhes soffrer o coração estarem sem poder chegar. O capitão mór depois de posto em terra, vendo andar alguns soldados desmandados, mandou a Diogo Soares que os fosse recolher; o que elle não pôde fazer, e chamou Francisco de Souza Pereira, que achou mais perto, e ambos recolheram os soldados, e alguns já bem escalavrados do encontro que haviam tido com os mouros. E porque o Rajama Cotta, que se tinha recolhido ao palmar, affrontava os nossos com a sua arcabuzaria de longe, mandou o capitão mór meter um capitão com alguns soldados no forte do Coritão para d'alli afastar os inimigos, o que elle fez com morte de alguns.

Desembarcada toda a gente, poz-se o capitão mór no campo com um formoso esquadrão, e sobre a parte por onde se havia de cometer a cidade tornou a haver differentes pareceres. Porque os bantineiros de Malaca, que aquillo sabiam bem, alguns andavam quasi areados, do que o capitão mór se enfadou e mandou que se apartasse a dianteira e cometesse o caminho da cidade, e que algumas peças de artilharia de campo que estavam encommendadas a Fernão Pegado se escuzassem, por alguns inconvenientes que se offereceram. Os da dianteira começaram a marchar, e logo apoz elles o capitão mór com todo o resto do exercito, com aquella determinação e furor portuguez, que se não contenta de menos feitos, que d'aquelles

que na imaginação dos homens são havidos por duvidosos; e assim passaram avante, sem temerem os estrondos infernaes de tantos pelouros como os que lhe zuniam pelas orelhas, como se todos elles foram feitos debaixo de alguma constellação, que lhes não pudessem empecer. Os fidalgos da dianteira, os tres d'elles, D. Antonio de Noronha, D. João Pereira e D. Manuel de Almada apartaram-se para cada uma sua parte com os parentes, amigos e quem mais os quizesse seguir, e foram pelejando com o Rajama Cotta, que apertou tanto com os nossos, que duas vezes os fez tornar té o forte do Coritão; mas como elles não puderam consentir acorrilarem-nos, tornaram com grande furia a rebentar e a dar nos inimigos de feição, que com morte de muitos os foram levando té o palmar.

D. Paulo de Lima acudio áquella parte, onde já os nossos andavam embaraçados e travados com os inimigos em uma aspera batalha de espingardaria de uma e outra parte, que se affirma encontrarem-se os pelouros nos ares uns com os outros; e assim foram os nossos em uma continua escaramuça levando sempre os inimigos diante de si, té os da dianteira se pôrem em cima do tezo, por onde fazia um caminho que ia dar ao canto da fortaleza, naquella parte que ficou sem cava, e por elle foram té chegarem aos muros; e D. Antonio de Noronha chegando á tranqueira se abraçou com um d'aquelles páos, como quem os saudava ou tomava posse d'elles. D. João Pereira rompendo sempre por nuvens de pelouros que de todas as partes choviam sobre elle, e vendo-se uns e outros pegados á tranqueira (que era como dissemos de entenas mui grossas) remeteram a ella e a começaram a abalar com as mãos, e porque as couzas necessarias para aquillo faltassem a D. Paulo por prover, porque

por todas as bandeiras mandou repartir grande soma de machados, codolis, enxadas, alviões e outras couzas d'esta sorte; mas porque as pessoas a quem se encomendaram não eram inda chegadas, e assim ferrados todos nos páos trabalharam em vão por tirar algum, estando da banda de dentro muitos inimigos, a quem aquella parte era encomendada, que assim ás espingardadas como ás lançadas trataram de rebater os nossos.

Vendo isto dois soldados de D. João Pereira, um chamado Francisco de Sá e outro Manuel Pestana, que desejavam de serem os primeiros que entrassem naquella cidade e assim o levavam determinado, começaram a subir pelos páos com só espadas e rodellas, e postos em cima, com aquelle mesmo furor com que ia se lançou dentro Manuel Pestana, que logo foi despedaçado, e subindo juntamente com elle Francisco de Sá foi entre os páos alanceado; não lhe deixando sentir o desejo d'aquella honra o perigo d'aquella morte. D. Antonio de Noronha e D. João Pereira pegados aos páos deram-lhes tantos vaivens que os abalaram, e sem terem dever com a grande multidão de lanças que lh'o defendiam, trabalhando tudo o que puderam, uns para derrubarem os páos e outros para afastarem os inimigos da tranqueira para os que trabalhavam o fazerem mais desapressados; mas os de dentro como homens que queriam defender a sua cidade, suas mulheres e filhos assim pelejavam determinados, que no lugar em que se um punha, alli lhe tirava a vida o pelouro que o trespassava, e a lança que o atravessava, sem fazerem pé atrás. Assim os deixaremos neste trabalho, por continuarmos com o capitão mór.

D. Paulo de Lima foi entrando pelo palmar guiado de um christão que sabia a terra; e por ir muito can-

çado do trabalho com o pezo das armas, se assentou um pouco sobre uma pedra, e perguntou por D. Antonio de Noronha, de que não havia novas. Neste tempo chegou Diogo Soares a elle e lhe disse que já ficava pegado com a tranqueira da cidade, porque tanto que vio ir D. Antonio por aquelle tezo acima o foi seguindo com muito trabalho sempre ás espingardadas com os inimigos, até que descobrio os nossos na tranqueira, e voltando deu as novas ao capitão mór; com o que elle ficou desaliviado e começou a endireitar para onde Diogo Soares foi guiando indo em uma continua escaramuça com os inimigos; porque era chegado de refresco em favor do Rajama Cotta outro capitão com mil e quinhentos escolhidos, e juntos assim se determinaram com os nossos, que como homens offerecidos a morrerem se metiam pelas lanças e chegaram á espada e ás punhadas, e assim se travou alli uma batalha a pé quedo, e de rosto a rosto muito cruel e arriscada, mas como os inimigos eram tantos, apertaram de feição com os nossos que começaram a se desordenar.

O capitão mór vendo aquillo e entendendo que não estava em mais perder-se que em começar a desconcertar-se, arrancando de uma formosa espada lançou-se no meio dos inimigos com ella levantada em alto, dizendo: *Aqui Cavalleiros de Christo, aqui: ah! Cavalleiros, segui-me, porque aqui está o caminho da victoria;* e com aquelle furor deu em os inimigos, aos quaes fez bem sentir os fios da espada. Vendo os capitães e todos os mais o seu capitão mór naquelle risco, rompendo como leões por tudo foram-se-lhe pôr diante e alli obraram tão altas cavallarias, que foi espanto, fazendo nos mouros tal estrago, que de o não poderem soffrer se foram recolhendo para o palmar. Indo já o Rajama Cotta ferido, e outro capitão ficar

estirado de muitas cutiladas, e já morto, os nossos os foram seguindo, e como logo adiante havia um mato, receando D. Paulo que nelle lhe tivessem armado alguma cillada, tocou a recolher, e alli naquelle lugar, onde os inimigos se foram recolhendo, se assentou elle um pouco de muito cançado: e depois tomou o caminho pelo tezo acima, por onde Diogo Soares o guiou, o qual, com ser muito ingreme foi o capitão mór por elle tão apressado e animoso, que parecia não ter passado trabalho algum, dando na alegria do rosto, que era muito gentilhomem, uma muito certa esperança de victoria. E assim chegou a D. Antonio de Noronha a tempo que tinha tirados dois páos, e feito caminho para entrarem.

Esta chegada foi um espectaculo espantoso, e que pudéra meter medo a muitos; porque achavam aquelle campo cheio de mortos e feridos, e um padre confessando aqui a um, e por outra parte lembrando o nome de Jesu a outro que estava já expirando: uns gemendo, outros bradando por panellas de polvora, por lanças de fogo, por machados, por enxadas, e pelo capitão mór; de sorte que tudo era uma confusão e labyrinto formado. Os inimigos trabalhavam de dentro tudo o que podiam por defenderem a sua cidade, dando tambem suas gritas, e chamando pelos capitães. Em fim este foi o dia dos mais assignalados, e em que os portuguezes mais mostraram os quilates do seu esforço e valentia.

Chegado D. Paulo (como dissemos) áquella parte, a tempo que os dois páos eram derrubados, entrou logo pela abertura dentro Sebastião de Miranda, homem fidalgo, filho de Diogo de Miranda d'Azevedo, e logo um Foão Soares, o alferes de D. Antonio de Noronha, que era um valente cavalleiro, com a bandeira de Nossa Senhora do Rosario muito alevantada,

bradando e aclamando por ella, e chamando os nossos que o seguissem: apoz elle entrou D. Antonio, D. João Pereira, seu irmão D. Nuno Alvares, D. Manuel de Almada, e os mais fidalgos e cavalleiros que os acompanhavam, recebendo todos muitos golpes mortaes e perigosos, de que alguns cahiram. D. Paulo vendo aquillo começou-os a animar e a louvar com palavras muito honradas, as quaes dando nas orelhas dos que iam entrando e nas dos que estavam já da banda de dentro em batalha com os inimigos, assim se animaram todos, que se metiam pelas lanças matando e derrubando tantos, que dos outros não poderem aturar aquelle estrago foram-se recolhendo para dentro.

## CAPITULO XXVI

### *Do que aconteceu a D. Paulo de Lima dentro na cidade até a destruir de todo*

Tanto que D. Paulo de Lima entrou na cidade, indo sempre adiante D. Antonio com os fidalgos que o acompanhavam, e logo a segunda batalha de Matheus Pereira, D. Bernardo de Menezes, Francisco de Souza Pereira, Sebastião de Miranda e outros fidalgos e cavalleiros, foram entrando pela rua, que era estreita e cheia de lama, pela qual foram levando os inimigos sempre diante pelejando muito valorosamente; por toda esta rua, de cima das janellas e guaritas cahiram sempre sobre os nossos muitos dardos de arremeço, infinitas fréchas de peçonha, e outros muitos instrumentos mortaes, que todos se empregaram bem, por irem os nossos muitos apinhoados pela estreiteza do lugar, dos quaes alguns cahiram

logo mortos, e outros passaram muito mal feridos. Vendo Matheus Pereira e os da segunda bandeira que aquella rua ia maciça com os de diante, e que assim de cima das janellas como das bocas das travessas que iam sahir áquella rua, eram todos muito mal tratados, sem se poderem menear bem, achando um caminho que ia para o muro, foram subindo por elle té se porem em cima dos andaimos, d'onde iam pelejando com os inimigos mais á sua vontade e mais desafogados. D. Antonio de Noronha foi passando avante, rompendo por todos aquelles perigos mortaes recebendo feridas e tiros de arremeço, e satisfazendo-se logo de muitos dos inimigos, que cahiam ataçalhados de suas mãos, passando por cima de seus corpos, que tambem lhe não foi pequeno estorvo.

Nesta rua tiveram os nossos grande trabalho, e se viram algumas vezes perdidos; mas o animo e o furor os levou sempre por diante, fazendo tão altas cavallarias que se não podem particularizar. E indo já no cabo da rua, que ia dar á outra grande, onde estavam os paços d'El-Rei, foram recrecendo os inimigos e apertaram tanto com os nossos, que esteve a couza muito arriscada a se perder tudo. Mas todavia o esforço de D. Antonio, de D. Manuel d'Almada, e de todos os mais que já nomeámos, que iam na dianteira, sustentaram aquelle peso á custa de muitas feridas e das vidas de muitos, e entre elles a de D. Bernardo de Menezes, que tinha mostrado o valor que sempre nelle se achou, ao qual quiz a desaventura que lhe déssem uma espingardada pelo pescoço, da qual logo cahio, indo armado de armas que os pelouros não podiam offender por todas as mais parte do seu corpo: a qual morte parece que o coração lhe advinhava; porque estando-se armando para desembarcarem, disse a um seu amigo que já tomara sahir

d'aquella guerra com uma perna menos; e ao desembarcar em terra o viram tão triste e malenconizado, que elle mesmo sentio em si outros differentes affectos dos dias passados, que parece já se lhe representava a triste morte que lhe haviam de dar, a qual foi muito sentida de todos pela perda que naquelle tempo fazia sua pessoa, por ser muito bom cavalleiro, e em todas as couzas em que na India se achou, que foram muitas, sempre muito grandes mostras deu do seu esforço. E porque nos não pareceu razão passar aqui por um caso espantoso que lhe aconteceu, o contaremos porque sirva de exemplo para os homens mancebos nos perigos, como estes, fazerem conta com Deos, pois arriscam tanto a vida pelas couzas d'ella; e o caso foi este.

Era este fidalgo criado e nascido na India, e dado ás delicias e lascivias d'ella como mancebo, posto que já o não era; parece que sabia outro fidalgo seu amigo que andava por confessar, e cômo os que tem este nome e sangue o hão de mostrar mais nas couzas que pertencem á alma, que nas do corpo, o persuadio o outro a se confessar, e inda o levou comsigo a uma fusta onde um padre ia, e o deixou a seu pés. Succedeu na mesma noite estando na camara da sua galé querer fazer seu testamento, e estando começando, passou-lhe um rato por cima do papel por cinco ou seis vezes, que tantas começou a querel-o continuar, e tantas couzas fez e arranhou, que deixou o testamento e se deitou a dormir, e em tomando o somno lhe roeu o mesmo rato um pé. Ao outro dia quando desembarcaram em terra lhe aconteceu o que acima temos contado, e se nos não lembra mal, tambem nos disseram que cahira no mar.

E tornando ao nosso fio, D. Antonio esteve no cabo da rua perdido, e lhe mataram diante d'elle alguns

homens, e a elle deram uma espingardada pela fralda do capacete, sem receber damno; mas não ficou sem elle d'uma fréchada de peçonha, que lhe deu na maçã do rosto, da qual se lavou todo em sangue; mas todavia sempre foi passando ávante, e pelejando com muito valor. O capitão-mór, depois que Matheus Pereira tomou por cima dos andaimos, ficou na rectaguarda de D. Antonio, mandando-lhe gente de refresco, e vendo e notando tudo o que succedia para provêr e acudir ao que fosse necessario. Emfim, tanto trabalharam os da dianteira que sahiram á rua grande d'El-Rei, onde estava todo o poder com a pessoa do Rajale e dos Reis da liga, e toda a frol de seus cavalleiros jáos e mancebos; os quaes arremetteram com os nossos por se mostrarem diante dos seus Reis, e com tanto impeto deram na dianteira, que fizeram parar a todos, derrubando alli alguns dos nossos e ferindo outros muitos de differentes feridas. Aqui foi o mór perigo em que os nossos se viram, no qual estava o fim d'aquella contenda, e em que não havia mais que vencerem ou morrerem todos; porque alli não havia mais soccorro que o de Deos e o de seus braços, a que se elles encommendaram, pondo os olhos em Nosso Senhor crucificado que ia em meio d'elles alevantado em uma haste, e na figura da Virgem Nossa Senhora que ia na bandeira de D. Antonio, e se lhe encommendaram de todo o coração, meneando todos as mãos na defensão de suas pessoas. Mas todavia, como alli acudio o poder todo e os Reis animavam os seus a defenderem a sua cidade, ficou a cousa tão suspensa e arriscada, que de vêr D. Paulo quasi tudo perdido mandou alguns fidalgos da sua companhia que soccorressem D. Antonio, que estava diante com D. Manuel d'Almada, fazendo todos tão altas cavallarias, que era espanto; e apresentando-se os do refresco diante,

sustentaram aquelle impeto dos mouros um pouco, e todavia pararam porque elles eram muitos, e de todas as partes cahiam sobre os nossos coriscos, e todos os instrumentos mortaes.

D. Paulo de Lima, vendo o feito tão arriscado, receando que alguns dos de diante se desmandassem, no que só estava sua perdição, passando por todos com a espada na mão, apresentou-se aos inimigos aclamando Santiago, dizendo aos seus: — *Ah! cavalleiros de Christo! Avante! ávante!* e dando nos mouros que estavam diante, os começou a cortar com tamanho animo e segurança, que nunca o furor da batalha lhe fez perder a obrigação de capitão; porque meneando as mãos em damno dos mouros, mandava e governava tudo. Os fidalgos e cavalleiros da sua companhia, vendo o seu capitão-mór mettido no maior perigo, passaram a se lhe pôr diante, fazendo todos obras memoraveis.

## CAPITULO XXVII

### *De como os nossos ganharam o forte do Cotobato*

MATHEUS Pereira que ia pelos andaimos pelejando com todos os mouros do Cotobato e das guaritas, que sahiram ao receberem, e achando-se nelles tamanha resistencia que como homens determinados a morrerem se mettiam pelas armas dos nossos sem temor da morte, ferindo e derrubando alguns de muitos e perigosos tiros, que choviam sobre os nossos; mas elles passando por tudo, foram ávante, ferindo e matando nos inimigos, que não deixavam o logar senão com a vida. Matheus

Pereira foi sempre diante de todos sustentando o impeto dos mouros, fazendo tremer a todos pelo estrago que lhe viam ir fazendo; porque era um homem muito grande e membrudo, e sobre tudo de grande animo e forças, e como um leão feroz foi sempre pondo o peito a todos os perigos, bradando pelos seus que o seguissem e que ganhassem o Cotobato, que n'isso estava o vencimento de toda a victoria. E indo neste trance emparelhando com a rua d'El-Rei, onde os nossos estavam naquella perigosa batalha em que os deixámos sem se declinar, e como iam por cima dos andaimos, descobriram toda a rua e viram muito bem o risco em que o capitão-mór estava, e a confusão em que todos se viam; e achando a escada que ia para a rua, desceu-se por ella Francisco de Souza Pereira, que sempre acompanhou Matheus Pereira e em todos aquelles riscos foi o primeiro, e com uma furia espantosa, acompanhado de alguns dos seus, foi demandar o capitão-mór para se achar com elle naquelles perigos; e passando por todos chegou elle bradando por Santiago, e se lhe pôz diante com a mór parte dos capitães que sempre o seguiram, e começou a pelejar muito animosamente.

D. Paulo de Lima mostrou neste dia o remate de todo o seu valor e prudencia, porque tambem aquelle foi o mór perigo em que nunca se viu, e em que todos se acharam em tanto aperto e risco, que esteve a couza por algumas vezes duvidosa. D. Manuel d'Almada que ia na dianteira fazendo façanhas, e dandose a conhecer aos imigos, que ia assignalando com os fios da sua espada, depois de ter feito tudo o que se podia esperar de um espirito muito desejoso de honra, pela qual despresou sempre todos os perigos em que ali se viu, chegada a sua hora lhe deram com dois zarguncho de arremeço, e um por baixo da barriga, de

que logo ficou mortal; mas como o animo estava ainda prompto, trabalhou por se alevantar e satisfazer-se d'aquella injuria, o que não pôde fazer, porque a ferida era mortal, e tornou a cahir sem mais fallar. D. Antonio de Noronha, que estava junto d'elle, se lhe atravessou diante para ter tempo de se alevantar, cuidando não ser a ferida tão perigosa; mas vendo que era acabado, foi fazendo seu officio, pelejando e animando os seus com muita segurança e com grande mágoa e dôr da morte d'aquelle fidalgo, que em todos aquelles trabalhos lhe fôra sempre companheiro, e no qual se perdeu muito, pelas esperanças que tinha dado para couzas muito grandes.

D. Paulo de Lima esteve muitas horas sustentando aquelle impeto, porque pela rua recreciam cada vez mais os inimigos, e como uma arrebatada torrente vinham a rebentar em os nossos, como sóe a força da agua fazel-o em alguma dura rocha, se se lhe atravessa diante. Estes encontros esperavam os nossos tão firmes e seguros, que não havia couza que os abalasse, sendo o partido tão differente; porque além do numero ser tão desegual, que havia vinte para cada um, andavam os nossos cançados, carregados das armas, afogados da calma, mal tratados das feridas e sem esperança de mais soccorro. O que tudo tinham os inimigos tanto de vantagem; por que andavam folgados e em suas casas, diante dos olhos dos seus Reis, e por defenderem a sua cidade, suas mulheres e filhos, que viam muito arriscados a serem captivos dos portuguezes; o que tudo obrigava a fazerem maravilhas e a desprezar a morte. A espingardaria dos inimigos era tanta, que se os mais dos que andavam na dianteira oppostos á sua furia não trouxeram armas de prova, sem duvida tudo se desbaratára; porque ficaram poucos que não recebessem espingardadas,

senão quanto a D. Fernando Lobo, que ia nos mais dianteiros e tinha dado grande prova de sua pessoa recebeu quatro juntas, e uma d'ellas lhe foi rompendo a ponta da orelha, de que andava todo banhado em sangue, e como era muito gentilhomem, aquillo o fez parecer tanto mais, que bem lhe puderam todos os de redor ter inveja, se elles tambem não andaram para ser invejados dos outros.

Aqui deram tambem uma zargunchada a Francisco da Silva de Menezes (que todo aquelle dia trabalhou por igualar a todos os que mais se assignalaram) da qual cahio no chão; mas tornou se a levantar com grande animo. Neste passo houve alguns dos nossos que bradaram que dessem fogo á cidade, o que o capitão mór ouvio, e bradou: *Avante, avante, cavalleiros de Christo! ganhemos esta victoria por nosso braço; não queiramos que a gloria d'ella no-la leve o fogo.* E assim foi dando alguns passos adiante, e ferindo nos inimigos, que não havia forças humanas que os pudessem mover, porque estava a rua maciça e só aquelles faltavam contra os nossos; os quaes elles derrubavam, e com os pés em cima d'elles pelejavam com os imigos, porque não havia lugar para mais. Neste grande e perigoso conflicto, que esteve suspenso e sem se declarar, se abrio uma porta que ia para uma ilharga do Cotobato sahir á praia, pela qual se foram recolhendo alguns dos nossos, por haverem a couza por acabada e perdida; mas quiz Deos que os que estavam fervorosos na batalha não attentassem nisso, porque como os mais estavam cançados e desconfiados, pudéra tudo correr risco e pôr-se em desbarato. Matheus Pereira foi por fóra dos andaimos levando os mouros até os recolher no Cotobato, e de fóra ficou pelejando com elles valorosamente; e pondo os olhos na rua em que o capitão mór estava, vendo aquella confusão

e o poder dos inimigos, teve o negocio por muito duvidoso: pelo que determinou de morrer ou entrar o Cotobato; por que metendo-se nelle, que era o principal forte da cidade, e sucedendo alguma desaventura aos nossos, poder-se-iam recolher todos dentro, e d'alli se arremediarem; o que foi consideração de capitão muito esperto, e a principal occasião da victoria. E com este discurso, como se fôra um leão bravo, arremetteu com o Cotobato para o entrar acompanhado de alguns muitos bons e esforçados cavalleiros que nunca o deixaram, fazendo alli todos couzas muito espantosas aos imigos, as quaes elles sentiram bem e suas carnes.

Aqui aconteceu outro caso, que tambem houvera de ser perdição de todos, e foi que vendo alguns dos seus aquella porta que dissemos aberta, desconfiados da victoria foram-se descendo abaixo e sahindo-se por ella; e outros a que talvez o medo não deu tanto vagar, se lançaram dos andaimos abaixo para a banda de fóra, e cahiram dentro na cava, onde se encravaram nos estrepes de que estava cheia, e chegou a desconfiança a tanto, que não ficaram com Matheus Pereira mais de quinze pessoas, tendo elle entrado pelos andaimos com mais de cento e cincoenta, em que entravam de redor de cento de espingardas. Vendo-se elle tão só, houve-se por perdido, e encommendando-se a Deus, com grande confiança nelle arremetteu ao Cotobato com os que com elle ficaram para morrer dentro nelle; mas achou tal defensão, como aquelle que tinha a melhor gente da cidade, que a poder das feridas e sangue seu o sustentaram. Neste passo tão arriscado bradou um soldado da companhia por Matheus Pereira, e disse alto: *Alli está a Virgem Nossa Senhora sobre o Cotobato, que nos chama que entremos nelle.* A este brado e nome tão suave acudiu Matheus Pereira, e pondo os olhos em cima, não vio

nada; e todavia com grande confiança arremeteu com o Cotobato chamando pela Senhora que lhe valesse, e rompendo pelas armas dos imigos, a poder de golpes entrou dentro, e com elle todos os companheiros com tamanha furia, que não a podendo aturar os mouros largaram o forte e se recolheram para outro que estava adiante. Matheus Pereira vendo-se dentro deu graças a Deus, e de já se não poder sustentar nas pernas de cançado do trabalho e do espirito assentou-se para cobrar algum alento.

## CAPITULO XXVIII

*Do mais que succedeu a D. Paulo de Lima té chegar ao terreiro dos paços d'El-Rei*

O capitão-mór trabalhou tanto, e os capitães e cavalleiros que iam em dianteira tamanhas cavallarias fizeram, que foram arrancando os mouros e levando-os um pouco por diante. Vendo D. Paulo aquillo, teve-o por signal de victoria, e não se esquecendo da sua obrigação chamou a Francisco de Souza Pereira, que lhe tinha dado novas de Matheus Pereira, e lhe disse que se fosse para elle, o que fez, e já o tomou dentro no Cotobato, e assentado sem se poder bolir; e perguntando-lhe o que faria, lhe mandou que virasse algumas peças de artilharia para outro baluarte onde os mouros se recolheram, e outras para a rua direita, por onde o capitão-mór ia, assim para se segurarem alli onde estavam dos mouros do outro baluarte, se o quizessem cometer, como para favorecerem os nossos que pelejávam na rua, Francisco de Souza Pereira com os companheiros que comsigo

trouxe de refresco fez logo aquella obra, mandando desparar algumas bombardas no baluarte; com que os mouros o desampararam de todo e fugiram para a rua grande, onde o capitão mór pelejava, e as outras peças que apontou para aquella parte alevantando-lhe o ponto, porque sobrelevassem os nossos, foram dar nos imigos que estavam lá pela porta do paço, e pelos que estavam no cabo da rua, nos quaes fizeram grande estrago. Vendo os mouros isto, e entendendo que o Cotabato era tomado, foram deixando a rua aos nossos, que já iam levando os imigos de arrancada mais desafogadamente. As novas da tomada do Cotobato chegaram ao capitão mór, as quaes assim para elle, como para todos foram de excessiva alegria, porque nisso se acabava de arrematar a victoria.

Em todo este tempo não cessou a armada de bater a cidade; sem saberem nella o que dentro ia, ouvindo um grande espaço cessar os tambores do Cotobato; em que tinham os olhos todos, sempre as bandeiras imigas arvoradas nelle, com o que estavam em grande confusão: até que Matheus Pereira de Sampayo, depois de cobrar algum alento as mandou tirar e alevantar a sua; o que da armada se festejou com grandes gritas de alvoroço, deixando logo a bataria, por lh'o ter assim mandado.

Declarada a victoria e havendo-se aquelles Reis por perdidos, puzeram-se em elefantes com suas mulheres, filhos e cousas mais estimadas, que de passagem puderam tomar, e foram-se recolhendo por uma parte do sertão. Os nossos com alvoroço da victoria puzeram por algumas partes fogo á cidade, sem ordem do capitão-mór, o qual se ateou com tanta braveza, por serem as casas de madeira, que não foi possivel aguardarem os nossos dentro; pelo que o capitão-mór tocou a recolher, e foi sahindo para fóra das tran-

queiras, té tornar o fogo a dar lugar para a poderem saquear, se lhe ficasse alguma couza por queimar. Mas elle como andava bravissimo, e achou materia disposta, pegou té nos páos das tranqueiras, os quaes arderam mais de duas braças debaixo do chão, e ainda nos mesmos vallos em que elles estavam mettidos ardeu em chammas e labaredas. Era isto já horas de meio dia, quando se sahiram para fóra.

## CAPITULO XXIX

*Do que succedeu a D. João Pereira pela parte em que entrou, e do mais que fez o capitão-mór*

D. João Pereira com a gente da sua bandeira, pela parte por onde entrou foi dar com elle um d'aquelles Reis em cima de um elefante com uma grande tropa de gente que vinha acudir alli, e vendo os nossos remetteu com grande furia para os lançar fóra; mas D. João Pereira lhe teve o encontro, e seu irmão D. Nuno Alvares se atravessou diante do elefante e lhe disparou na testa a espingarda que levava, com cuja dôr elle voltou para trás atropelando alguns dos seus. Os mouros, que eram muitos, foram remetendo com os nossos com tanta determinação, que os tornaram a levar té ás tranqueiras por onde tinham entrado, pelas quaes sahiram alguns; mas D. João Pereira, seu irmão D. Nuno Alvares Pereira com outros fidalgos e cavalleiros tiveram todo o pezo dos imigos com as costas na tranqueira, onde obráram cousas mui dignas de memoria. O alferes da bandeira de D. João foi derrubado de um golpe; mas um soldado de alcunha o Troviscada, filho de Malaca, alevantou logo a bandeira

no ar, e com ella se poz diante de todos appellidando o Apostolo Santiago; com o que os nossos cobraram dobrado animo, e D. João Pereira não só fez aqui o officio de capitão, mas ainda de muito esforçado soldado, sustentando aquella parte com os poucos que lhe ficaram com muito valor e grande damno e estrago dos inimigos, sem saber o que era feito do capitão mór, que era o que o tinha bem cançado. Os soldados que se lhe tinham sahidos tornaramse a juntar a elle, com o que D. João Pereira carregou sobre os imigos, e com grande estrago que nelles fez os arrancou do campo, e lhes foi ganhando aquella rua; até que a cidade tomou fogo, que se alevantou com tanto estrondo que lhe foi necessario tornar-se a sahir para fóra, sem saber o que era acontecido ao capitão mór. De longo do muro foi buscar a porta por onde D. Antonio entrou, e vio as bandeiras no campo, e indo demandar o capitão mór, elle o recebeu com grandes honras e palavras de louvores seus e de todos. Alli lhe chegou um recado de Matheus Pereira de Sampaio, em que lhe mandava pedir gente, por estar com poucos soldados, porque se se juntassem os inimigos correria risco. E vendo elle ser aquillo o mais importante de tudo, tornou a entrar a cidade com todo o exercito, e recolheu-se ao Cotobato, que por ser de taipas não lhe tocou o fogo, e deixou na porta alguns capitães em guarda d'ella. O fogo foi tomando tamanha posse da cidade com tamanha braveza, que parecia um diluvio d'elle, por estar toda recheada de fazendas de muito valor, que todas se consumiram, e dentro nas casas muitas mulheres e meninos, que não poderam fugir; do que lhe ao capitão mór pezou muito, porque desejou de ganhar aquella cidade pelos fios da espada, para dar nella um rico saco a seus soldados; porque já

que elles por seus braços e valentes corações diante d'elle fizeram tão altas cavallarias, quizera ve-los cevar nas couzas que elles tanto á custa do seu sangue compraram.

## CAPITULO XXX

*De como se arrematou a victoria e se destruiu e assolou a cidade toda, e dos despojos que nella se tomaram e dos mortos e captivos que houve de ambas as partes, e do modo que D. Paulo foi recebido em Malaca*

D. Paulo de Lima Pereira deitou logo espias sobre os inimigos para saber d'elles, e foi avizado serem metidos por esse sertão. Pelo que, em o fogo abrandando mandou o capitão mór pôr guardas nas portas que iam para o sertão, e ao outro dia pela manhã largou a cidade aos soldados para a saquearem, ficando elle no Cotobato mandando embarcar a artilharia, que era muita. E porque não passemos pelos favores e mercês de Deus Nosso Senhor, e da Purissima Virgem sua Mãe, para edificação dos que pelejam por sua Fé, para cometerem todas as couzas com grande confiança nElle, se ha de saber que tanto que Matheus Pereira de Sampaio entrou no Cotobato, que descançou um pouco, perguntou pelo soldado que vira a Virgem Nossa Senhora, que lhe bradou que entrasse no Cotobato, que ella os chamava ; e entre todos os que com elle se acharam não houve quem tal visse, nem depois que o contou a D. Paulo de Lima, que mandou por todas as bandeiras inquirir d'elle, não se achou tal soldado : por onde se presumio que aquillo fôra algum anjo que da par-

te da Senhora o viera esforçar para entrar aquelle forte, em que estava ganhar-se a cidade; mas achou-se um soldado que trouxe ao capitão mór um retábulo de Nossa Senhora do tamanho de quarto de papel, de oleos muito bem obrado, e muito formoso, com sua guarnição e porta, e disse que o achara no palmar em baixo, quando andaram ás mãos com os imigos, sem saberem d'onde viera. D. Paulo o tomou nas mãos com muita veneração, e posto de joelhos o adorou, e mandou logo armar um pequeno altar, em que poz a Senhora para ser adorada de todos: e querendo saber de quem fôra o retábulo, não achou em todo o exercito cujo fosse; antes houve algumas pessoas que affirmaram que da partc dos imigos se tirara com elle aos nossos. Mas quanto a nós devia de ser de algum dos companheiros que em baixo morreram, que o traria comsigo, por ser muito seu devoto, a que Ella não podia deixar de valer á hora da sua morte, pelo especial cuidado que tem de seus servos.

Este retábulo levou D. Paulo depois comsigo para o reino, onde não chegou, que só isso guardou dos despojos d'aquella cidade, cujo saco durou seis dias continuos; e nella se acharam muitas minas de fazendas, ouro, prata, cobre, e alaim, drogas de todas as sortes, em que os soldados se cevaram bem á sua vontade, e muitos ficaram ricos da jornada. Acharam-se em um tronco alguns portuguezes ferrolhados, que o Rajale tinha captivos, todos queimados, mas inda inteiros, e sem nenhum d'elles ter máo cheiro; e não contentes do que acharam na cidade, sahiram d'ella alguns desmandados e metteram-se pelos matos a buscar os embrenhados, mulheres e meninos, com bem de risco de suas pessoas, d'onde trouxeram uma copia d'esta gente, sem verem que os sobresaltasse; d'onde se info-

riu que foram os imigos tão desbaratados e medrosos, que não pararam senão d'ahi a algumas legoas: e soube-se em certo que depois de o Rajale ir desbaratado deram os jáos nelle e roubaram tudo o que acharam, matando tantas mulheres, meninos e outra gente, que iam com seu fato á cabeça, que assim á espada, como ao passar do rio se perderam tres mil almas. Na batalha grande, e nos outros recontros morreram a mãos dos portuguezes do redor de quatro mil, afóra muitos feridos, que depois morreram. As pessoas conhecidas e capitães principaes da sua parte que morreram e captivaram, são as seguintes: Serinará, Serimadaraja, Serpidra, Jalella, Gaiailate, Siribridaja, Chegalá Nimalate, Simirambanca, Ariodraja, capitão de Sábão, e Basiderá, que morreu depois no mato, todos capitães d'aquelles Reis, afóra outros muitos a que não sabemos os nomes. Da nossa parte em toda esta jornada morreram oitenta homens, em que entravam D. Manuel e D. Bernardo; e feridos de redor de cento.

O despojo que se tomou foram mais de mil peças de bronze, em que estava um basilisco mourisco, uma serpe de vinte e tres palmos de comprido, um leão e um camello de marca maior; todas as mais camelletes, falcões, e d'ahi abaixo té chichorros, afóra muitas peças que se derreteram com o fogo. Tomaram-se mil e quinhentas espingardas, a mór parte sem coronhas, por lhas ter o fogo consumido, e outras muitas armas. Embarcações, entre grandes e pequenas, tomadas e queimadas, de redor de duas mil, em que entravam galeões, galés e galeotas, lancháras, bantins e balões, fomas e juncos dos jáos que alli estavam de soccorro.

Concluida a guerra de Jor, mandou D. Paulo adiante as novas á cidade de Malaca, e os feridos para os curarem; e depois da cidade assolada, destruida e feita em cinza, embarcou-se o capitão-mór, e surgio com

toda a sua armada no porto de Malaca, onde logo foi visitado do Bispo e Vereadores, dando-lhe muitos e publicos louvores, e lhe pediram se detivesse alguns dias emquanto lhe preparavam um recebimento honrozo que estava assentado fazer-se; porque de tão prospera e gloriosa victoria lhe era muito devido um glorioso e prospero triunfo, o qual elle acceitaria d'aquella cidade não conforme a grandeza das obras com que o merecera, mas conforme a vontade que uma cidade que elle libertára desejava de lhe fazer, e conforme a sua possibilidade. D. Paulo não poude refusar aquellas honras que lhe offereciam, attribuindo tudo a Nossa Senhora, que Ella fôra a Authora d'aquella victoria, pois em seu dia lhe fez tão assignaladas mercês; e assim se assentou que o sabbado seguinte, que eram cinco de Outubro, por elle ter chegado em fim de Agosto, se fizesse a sua desembarcação, por ser dia dedicado á Senhora. E assim foi á cidade ordenando o seu recebimento, tratando de se lhe fazer o mais solemne que pudesse ser.

D. Antonio de Noronha sendo avizado de como haviam de receber a D. Paulo de Lima com pálio, como elle tinha naquella victoria tão grande quinhão, mandou pedir-lhe o quizesse levar comsigo no triunfo debaixo do pálio, pois o elle tambem merecia; do que se D. Paulo escusou respondendo com aquellas palavras de Christo: *Gloriam meam alteri non dabo*. E que não era ordem repartir-se o triunfo que elle merecia por Geral d'aquella empreza com outrem; que em todas as mais couzas consentira de muito boa vontade. Tomado D. Antonio d'isto, falou-se com os bantineiros de Malaca, e convocou soldados seus amigos por toda a armada, e determinou de fazer por si desembarcação. E assim o fez, porque vindo o sabado seguinte, primeiro que D. Paulo desembarcasse partio

elle do seu galeão, e todas as mais embarcações dos seus amigos de redor d'elle embandeiradas todas, e tocando muitos instrumentos, e disparando muitas bombardadas e espingardadas, e endireitando com o cáes que estava feito para D. Paulo, desembarcou nelle, e em pondo os pés em terra se adiantaram muitos dos seus soldados, e tirando as capas e capotes dos hombros lhos estenderam pelo chão para elle passar por cima; e assim foi levado té a egreja com grande regozijo e louvores de todos aquelles.

D. Paulo de Lima foi avizado d'aquillo, do que lhe deu pouco; e logo se desembarcou com todos os seus capitães e soldados armados, assim e da maneira que na batalha se acharam, e pondo os pés em terra com a bandeira de Christo diante, e a dos imigos arrastando-se por seus pés, desparando-se naquelle tempo assim da armada como da cidade aquella tempestade de artilharia, que parecia tremer o mar e a terra; e posto D. Paulo na borda do caes deixou desembarcar todos os seus capitães, e mandou ordenar os esquadrões assim como entraram em Jor; D. João Pereira na dianteira, e logo Matheus Pereira de Sampayo, e o capitão-mór na rectaguarda. Ordenado tudo foi o capitão-mór entrando pelo cáes, no qual estavam todas as religiões e cleresia com suas cruzes e cereaes, que começaram a cantar *Te-Deum laudamus;* e á meia parte estava uma alcatifa estendida com umas formosas almofadas, nas quaes estava encostado um devoto crucifixo, e a seus pés uma formosa capella de rosas, boninas e hervas cheirosas, e de redor o Bispo e os vereadores com todo o povo. Chegado aqui D. Paulo, prostrou-se no chão, e adorou a figura do Senhor, e o Bispo tomou logo a capella e lha pôz na cabeça, e depois o abraçou, dizendo-lhe publicas e breves palavras de louvores, e o mesmo fizeram os

vereadores em uma discreta falla; e depois estenderam um formoso e rico pálio e o meteram debaixo, e assim foi triunfando com a corôa na cabeça, a qual os romanos chamavam civica ou mural, que se dava a qualquer capitão que livrava ou descercava alguma cidade; e naquella ordem chegou té a egreja maior, onde ouviram missa e deram graças ao Altissimo Deos pelas mercês que lhe fez, e d'alli se recolheram a suas casas.

Copia de um capitulo de uma carta de D. Paulo de Lima á Senhora D. Helena de Souza, em Malaca, em 26 de Novembro de 1587:

«Dei na cidade de Jor com quatrocentos soldados: tendo oito mil homens de defensa e tres Reis de soccorro a tomei e assolei com o favor Divino, e com o esforço de valorosos capitães e soldados. Nella tomei mais de mil peças de artilharia de bronze, e os soldados muita prata, ouro e fazenda: mandei dar noutras povoações e cidades, e tomaram-se em todos os lugares mais de mil e duzentas embarcações, em que entraram muitas galés, galeótas e fustas. Estou de caminho para Ceilão, que está de cerco; se o fizer alevantar ao Rajáo, parece que poderei ir descançar, contestando com a obrigação do meu officio, e não se queixarão os parentes, que por parte d'este pobre fidalgo se diminuiu ou apoucou o nome d'este appellido.»

## CAPITULO XXXI

*Do que D. Paulo de Lima fez em Malaca, e mandou seu irmão D. Pedro de Lima ao estreito de Sincapura dar guarda aos juncos, e do que mais succedeu a D. Paulo em Ceilão, e até chegar a Gôa*

Tendo este victorioso capitão repouzado alguns dias, lhe pedio a cidade que mandasse alguns navios da sua armada aos estreitos de Sincapura e Sábão a favorecerem os juncos dos jáos que começaram a vir para áquella cidade, porque a armada do Rajale Rei de Jor lhe não impedisse a passagem. Pelo que logo despedio a este negocio seu irmão D. Pedro de Lima, a que deu duas galés; uma em que elle foi, e da outra elegeu capitão Sebastião de Miranda d'Azevedo; e lhe deu mais seis fustas, capitães e soldados da sua armada a elle escolher. A 15 d'Outubro se fez D Pedro á véla, e de passagem entrou no rio de Jor, e vio ainda aquelle grande incendio que consumio tudo, e tomou uma embarcação com alguns malaios, dos quaes soube que se esperava a outro rio por El-Rei, que havia de ir ter a um certo lugar pelo rio dentro, onde determinava fundar nova cidade, pela de Jor que perdeu. D. Pedro desejoso d'haver aquelle Rei ás mãos foi-se pelo rio acima levando na sua galé os malaios por guia, e encontrando com sete navios, de que era capitão mór um Quisnadão Malayo por nome, que levava alli sua mulher e filhos, cometeu as fustas, e depois de uma teza briga o renderam e tomaram todos, sem lhe escapar uma pessoa. Alcançada esta victoria se sahio para fóra e se foi na volta de Bintão, cidade já formosa e próspera, a qual seus moradores despejaram

de medo, e os nossos lhe puzeram fogo e a abrazaram. E por aquelle estreito de Sábão andou D. Pedro de Lima todo o mez de Novembro, em que deixou feito grandes destruições em muitas aldêas, em que houveram boas prezas e muitos captivos, e fez arribar a Malaca todos os juncos de mantimentos e fazendas que vinham da costa de Jaoa, com o que se recolheu.

D. Paulo de Lima quiz avizar ao Viso-Rei da mercê que Deus lhe tinha feito, por saber que havia de toda a India estar em sustos e receios: ao que despedio Simão d'Abreu de Mello, e escreveu ao Viso-Rei o successo todo de sua jornada; porque o Simão d'Abreu havia de ir tomar Cochim a tempo que achasse inda as náos do reino. E em uma náo do reino que aquelle anno tinha vindo a Malaca por contracto, que era capitão Francisco de Brito do Rio, escreveu a El-Rei muito largamente, e lhe mandou algumas peças de artilharia de bronze mui grandes e formosas, das que tomou em Jor, para verem na Europa que não pelejavam os portuguezes na India contra selvagens com páos e pedras, senão com outras tão politicas como todas, e contra tão furiosos e medonhos basiliscos e canhões reforçados, como onde melhor se exercita a milicia. Esta náo não partio esta monção, e ficou para o anno seguinte; e andando o valoroso capitão mór D. Paulo dando ordem ao presidio que havia de deixar em Malaca, sendo na entrada d'Outubro lhe deram cartas do Viso-Rei, em que lhe pedia se apressasse, e que com toda a sua armada fosse tomar Ceilão, porque estava a fortaleza de Columbo mui apertada do tyranno Rajáo, para elle e o capitão Manuel de Souza Coutinho darem nos imigos e os desalojarem, e que naquella fortaleza acharia largos regimentos do que havia de fazer.

Com este avizo se apressou D. Paulo e deu em

breve ordem ao provimento d'aquella fortaleza, e lhe deixou para guarda dos estreitos uma galé com seis fustas mui bem providas de tudo o necessario, e deu ordem a outras couzas, porque levava os poderes do Viso-Rei na justiça e fazenda; e quando foram 24 de Janeiro de 588 se fez á véla, dando por regimento a todos os capitães que se se apartassem d'elle, o fossem esperar na bahia de Columbo em Ceilão. E assim foram seguindo sua derrota, em que logo se apartaram, e se fizeram na volta de Columbo, onde chegou primeiro Matheus Pereira de Sampayo, capitão da galeaça, e logo ao outro dia D. João Pereira e Francisco da Silva em seus galeões, e as fustas de D. Nuno Alvares Pereira, e a galé de D. Pedro de Lima; porque estava aquella fortaleza bem necessitada de soccorro, e o cerco mui apertado, que tinha posto o Rajáo, senhor tyranno de toda aquella ilha.

Havendo poucos dias que tinha chegado de Gôa Manuel de Souza Coutinho, que logo succedeu na governança da India, que o Viso-Rei D. Duarte tinha mandado de soccorro com uma boa armada de galés e de fustas para ir descercar aquella fortaleza, lhe deu por regimento que esperasse por D. Paulo de Lima, para que ambos com o capitão da cidade, que era João Corrêa de Brito, sahissem aos imigos, e que entre elle e D. Paulo não houvessem pontos de preferencias, guardando-se todo o decóro que se devia a Manuel de Souza por capitão mór d'aquelle soccorro, e a D. Paulo de Lima por capitão mór do mar de Malaca, e que vinha com uma victoria tamanha, da qual aquellas partes e a India toda se segurava. E que o capitão da fortaleza levasse a bandeira de Christo quando sahissem fóra, e elle e D. Paulo as suas de campo; e que esta boa correspondencia e primor deixava na prudencia d'elles capitães, e as-

sim o escreveu a D. Paulo de Lima, e porque na conformidade de todos estava o remedio d'aquella fortaleza. O Rajáo quando viu tantas armadas, e teve logo avizo que se esperava por D. Paulo de Lima, que vinha tão victorioso de Reis tão potentes, logo determinou de os não esperar e de se desalojar o mais secretamente que pudésse; para o que se preparou e começou a recolher a artilharia. De tudo tiveram logo os capitães avizo, e ajuntando-se Manuel de Souza Coutinho e João Corrêa de Brito, convocaram conselho geral de todos os capitães para lhes proporem se seria bom sahirem aos imigos, que estavam medrosos, e alcançarem d'elles uma muito grande victoria que esperavam de lhes dar Deos Nosso Senhor. Todos os capitães accudiram ao conselho, sómente D. João Pereira, que mandou dizer aos capitães que elle era da companhia de D. Paulo de Lima, e não se havia de achar em conselho a que elle não estivesse; e praticada entre todos esta determinação, e certificando o capitão que o Rajáo estava movido a se recolher, que seria bom darem primeiro nelle e desbaratarem-no, porque se não fosse louvando dos damnos que deixava feitos naquella fortaleza; e debatido o caso vieram a resolver em que se havia de esperar por D. Paulo de Lima, como o Viso-Rei mandava, que poderia ser alli ao outro dia; e que no entretanto tivessem espias sobre o imigo, e que tanto que se desalojasse déssem nelle por se não perder aquella occasião. E assim se puzeram logo em ordem para isso, repartindo-se todo o poder em tres bandeiras, por esta maneira: Manuel de Souza Coutinho, que havia de levar a vanguarda, com a gente da sua armada, e a de D. Nuno Alvares d'Athouguia, que a cidade de Cochim mandou de soccorro, que seriam mil portuguezes, com

toda a gente de terra, debaixo da capitanía de Francisco Gomes Leitão, o qual Manuel de Souza sahiria com todo o seu esquadrão pelo baluarte S. Thomé, e se iria senhoriar da pedreira: Bernardo de Carvalho, que tinha antes de D. Paulo vindo de soccorro com uma boa armada, com a gente d'ella, que foram trezentos homens, havia de vir tomando o caminho da lagôa até se pôr na ponta da ilha: o capitão da cidade e da bandeira de Christo, com a gente da sua rolda; e a de João Cayado de Gambôa com a que tinha vindo de soccorro de Gôa, e a que veiu de S. Thomé e Manar; e todos os capitães da armada de D. Paulo de Lima que quizeram acompanhar a bandeira de Christo, que passavam de quinhentos homens, na retaguarda.

Disposto isto assim, despediram o Modeliar Diogo da Silva com trinta soldados escolhidos para irem espiar os imigos, e achando que se desalojavam lhes fizesse signal com tres espingardadas; e para os favorecer deixaram fóra a D. João Pereira com seus soldados, e seu irmão D. Nuno Alvares Pereira. O Modeliar chegou a vêr os imigos, e achando que se desalojavam, fez signal, ao qual foi D. João Pereira abalando, e cometeu a tranqueira dos imigos com muito animo, e a poucos golpes foi entrada. Os capitães ouvindo o signal sahiram da fortaleza na ordem que estava assentada; Manuel de Souza chegou á tranqueira da primeira cava, onde inda achou um corpo de gente, e indo-a cometendo deram elles fogo á tranqueira, como o Rajáo lho tinha mandado, e se recolheram; e os da companhia de D. João Pereira, de Francisco Gomes Leitão, e João Cayado de Gamboa, a quem os capitães mandaram dizer fizessem o officio de capitão da dianteira, foram seguindo o alcanço até a ponte de Matacoré, a qual os imigos co-

mo se viram da outra parte cortaram com muita pressa, na qual os nossos tiveram uma grande peleja com os imigos. E porque todos os successos d'esta victoria se contam em seu lugar, porque isto é só particular de D. Paulo de Lima, passaremos por elles; sómente diremos que o imigo se recolheu perdido e desbaratado de todo. Arrematou-se esta victoria ás tres horas da madrugada, estando os nossos capitães nas tranqueiras dos imigos, onde esperaram a manhã, que como esclareceu descobriram aquella maquina das tranqueiras, que era um labyrinto, as quaes mandaram desfazer com muita pressa. Perdeu o imigo neste cerco de redor de dez mil homens, e grande nnmero de captivos; e dos nossos por todo o discurso d'elle perder-se-hiam vinte e quatro sómente.

Ao outro dia chegou D. Paulo de Lima, e sabendo a grande victoria que Deus Nosso Senhor deu aos nossos a festejou muito, e descançando foi-se logo ao campo onde os capitães andavam no desfazer das tranqueiras, e d'elles foi muito festejado, e ajudou a derrubar aquella maquina de baluartes e cavas, que era um infinito. Depois de tudo feito se embarcou D. Paulo na sua armada e se fez á véla para Gôa; e parece que houve alguma occasião para elle dizer que o imigo se não desalojára senão depois que vira as gáveas do seu galeão. Chegou este capitão a Cochim, onde aquella cidade lhe fez um grande recebimento; e por ventarem nortes rijos se mudou aos navios de remo, em que chegou a Gôa. Tanto que o Viso-Rei teve recado, disse aos vereadores que preparassem todo o recebimento possivel na entrada de D. Paulo, e que tirado o pálio, que era do Viso-Rei, tudo o mais merecia pelos seus feitos e boa ventura; e assim fez sua entrada, a mais formosa couza que podia ser. E desembarcando no caes foi recebido dos ve-

readores, fidalgos, e tanto concurso do povo, que não havia romper. Desembarcou D. Paulo com um capote de veludo roxo com muitas guarnições de ouro, gorra com plumas, medalha rica, e formosissimo collar de pedraria sobre os hombros, e como era um dos mais formosos homens do mundo levou apoz si os olhos de todos, e d'aquelle grande tropel quasi nos braços de todos chegou ao terreiro do paço, onde achou ao Viso-Rei, que o sahio a receber, que remettendo a elle o levou nos braços e lhe disse muitas palavras em seu louvor, bem merecido por seu grande esforço e prudencia; e tendo alli cavallos o fez cavalgar e o levou á sua ilharga, e correram as carreiras com muito regozijo, e assim se recolheu a sua casa acompanhado de tudo o que havia em Gôa.

## CAPITULO XXXII

*De como D. Paulo de Lima se embarcou para o reino na náo S. Thomé, e dos grandes e piedosos trabalhos que passaram até vista de terra*

Poucos dias depois adoeceu o Viso-Rei D. Duarte de umas febres malignas, andando occupado no provimento de Malaca e Ceilão; e como o mal era de morte, ao seteno falleceu, e foi aos 4 de Maio de 88, com grande dôr e sentimento de toda a India, e foi levado á igreja dos Reis Magos acompanhado de todas as ordens e cleresia. E estando seu corpo na capella maior se abriu a primeira successão da governança da India, na qual se achou Mathias d'Albuquerque, que era ido para o reino; e abrindo-se a segunda sahiu nella Manuel de Souza Coutinho, que

logo foi obedecido. Isto sentiu D. Paulo de Lima tanto, por cuidar que merecia aquelle logar, que logo se começou a fazer prestes para se partir para o reino; como fez na armada que tinha partido do reino, de que era capitão mór João de Toar Caminha, na náo S. Thomé, de que veio por capitão Estevão da Veiga, embarcando comsigo a ossada de seu filho D. Paulo, que seria de cinco ou seis annos, tão parecido a seu pae, que era couza de espanto. E assim elle lhe queria tamanho bem, que pasmava por elle, e quando lhe falleceu fez extremos sobrenaturaes, e o enterraram em S. Francisco de Gôa no capitulo pegado á capella, onde lhe puzeram a grade e panno de velludo preto. E quando lhe tirou d'alli a ossada, logo a houve eu dos padres por esmola que lhes dei, a mesma cova para meu enterramento: e foi couza justa, que pois fui na vida tão grande amigo seu, lhe herdasse na morte a sepultura que tinha para si e seus descendentes, da qual tomou posse o tenro e formoso Adonis D. Paulo seu filho, e sobre ella tenho hoje minha campa e letreiro, esperando cada hora de a ir povoar, como mais certa morada da terra. Em fim elle se embarcou com toda sua casa em Janeiro de 89, e porque todas as mais náos da companhia de João de Toar chegaram a salvamento, as deixaremos para continuar com esta, para cuja viagem vou aparelhando as lagrimas e suspiros que me custa, cada vez que isto leio.

Tomou esta náo a derrota por fóra dos baixos, e indo demandar a ilha de Diogo Rodrigues, que está em vinte gráos do Sul, alli lhe deu o vento Susueste tão rijo, que logo alevantou os mares de feição, que indo correndo a náo á vontade do vento, com o trapear que fez abriu pela prôa pela boteladura, por onde lançando fóra a estopa do calafetamento começou a fazer alguma agua, a que logo acudiram e re-

mediaram muito bem. E abonançando-lhe o vento foram sua derrota té altura da ponta da ilha de S. Lourenço, em altura de vinte e seis gráos de Gôa para cem legoas da terra, onde tornou a abrir outra agua em maior quantidade que a primeira, por outro lugar mais perigoso, que foi por prôa abaixo das escoas ás primeiras picas, onde é mais difficultoso de se ella tomar que em toda a outra parte; e acudindo os officiaes despejaram a náo por aquella parte e deram com a agoa, que era muito grossa, por cuspir as estopas e as pastas de chumbo que se prégam por cima; o que tudo nasceu do calafate, por cuja causa se perdem muitas náos. No que se tem muito pouco resguardo e os officiaes muito pouco escrupulo, como se não ficassem á sua conta tantas vidas e tantas fazendas, como se metem nestas náos.

Achada a agua viram que era um torno tamanho, que se um official metia a mão, a força d'ella lha tornava a rebater para fóra; e porque se não podia tomar sem cortarem as picas, o fizeram contra o parecer de muitos, e todavia tendo cortado algumas tornaram a sobre-estar, por ser aquelle lugar o em que se fecha toda a náo, e nella não ia pregadura para se tornar a remediar; porque as mais, ou todas estas náos andam a Deus misericordia por pouparem quatro cruzados, e com facas, pregos grandes e outras couzas entupiram o melhor que puderam aquelle lugar, e com muitos saquinhos d'arroz que meteram entre as picas e liames, para que fizessem pegamaço, ordenando-lhe por cima uma arca que sustentasse estes saquinhos de arroz por baixo e os não pudésse a agua suspender. Com isto ficaram alguma couza desaliviados, e a agua começou a ser menos na bomba, e assim foram seguindo seu caminho com bom tempo té altura de trinta e dois gráos e meio do Sul, cento e cincoenta

leguas da bahia da alagôa, e oitenta da mais chegada terra do Natal. Nesta paragem lhe saltou o vento ao ponente da parte do suduéste, sendo já onze dias de Março; com o que tomaram as velas ficando só os papafigos, com que se fizeram na volta do Norte, e com o trabalho do vento e dos mares tornou a agua a abrir pelo mesmo lugar tão apressada, que em pouco espaço havia já seis palmos no porão, e toda a gente se meteu em grande revolta e se começou alijar ao mar todas as couzas do convés para ficarem as escotilhas léstes; e com os aldropes das bombas nas mãos, sem descançarem passaram toda a noite.

Sendo já mais de dois palmos de agua que cresceu, o lastro do porão se começou a cobrir, e as pipas e pau preto, que por cima já andavam nadando de bordo a bordo, dando no costado da náo tamanhas pancadas, que abalava toda a náo. E porque a agua crescia atravessaram os officiaes algumas entenas por cima das escotilhas de popa e de prôa, pelas quaes ordenaram muitos barris de seis almudes, que desciam e subiam com facilidade, aos quaes se repartiram todos os da náo, sem haver excepção de pessoa, sendo D. Paulo de Lima que nella ia com sua mulher, o primeiro, e assim Bernardino de Carvalho, o capitão Estevão da Veiga, Gregorio Botelho, sogro de Guterre de Monroy, que levava alli sua filha para seu marido que estava no reino, e outros cavalleiros e frades que na náo iam, que todos de dia e de noite trabalharam nas bombas e aldropes dos barris, sem se apartarem d'elles nem para comer; porque os frades andavam pelo convés com biscoito, conservas e agua consolando a todos assim corporal, como espiritualmente. E com toda esta diligencia a agua era cada vez mais, com o que se determinaram a ir buscar a terra no mais perto para vararem nella, para onde viraram

com o traquete de prôa e cevadeira, e não ousaram de bolir na véla grande, por não largarem os aldropes e bombas das mãos; porque qualquer espaço que o fizeram bastára para se sumergirem. E indo demandar a terra, sendo já 14 de Março, se acabou de encher o porão de agua e as bombas de se entupir com a pimenta que foi ao porão; por onde já deixavam de laborar, e os homens a descorsoar. Mas aquelles fidalgos, religiosos e cavalleiros honrados com grande coração e animo trabalhando sempre, esforçavam os mais ao trabalho, persuadindo a não largarem os aldropes das mãos, porque isso os sustentava. Os officiaes gastaram aquelle dia em desentupir as bombas, forrando as trempes com folha de Flandres, por se não tornarem a empachar. E porque tambem era necessario alijarem ao mar tudo o que pudéssem, encommendaram esta eleição a certas pessoas, que foram deitando á agua todas as riquezas e louçaínhas, de que a náo ia riquissima, ganhado tudo com tanto suor de uns, e com tantos encargos de outros. Ao outro dia, que foram 15 do mez, estava já a coberta de sobre porão cheia de agua, e o vento era Suduéste, e de quando em quando vinha com uns salseiros de agua muito rijos que lhe davam outro trabalho de novo. Em fim que tudo era contra elles, até o léme da náo, que deixou de governar; por cuja causa ella ficou atravessada sem vélas, por serem todas rotas, não acudindo os da náo a nada, por não largarem as bombas das mãos, porque nisso estava algum remedio, se o havia.

Toda esta noite de 14 para 15 de Março passaram com grandes trabalhos e desconsolações, porque tudo quanto viam lhes representava a morte; porque por baixo viam a náo cheia de agua, por cima o ceo conjurado contra todos, porque até elle se lhe encobrio

com a mór serração e escuridade que se vio: o ar assuviava de todas as partes, que parecia que lhe estava bradando morte, morte; e não bastando a agua, que por baixo lhe entrava, a de cima que o ceo lançava sobre elles parecia que os queria alagar com outro diluvio, e dentro na náo tudo o que se ouvia eram suspiros, gemidos, gritos, prantos e misericordias que se pediam a Deos, que parecia que por alguns peccados d'alguns d'aquella náo estava irado contra elles. Ao outro dia em amanhecendo, que se viram todos sem nenhum remedio, trataram de lançar o batel ao mar, para o que foi necessario largar os barris para se abrir a náo, a qual entre as cobertas parecia que andavam todos os espiritos damnados com o estrondo das couzas que nadavam e davam umas nas outras e que corriam de bordo a bordo; de maneira que aos que abaixo descia se lhes representava o ultimo Juizo.

Os officiaes e outros homens deram pressa ao concerto do batel, a que fizeram suas arrombadas e o que lhe mais pareceu necessario para a viagem; o que tudo se fez com grande trabalho, pelos grandes balanços que dava a náo, por andarem os mares cruzados, os quaes lhe entravam pelo portaló, que estava aberto para por elle alijarem tudo ao mar, o que era causa de se acabar de alagar a náo. Já neste tempo iam governando a Nornoroéste, porque se fazia o piloto muito perto da terra; e assim o estavam tanto que aquelle dia ao pôr do sol affirmou um marinheiro que a vira, e bradou de cima da gávea terra, terra; e por não saber o piloto se naquella parte haveria arrecifes aonde se não encalhasse e perdessem todos, pareceu-lhe bem desviar-se e governar ao Nordéste, para como fosse de dia a ir demandar para se poder salvar toda a gente, que toda aquella noite passou na

mór afflicção de espirito e no mór trabalho do corpo que se podia imaginar.

## CAPITULO XXXIII

*Do mais que passou até a gente da náo se recolher ao batel, por verem a náo que se ia a pique ao fundo*

Ao outro dia tanto que amanheceu não viram terra, e lançaram o batel ao mar com muito trabalho; porque indo no ar sobre os apare-lhos, se lançavam os homens a elle como doidos, sem D. Paulo, que se tinha metido dentro com uma espada na mão, lhes poder valer; porque se quiz segurar dos marinheiros que se não fossem nelle, e o deixassem: e sem embargo de cutiladas e crizadas que se deram em muitos despiedosamente, não deixou de se lançar nelle tanta gente, que em chegando ao mar se houvera de soçobrar, e com muito trabalho tornou D. Paulo a fazer subir alguns para cima, promettendo-lhes que todos os que coubessem se haviam de salvar nelle. E ficando o batel em bom estado se foi pôr por pôpa da náo para tomar pela varanda as mulheres que alli iam, os frades e os homens fidalgos; e porque a náo dava grandes balanços e houveram medo que se metesse o batel no fundo, affastou-se um pouco para fóra, e d'alli se deu ordem para que as mulheres se amarrassem com peças de caças, pelas quaes dependuradas as calavam abaixo, e o batel chegava a tomal-as mergulhadas muitas vezes, com muito trabalho, lastima e mágoa de todos.

Nesta obra andava na náo Bernardino de Carvalho sobre quem descarregaram todos os trabalhos d'aque ll

preparação e de toda a náo; porque D. Paulo de Lima como era bom christão e temente a Deus, havia que aquelle castigo era por seus peccados; com o que andava já tão acanhado, que não parecia ser aquelle que em tão grandes riscos e perigos, como os em que se viu, nunca perdeu um ponto do seu esforço e animo, que aqui lhe faltou de todo. Tomaram-se d'esta maneira a mulher do mesmo D. Paulo, D. Marianna mulher de Guterre de Monroy, e D. Joanna de Mendoça, mulher que fôra de Gonçalo Gomes de Azevedo, que ia para o reino meter-se em um mosteiro desenganada do mundo, sendo inda moça, donna muito virtuosa e que em toda esta jornada deu a todos um admiravel exemplo de sua virtude, como em seus logares tocaremos; a qual levava comsigo uma filha de menos de dois annos, com quem ella estava abraçada com os olhos no ceo pedindo a Deus misericordia, e para a amarrarem foi necessario tiral-a dos braços, e entregal-a a uma ama sua. Apoz ellas se embarcaram os padres e Bernardim de Carvalho, e derradeiro de todos o mestre e contramestre, que andaram fazendo prestes alguns barris de biscoito, e agua, que lançaram no batel, e com elles se entulhou o batel e foi affastando.

D. Joanna vendo que lhe ficava a filha na náo, a qual via estar no cóllo de sua ama, que de lá lha mostrava com grandes prantos e lastimas, foram tantas as mágoas e couzas que disse, que moveu a todos a che garem á náo e pedirem a menina á ama, dizendo-lhe que a amarrasse a uma caça e a lançasse abaixo; o que ella não quiz fazer, dizendo que tamhem a tomassem, senão que a não havia de entregar: e nunca a puderam persuadir a outra couza, por muito que sua senhora lho pedio com lagrimas e piedades que puderam mover um tigre, se tivera a criança em seus

braços. E porque nisto houve detença e a moça estava emperrada, e a náo dava uns balanços cruelissimos, foi forçado affastarem o batel porque se não metesse no fundo, o que foi com grande compaixão da triste mãe, que estava com os olhos na filha com aquella piedade com que todas os costumam pôr nos seus, que muito amam. E vendo que lhe era forçado deixal-a, tornando a moça a testificar com a menina, que em seus braços a havia de entregar áquellas crueis ondas, que parecia que já a queriam tragar, virou as costas para a náo, e pondo os olhos no céo, offereceu a Deus a tenra filha em sacrificio, como outro Isaac, pedindo a Deus misericordia para si, porque sua filha era innocente, e sabia que a tinha bem segura.

Este espectaculo não deixou de causar a todos gravissima dôr naquelle estado, em que cada um tinha bem de necessidade de compaixão alheia, se alli houvera animos livres para a poderem ter dos males de outros. Afastando o batel um pouco, ficaram esperando de largo pelo padre Fr. Nicolao, da Ordem dos Prégadores, que se não quiz embarcar no batel sem confessar quantos ficavam na náo; que pois a tanta gente lhe faltava todas as consolações de corpo, lhe não faltassem as da alma. E assim confessou e consolou a todos com muita caridade, chorando com elles suas miserias, e absolvendo-os assim em particular, como em geral, e porque não era possivel chegar o batel a tomal-o por força, porque estava apostado a se deixar ficar na náo para consolação d'aquella gente; mas tantas couzas lhe disse D. Paulo, e tantos protestos lhe fez com todos os mais qne iam no batel, que se houve de lançar ao mar, e a nado se recolheu no batel, onde foi muito festejado de todos por sua virtude e exemplo que em toda aquella viagem deu,

pelo qual era mui amado e reverenciado, e depois de ser recolhido foram governando para a terra.

Os da náo vendo partido o batel e não lhe ficando outra esperança de remedio, que a que Deus e elles ordenassem, fizeram algumas jangadas o melhor que puderam, que já ficavam a bordo da náo quando o batel se affastou; mas como Deus Nosso Senhor tinha escolhido aquelles para acabarem alli, todas se sumergiram, e o mesmo fizeram duas manchúas que iam arizadas por pôpa da náo. E certo que parecia tudo castigo de Deus, porque facilissimamente se pudéra salvar toda a gente d'esta náo, se os do batel não quizeram tratar de si sós; porque bem puderam dar primeiro ordem a grandes jangadas, em que se toda a gente recolhera com agua e mantimentos, as quaes o batel fôra guiando té a terra, que estava tão perto, que ao outro dia se viu, tendo já para isso tanto espaço de tempo, que durou a náo vinte e quatro horas sem lhe darem á bomba, nas quaes puderam ordenar as jangadas que quizeram, pois levavam entenas, mastros e vergas, e tanta madeira que lhe sobejava: porque mais difficultosa foi a perdição da náo *Santiago* no baixo da Judia, como na decima Decada fica dito, e fizeram-se muitas jangadas, de que algumas chegaram a terra, sem favor do esquife nem batel, durando a viagem oito dias. Mas as pessoas a que nesta náo se pudéra ter respeito e que podiam mandar fazer isto, eram D. Paulo de Lima, que tinha perdido aquelle seu nunca vencido animo com se vêr com sua mulher naquelle estado, e outro Bernardim de Carvalho, fidalgo muito honrado, muito bom cavalleiro, mas de natureza tão branda, que por vêr nos officiaes todos uma tão grande alteração, dissimulou com couzas que entendia bem, por se não perder tudo; porque esta gente do mar em um caso como este não tem

respeito a nada, nem elles depois foram castigados por excessos qne cometeram nestas viagens.

## CAPITULO XXXIV

### *Do que succedeu aos do batel até que chegaram a terra*

E tornando ao batel: tanto que cometeu sua viagem acharam-no os officiaes tão pejado, por ir muito carregado, e com todo o grosso debaixo da agoa, que fizeram grandes requerimentos que se lançassem algumas pessoas ao mar, para se poderem salvar as outras; o que aquelles fidalgos consentiram, deixando a eleição d'ellas aos officiaes, que logo lançaram ao mar seis pessoas, que foram tomadas nos ares e lançadas nelle, onde foram sumergidas das crueis ondas sem mais apparecerem. Este piedoso sacrificio levou os olhos dos que o viram tanto trás si, que ficaram como pasmados, sem saberem o que viam, ou como couza que se lhe representava em sonhos. E posto que estas seis pessoas se despejaram ficaram no batel cento e quatro; e indo sua viagem não puderam surdir ávante, porque a agua os ia lançando da terra para o mar, porque nem os homens iam para remar, de cançados dos trabalhos passados, nem o batel ia para se marear de mui pezado. E sendo meia noite se acharam da náo ao mar um bom espaço; pelo que tomando o remo se tornaram chegar a ella, e viram dentro muitos fogos, que eram vélas acesas, porque toda a noite os da náo passaram em procissões e ladainhas, encomendando-se a Deus Nosso Senhor com vozes e clamores tão altos, que no batel se ouviram;

e em amanhecendo se chegou o batel bem á náo, e fallaram com os de dentro animando-os a fazerem jangadas, offerecendo-se a esperarem para os acompanhar. Os de dentro responderam com grandes gritos e prantos, pedindo misericordia em vozes tão profundas e piedosas, que metiam medo e terror; porque como a manhã não era bem clara, fazia parecer aquillo mais medonho e espantoso. Descoberto o dia trataram de ir algumas pessoas á náo tomar espingardas e mantimentos, ao que se lançaram a nado tres ou quatro marinheiros, que em subindo acima acharam já a cuberta cheia de agua, e a gente toda como alienada com o temor da morte que esperavam: e todavia tinham no capitéo da pôpa um formoso retábulo de Nossa Senhora, de redor do qual estavam todas as escravas descabelladas em um piedoso pranto, pedindo áquella Senhora misericordia, estando diante de todas a ama de D. Joanna com a menina nos braços, d'onde nunca a largou, cuja idade não lhe deixava conhecer o perigo em que estava, e inda que o sentira, lho fizera sua innocencia estimar em pouco; porque não ha couza que faça parecer a morte mais temeroza que o receio da salvação. Os marinheiros lançaram ao mar alguns barris de agua e biscoito, e um de vinho, que se recolheram no batel, que desejou de chegar á náo a despejar-se inda de algumas pessoas, porque não estava para navegar. Os marinheiros se recolheram sem trazerem a menina de D. Joanna, porque os mais d'estes homens são deshumanos e crueis por natureza. E porque não puderam chegar á náo para fazerem aquelle despejo se affastaram e deixaram aos officiaes fazer seu officio, os quaes foram deitando ao mar algumas pessoas, que foram um Diogo Fernandes, muito bom homem, e muito apoucado, que acabara de ser feitor de Ceilão,

e um soldado chamado Diogo de Seixas, e Diogo Duarte, mercador, e Diogo Lopes Bayão, que andaram muitos annos no Balagate, onde o Idalxá lhe tinha dado tres mil cruzados de renda, por ser homem de industria e invenções, o qual tratava de cavallos de Gôa para lá, e lhe levava todos os avizos, e inda se suspeitava que era duvidoso na fé; pelo que o mandavam para o reino, do qual na nossa decima Decada démos larga conta; porque foi o que teceu as meadas de se passar á terra firme Çufocan, que o Idalxá desejou de haver ás mãos para o matar, por lhe pertencer o reino, e assim d'esta vez o acolheu por ardís d'este Diogo Lopes, e lhe mandou tirar os olhos. Este Diogo Lopes, quando o tomaram para o lançar ao mar, entregou ao padre Fr. Nicolao um bizalho de pedraria, que diziam valer dez ou doze mil cruzados, encomendando-lhe que se o pudesse salvar o entregasse a seus procuradores, se fosse a Gôa, ou a seus herdeiros, se Deus o levasse ao reino, e com estes homens lançaram tambem ao mar alguns escravos, que todos logo foram sumergidos d'aquellas crueis ondas.

Feita esta abominavel crueldade por mãos d'estes officiaes do mar, os quaes permittio Deus a pagassem muito cedo com todos ou os mais d'elles morrerem em terra por aquelles matos com grandes desconsolações, começou o batel a tocar o remo para a terra; e sendo affastados da náo, ás dez horas do dia lhe viram dar um grande balanço, e apoz elle esconder-se toda debaixo da agoa, desapparecendo á vista de todos como um raio, de que elles ficaram como homens pasmados; parecendo um sonho verem assim uma náo em que havia tão pouco iam navegando, tão carregada de riquezas e louçainhas, que quasi não tinham estimação, comida das ondas, sumergida das

aguas, entesourando nas concavidades do mar tantas couzas assim dos que nella iam, como dos que ficavam na India, adquiridas pelos meios que Deus sabe; pelo que muitas vezes permitte se logrem tão pouco, como estes. E posto que este espectaculo foi mui temeroso a todos, á desconsolada de D. Joanna de Mendoça foi de mór dôr e paixão, porque via sua filha tão tenra e mimosa sua, manjar de algum monstro do mar, que póde ser que inda bracejando a tragasse; mas como ella tinha offerecido já tudo em sacrificio a Deus, com Elle praticou dentro em seu coração suas lastimas, a que Elle não podia deixar de acudir com alguma consolação espiritual, porque na paciencia, virtude e exemplo que nesta afflicção mostrou, se podia isto suspeitar. O batel deu á véla que se lhe ordenou, e com o vento, que era Levante, foi demandar a mais perto da terra pelo rumo que levavam, da qual houveram vista á tarde aos 20 dias de Março, e com grande alvoroço (se o podia haver em corações que tantas mágoas viram havia tão pouco) se foram chegando a ella, e por lhes anoitecer tomaram a véla, porque lhe não fosse encalhar em parte onde se afogassem todos, já que Deus alli os levara. E certo que é couza muito para ponderar a perdição d'esta náo, e a morte da gente que nella ficou, porque em muitas couzas se viu ser aquillo juizo de Deus muito evidente; porque se aquella noite que o marinheiro disse que via terra, acertára de pela manhã o piloto não se ir desviando de noite d'ella, em nenhuma fórma pudéra perecer aquella gente, porque estariam quando muito d'ella oito legoas, e a náo deu muito largo espaço para o batel lançar fóra aquella batellada de gente em terra, e tornar pela que lhe ficáva: e inda pudéra fazer mais, que fôra virem com a náo té encalhar, que inda que fosse duas le-

goas de terra ficava-lhe mais perto para se levar toda a gente no batel; e inda que o não tiveram, em jangadas que alli fariam todos com grande alvoroço á vista da terra, se poderiam salvar; mas os peccados taparam os olhos a todos para não entenderem isto, e se perderem aquelles que nasceram para aquillo.

Ao outro dia pela manhã se chegaram bem a terra e surgiram na quebrança do mar, por ser alli tudo limpo, e lançaram alguns marinheiros fóra para irem vêr se havia algumas povoações, ós quaes de cima de uns médãos de arêa enxergaram fógos; e indo-os demandar deram em umas palhoças em que moravam alguns cafres, que em vendo aquelles homens lançaram a fugir; mas tornando a conhecer serem portuguezes, pela comunicação que com elles tinham por causa do resgate do marfim que todos os annos alli vão fazer, voltaram logo a elles mui domesticos, e em sua companhia foram té á praia sem se entenderem, porque não fallava nenhum d'elles nossa linguagem. Ventava neste tempo Ponente, pelo que assentaram todos de se irem de longo da costa té o rio de Lourenço Marques, e recolhendo os marinheiros começaram a navegar; mas como o vento foi crescendo, o fizeram os mares de feição que lhe foi forçado vararem naquella praia, por não irem depois a fazel-o em outra que perigassem.

Encalhado o batel puzeram-se todos em terra com algum biscoito que levavam, e prepararam as espingardas e armas para uma necessidade, e aquella noite passaram entre uns médãos de arêa, onde fizeram seus fogos e passaram com muito boa vigia. Era isto aos 22 de março, e ao outro dia puzeram fogo ao batel para lhe tirarem a pregadura, por ser couza estimada entre os cafres, para com ella fazerem seu resgate; e fazendo alforges de cotonias para o caminho, orde-

naram algumas borrachas de couros, que acaso se lançaram no batel, para levarem agua para o caminho, e fazendo resenha de gente acharam noventa e oito pessoas, com as mulheres, das quaes nomearemos as de que tivemos noticia: O capitão Estevão da Veiga, D. Paulo de Lima, D. Beatriz, sua mulher, Gregorio Botelho, sua filha D Marianna, mulher de Guterre de Monroy, D. Joanna de Mendoça, mulher que foi de Gonçalo Gomes de Azevedo, Bernardim de Carvalho, Manuel Cabral da Veiga, Christovão Rebello Redovalho, Nicoláo da Silva, Diogo Lopes Leitão, um irmão da mulher de D. Paulo, Francisco Dorta, feitor da náo, Antonio Caldeira, filho de Manuel Caldeira, contractador das náos, o padre Fr. Nicoláo, Fr. Antonio Capucho, leigo, Marcos Carneiro, mestre da náo, Gaspar Fernandes, piloto, Diogo do Couto, que se tinha perdido na náo *Santiago*, e outros marinheiros e grumetes. As armas que se acharam foram cinco espingardas, outras tantas espadas, um barril de polvora e alguns morrões; e dos remos do batel fizeram hasteas de lanças, e por ferros lhe puzeram verrumas dos carpinteiros, e o biscoito se repartio por todos a dois e tres punhados cada um, e enchendo as borrachas d'agua começaram a caminhar aos 23 de Março, indo diante de todos o padre Fr. Antonio Capucho com um crucifixo arvorado, e ordenaram das vélas do batel dois andores amarrados em alguns remos para aquellas mulheres caminharem, os quaes haviam de levar ás costas os marinheiros e grumetes, a quem D. Paulo de Lima prometteu uma quantidade de dinheiro. As mulheres, a de D. Paulo e a de Guterre de Monroy, levavam jubões brancos, calções compridos até o chão e barretes vermelhos; só D. Joanna ia vestida no habito de S. Francisco, porque como ia com tenção de se met-

ter freira em algum mosteiro de Santa Clara, quiz vestir alli o seu habito, porque se morresse naquelle caminho fosse nelle, e assim lhe ficassem seus desejos cumpridos em parte: e depois o cumprio bem, porque já que na India lhe faltou mosteiro de Santa Clara em que se metesse naquelle habito seu, que nunca mais largou, se recolheu para Nossa Senhora do Cabo, onde fez uma cazinha, ou uma cella, em que se foi agazalhar, por estar perto dos padres Capuchos que alli fazem vida santa, e ella não menos que elles, e assim vive com tanto recolhimento, abstinencia e oração que em nenhuma clausura pudéra ser mais, e sua vida e exemplo tem consolado esta cidade de Gôa.

## CAPITULO XXXV

*Em que se descreve esta parte da Cafraria em que este batel encalhou, até o Cabo das Correntes, e dos Reis e Senhores que ha perto d'esta parte*

Primeiro que continuemos com o caminho que estes perdidos fizeram por esta Cafraría, nos pareceu bem fazermos uma breve descripção d'esta parte, porque de todas as mais a temos feita na nona Decada, onde tratamos das conquistas das minas do ouro que por alli andou fazendo o governador Francisco Barreto e Vasco Fernandes Homem; e agora a faremos desde este lugar onde este batel encalhou, até o Cabo das Correntes, onde chegamos com a outra descripção dos reinos de Monomotapa e de todos os mais d'aquelle sertão e maritimo d'esta Ethiopia interior.

A esta parte em que este batel encalhou, chamam os nossos mareantes commummente terra dos Fumos,

e assim está nomeada nas nossas cartas de marear; o qual nome lhe foi posto pelos nossos que por alli primeiro passaram pelos muitos fumos que de noite viram em terra. Mas os cafres naturaes lhe chamam terra dos Macomates, por uns cafres assim chamados que vivem ao redor d'aquellas praias. Encalhou este batel em vinte e sete gráos e um terço adiante de um rio que nas nossas cartas anda sem nome, que está em vinte e sete gráos e meio, ao qual os nossos que navegam de Moçambique para o rio de Lourenço Marques ao resgate do marfim chamam de Simão Dote, por um portuguez d'este nome que a elle foi ter em um pangayo; o qual rio é pequeno e capaz só de embarcações pequenas, e será cincoenta leguas afastado da bahia de Lourenço Marques paara o Sul. Toda esta terra dos Fumos é do Rei chamado Veragune, que se estende mais de trinta leguas para o sertão, e pela banda do Sul parte com outro chamado Mocalapata, que se estende até o sertão de Santa Luzia, que está em altura de vinte e oito gráos e um quarto; e até á primeira terra, onde se ajunta com outro reino do Vambe, que corre para o Sul, onde tambem os nossos vão fazer resgate do marfim. E d'este reino que toma muita parte da terra que chamam do Natal, té o Cabo da Boa Esperança, não ha Reis, e tudo é possuido de Senhores a que chamam Ancozes, que são cabeças e regedores de tres, quatro e cinco aldêas. E tornando ao reino de Veragune, que é toda aquella terra dos Fumos, vai o reino do Inhaca correndo ao Nordéste, o qual se estende até a ponta da bahia de Lourenço Marques da banda do Sul, o qual nas nossas cartas de marear se chama o rio de S. Lourenço, que está em altura de vinte e cinco gráos e tres quartos; e ainda senhorêa duas ilhas que estão na mesma ponta, uma chamada Choamboene, que é

povoada e tem sete aldêas, que será de quatro legoas, e tem muitas vacas, cabras e gallinhas; a outra se chama Setimuro, que é despovoada e será de duas legoas, na qual os nossos que alli vão ao resgate do marfim se aposentam para estarem mais seguros dos negros da terra; porque o mór commercio que tem é com este Inhaca. Tem esta ilha muito boa agua, muitos pescados e tartarugas, inda que a caça não presta para nada; e porque temos chegado a esta bahia, que é famosa e das principaes de toda esta terra a que os geographos chamam Africa, faremos d'ella, uma demonstração para verem melhor os Reis que vivem de redor d'ella.

Finjamos esta bahia uma borboleta, que faz duas pontas; esta do Inhaca, que dissemos, e a outra da banda do Norte, onde está o reino de Manhica, de que logo fallaremos, e será distancia de uma boca á outra seis legoas, e de fundo da boca para dentro quatorze braças: no meio da bahia faz uma ilha, a que os nossos puzeram o nome *dos Passáros*, pelos muitos que alli ha, tão grandes como patos, e tão gordos que de suas enxundias fazem azeite para as candêas e bitácolas dos navios. As azas d'esta borboleta, a da banda do Sul é um rio que vai cortando ao Suduéste, sobre o qual de uma e outra parte se estende o reino de Belingane, e assim se chama o rio. A outra aza da banda do Norte que vai tirando direito a elle é o rio de Manhica, do qual o reino toma o nome; o qual rio é o mór de todos os que alli vem esbocar, e um dos que dissemos na nossa oitava Decada na descripção do reino de Monomotapa, que sahia da alagôa grande juntamente com o Nilo e outros; o qual rio se vae meter naquella parte a que chamam commummente *Bahia Formosa*, que é o proprio rio do Espirito Santo. Aqui fazem os portuguezes resgate de

marfim, e tem alli sua feitoria onde residem quatro mezes do anno, que dura esta monção.

O cabo d'esta borboleta que se divide em duas farpas, são dois rios que da mesma maneira do cabo farpado vão meter-se naquella alagôa, que é o corpo d'esta borboleta, e sobre a farpa da banda do Norte jaz o reino do Bumo, que foi o em que Manuel de Souza de Sepulveda, quando por alli passou com sua mulher, largou as armas, como na sexta Decada escrevemos, e onde ella e seus filhos morreram, e onde o mesmo Manuel de Souza desappareceu, metendo-se, de mágoa de vêr a mulher e filhos mortos, pelos matos, onde parece foi comido das feras. Este mato, d'alli a alguns annos, o mandou aquelle Rei cortar e roçar para aproveitar aquelles campos, no qual dizem os cafres naturaes que acharam dois anneis ricos de pedraria que o Rei tem, e mostra ainda hoje aos portuguezes que alli vão resgatar, e de alguns soubemos estas cousas, e nos affirmaram que viram estes anneis, os quaes verosimelmente sentem serem do mesmo Manuel de Souza que os levaria comsigo nos dedos.

A outra farpa do cabo da banda do Sul é um reino que chamam Anzate: e ha-se de saber que entre estes cafres tanto que um succede no reino, logo se hão de appellidar do nome do reino em que succede. Parte este reino com umas grandes serranias de mais de vinte legoas, tão ásperas, intrataveis e fortes por natureza, que não tem entrada senão por alguns passos muito difficultosos, e em cima se estendem muito largas campinas, as quaes são de um Senhor chamado Monhipua, o qual por nenhum caso desce abaixo nem communica com os visinhos, porque todos, uns e outros são grandes ladrões. Ha nestas serras infinitos elephantes, e este Senhor tem gran-

des casas cheias de seus dentes, os quaes nunca quer resgatar com os portuguezes, porque se receia que mandando abaixo lhos tomem os visinhos. Vive este cafre em cima muito seguro de tudo, e sem haver mister ninguem, porque a terra lhe dá em cima tudo o que lhe é necesssario para passar a vida. Tem as gentes d'estas serras a mesma lingua dos vumos e anzates seus visinhos, e são todos commummente, assim homens como mulheres, tamanhos de corpo, que parecem gigantes.

Estes dois rios que fazem as farpas do cabo da borboleta, dois dias de caminho d'onde se mete lá em cima se faz outro rio que atravessa do Anzate té o Vumo, e vai cortando aquella farpa pelo meio, sobre o qual vive um Rei chamado Angomanes, cujo reino se estende para o Ponente e corre este rio pelo pé de umas serras em cuja fralda estão algumas povoações; e um portuguez nos disse que indo por este rio acima ao resgate em uma embarcação fôra dar com as gentes d'estas povoações que andavam pescando em barcos pequenos, os quaes vio quando queriam alguma couza da terra chegarem com seus barcos á parte que os podiam ouvir e davam certos silvos e atitos, aos quaes lhe acudiam os da aldêa com tudo o que queriam, porque por aquelles afluvios se entendem; mas não deixam de ter lingua propria e muito differente de todas as mais d'aquelle reino.

E tornando á boca do rio do Espirito Santo, que é o focinho d'esta borboleta, ao rio do Manhica, d'elle corre um esteiro que vai tirando a Suduéste e corta aquella ponta que fica em ilha, a que os nossos puzeram o nome *do Mel*, da qual vai correndo a costa direita até o rio dos Reis, a que hoje os nossos chamam do Ouro, que está em altura de vinte e cinco gráos, sobre o qual da banda do Ponente se estende

um reino que chamam do Inhapula, e da outra banda o de Manhica, que é vassallo do outro. D'aqui vai encurvando a costa até o Cabo das Correntes tanto, que faz uma mui penetrante enseada, de que nas nossas cartas de marear se não faz demonstração, á qual quando os navios que de Moçambique vão ao rio de Lourenço Marques parece que atravessam um grande golfo, e de longo d'esta enseada vivem uns cafres chamados Mocrangas, grandes ladrões. No meio d'ella anda lançado um rio nas nossas cartas de marear em vinte e quatro gráos menos um quinto, a que chamam da Bazaruta, que alli não ha, nem por toda aquella costa algum d'este nome: só ha as ilhas de Bazaruta, que estão em vinte e um gráos e meio defronte da ponta que nas nossas cartas se chama de S. Sebastião, que está em altura de vinte e dois gráos e um terço, do qual já temos dado conta na nona Decada, na descripção que atrás dissemos que tinhamos feita de toda a Cafraria.

No sertão d'esta enseada dos Mocrangas ha dois reinos, o da Manhica que já nomeámos, que fica na parte que dissemos; o outro o de Inhabuze, que vai até um grande rio que se chama Inharingue, antes do Cabo das Correntes, que é o mesmo que acabamos de dizer que nas cartas de marear se chama da Bazaruta; mas está mais chegado ao Cabo das Correntes do que se vê nas mesmas cartas. Sobre este rio da banda do Ponente está o reino de Pande, visinho ao de Inhambuze, o qual parte com o reino de Monhibene, que corre d'elle ao Norte de longo do mesmo rio, o qual vae partir com outro reino que chamam do Zavará, que fica para o sertão. Sobre este rio e da outra banda ha outros dois reinos, o de Gamba mais para o mar, e o Mocumba ao sertão. Todos estes reinos d'esta descripção são mui conhecidos dos

portuguezes que vão de Moçambique resgatar marfim áquelles rios, com o que concluímos aqui com elles. E porque é fóra de proposito tratarmos tambem dos barbaros costumes e leis d'estes cafres, o não trato aqui porque é fóra de minha tenção.

## CAPITULO XXXVI

*Do que aconteceu á gente da perdição no caminho até chegarem ao rio de Lourenço Marques*

Postos os nossos perdidos ao caminho, como atrás dissemos, foram de longo da praia muito de vagar por causa das mulheres, comendo do pouco biscoito que levavam, e bebendo da pouca agua das borrachas, que a mór parte d'ella se lhe tinha ido pelas costuras. E assim d'esta maneira fazendo pouzo foram até a noite, que se recolheram a uns médãos de arêa onde se agazalharam, buscando em todo este caminho sempre um lugar separado para as mulheres, e alli fizeram suas fogueiras e dormiram sobre a dura arêa, que não tinham outros colchões nem outros cubertores mais que o ceo. Ao outro dia tornaram a seu caminho, sem levarem já que comer nem que beber, e pela praia foram tomando alguns crangejos, que comiam assados, indo as mulheres já mui cançadas, e sobre todas bem desconsolada D. Joanna de Mendoça, que as outras duas uma levava seu marido e a outra seu pae que as iam ajudando e consolando o melhor que podiam: só esta Donna ia desabrigada e magoada, porque não levava entre toda aquella gente uma pessoa de sua obrigação que em um trabalho a pudésse soccorrer: mas como Deus

Nosso Senhor tinha os olhos nella, por levar todo o seu coração posto nElle, quiz que se compadecesse d'ella Bernardim de Carvalho, fidalgo de muita virtude, o qual vendo-a só e cançada se chegou a ella a lhe dar a mão com tamanha honestidade, como se devia a uma mulher que tanto se tinha morta ás couzas do mundo, que o proprio dia que poz os pés em terra vestio o habito de S. Francisco e cortou seus formosos cabellos, fazendo d'elles sacrificio ao mesmo Deus, deixando-os por aquellas partes entregues aos ventos que os levaram; e assim por todo o caminho emquanto durou, deu tal exemplo de si, que levava admirados a todos. E assim este fidalgo a foi servindo com tanto amor e resguardo, por vêr nella aquella mortificação, que esquecido dos seus trabalhos tomou tanto os alheios á sua conta, que não sei pae nem irmão que mais pudéra fazer. Assim foram caminhando com grande trabalho das mulheres, que já levavam os pés empollados e feitos chagas; o que foi causa de irem tão de vagar, que ao terceiro dia de jornada trataram algumas pessoas de se adiantarem por não se atreverem com caminho tão vagarozo e tão falto de tudo, que não comiam senão crangejos e alguma fructa do mato, e outras couzas poucas que foram resgatando com os cafres. A esta desordem dos que se queriam adiantar acudiram o capitão e D. Paulo de Lima, e com palavras de muita obrigação os persuadiram a se deixarem ir, affirmando-lhes que Deus os soccorreria; e assim d'ahi em diante levaram melhor ordem, porque se repartiram em duas esquadras; D. Paulo de Lima com ametade da gente, e das armas diante, e o capitão com a outra detrás, e as mulheres no meio, que iam taes que cortavam os corações a todos, e assim se foram compassando com ellas.

Já neste tempo, que era ao quinto dia, iam seguidos de

alguns cafres, que seriam de redor de trezentos, que parece levavam os olhos em alguns barretes e naquella pouquidade que viam, e assim se foram chegando pouco e pouco, até se desavergonharem e se atravessarem diante em som de cometer os nossos, fazendo suas algazarras e meneando suas armas, a que elles chamam pemberar. O capitão e D. Paulo vendo aquella determinação puzeram-se em um corpo, deitando pela banda de fóra as espingardas e lanças, levando sempre as mulheres no meio, e foram acometer os cafres que já vinham com grandes silvos e gritos remetendo com os nossos, deitando sobre elles muitos arremeços dos páos tostados, a que chamam fimbos, que derrubam um boi, se lhe acertam, dos quaes os nossos não receberam damno; e desparando nelles as espingardas e ouvindo o estrondo, houveram tamanho medo que todos juntos se deitaram pelo chão, e em gatinhas, como bogios em saltos, foram fugindo para os matos; com o que os nossos ficaram livres d'elles e foram continuando seu caminho.

No mesmo dia lhe sahiu por entre umas quebradas de umas serras outro magote de cafres, entre os quaes vinha um muito velho com barba toda branca e cuberto com uma pelle de tigre, e junto a elle uma cafra que parecia sua mulher; e chegando muito domesticos aos nossos lhe disseram por acenos que os seguissem, o que fizeram cuidando seria senhor de alguma aldêa, e foram pelo mesmo caminho que elles trouxeram, pelo qual foram com trabalho por ser um pouco áspero, té chegarem a uma povoação que estava ao longo de uma alagôa de mais de uma legoa de comprido: o cafre lhe offereceu agazalhado, que elles aceitaram, onde repouzaram o que ficava do dia e toda a noite sem inquietação alguma, e as cafras da aldêa acudiam a vêr aquellas mulheres como couza

de espanto. Toda a noite lhe fizeram muitas festas e bailes, que lhe ellas perdoáram, porque com a matináda as não déixaram dormir, tendo bem grande necessidade de algum repóuzo. Aqui lhe trouxeram gallinhas, cabras, peixe crú e assado, massa de farinha de milho, de que faziam bolos, que tudo lhe resgataram por pedaços de prégos e algumas camisas que para isso tiravam dos corpos. Passaram aqui outro dia naquella rustica recreação, e tomou o piloto o sol, e achou estar aquella alagôa em vinte e seis gráos e meio do Sul. E' esta alagôa de agua doce, mas entra nella a maré por um riacho que de baixa mar se passa pelo joelho, que na boca faz o mar grande quebrança, e por essa causa a agua da alagôa é um pouco salobra; mas ha naquella parte muitos póços de que bebem.

Este dia foi de Ramos, e pelo muito agazalhado que aqui receberam puzeram áquelle rio nome o da Abundancia.

Ao outro dia tornaram a buscar a praia, pela qual acharam algumas aduélas de pipas e um páu de serra e pedaços de táboas e de outros páus; e os cafres que iam acompanhando os nossos lhe disseram que aquillo fôra de portuguezes que alli aportaram: pelo que pareceu a todos que seria alguma das jangadas da náo *Santiago* que se tinha perdido no baixo da Judia, que a corrente da alagôa levaria áquella parte; porque algumas das que se fizeram não se soube mais que de duas. O mór trabalho que os nossos padeceram por este caminho da praia foi a sede, que os apertava tanto que se tornaram a meter pelo sertão, inda que fosse com mór trabalho; e ao outro dia que partiram do rio da Abundancia foram dar com outro riacho que ia meter-se em outra alagôa, não menos que a passada, a qual passaram de baixa mar, e nella to-

mou o piloto ao outro dia o sol e achou-se em vinte e seis gráos e um quarto.

D'aqui por diante foram entrando pela terra do Rei de Manhica, de que na descripção atrás fallamos, o qual já tinha avizo d'aquella gente, e os mandou acompanhar por alguns homens seus, que os festejaram muito, e elles se alegraram em extremo com um cafre que lhes fallou portuguez muito claro, e lhes disse que havia menos de dez dias que se tinha partido do rio de Lourenço Marques uma naveta para Moçambique, da qual era capitão um Jeronymo Leitão, que levava muito marfim. Assim neste alvoroço chegaram á povoação, e á entrada d'ella se assentaram á sombra de uma formosa arvore, aonde acudio toda a aldêa, assim homens como mulheres a vêr os nossos, ficando como pasmados de vêr as mulheres, couza que nunca viram; e as cafras vendo-as tão cançadas e maltratadas faziam mostras de compaixão, e chegando-se a ellas lhes faziam mimos e caricias, offerecendo-lhes suas casas, e inda as queriam logo levar comsigo. Não tardou muito El-Rei, que logo chegou acompanhado de muita gente: vinha nú, e encachado com um panno que lhe cubria as partes inferiores, e cuberto com um feragoulo de panno verdozo, que lhe o alferes mór D. Jorge de Menezes tinha mandado de Moçambique, sendo capitão. D. Paulo, o capitão e todos os mais se levantaram a elle e o receberam com grandes cortezias; e elle com o rosto muito alegre os abraçou, e se assentou com elles ao pé da arvore, onde os nossos lhe contaram sua desaventura e trabalhos do caminho, e que com todos vinham mui alvoroçados por chegarem a elle, que sabiam quão amigo era dos portuguezes, e que nelle esperavam de achar remedio para suas necessidades.

El-Rei os ouvio muito bem e lhes mandou responder humanamente, condoendo-se d'elles, e lhes offereceu tudo o que houvesse em sua terra; e porque pareceu bem aos nossos darem a este homem alguma couza de presente, porque estes cafres sempre estão com os olhos nas mãos para verem se levais que lhes dar, buscando entre todos alguma couza que lhe offerecer, acharam um panno lavrado de ouro, com que D. Marianna se cobria, e uma bacenica de cobre, couza que elles muito estimam, e um pedaço de ferro grosso, e tudo lhe offereceram, mandando-lhe dizer que lhes perdoasse, que não salvaram mais que suas pessoas, como elle via, e inda aquelle panno tomaram áquella mulher; e assim lho lançaram por cima das costas, com o que ficou tão ufano, que olhava para si de uma e outra parte, e de alegre se ria para os cafres, vendo que aquelle era o dia de seu maior triunfo; e logo deu recado aos seus para que lhes trouxessem alguma couza de comer, os quaes tornaram logo com dois balayos de um legume que chamam ameixoeira, e uma cabra, e lhes pedio que ficassem naquella aldêa, que nella os proveria como pudésse, até para o anno vir o navio do resgate; e que era de parecer se não arriscassem por terra, porque de longo d'aquella bahia por onde haviam de passar viviam uns cafres grandes ladrões, que os haviam de roubar e matar, e que já seu pae avizara disso a Manuel de Souza de Sepulveda quando por alli passara, e que por não ter seu conselho se perdera. Dizendo mais aos nossos que se se não haviam por seguros naquella aldêa, que elle os mandaria pôr em uma ilha onde achariam inda as casas em que os portuguezes viviam quando alli vinham ao resgate do marfim, e uma embarcação pequena para seu serviço, e que lá os mandaria prover do que houvessem mis-

ter. Elles lh'o tiveram em mercê e lhe aceitaram o conselho, pedindo-lhe que os encaminhasse para a ilha, e licença sua para logo ao outro dia se passarem para ella.

El-Rei quasi que se tomou de tão apressada resolução, e deixando-lhe pessoas para os acompanhar até os porem na ilha se recolheu, e os nossos se sahiram da aldêa e foram passar a noite fóra no campo com grandes atalayas e fogos, e alli fizeram seus bolos e guizaram seu comer; e os cafres lhe levaram a vender gallinhas, grãos, feijões e outras cousas. Era isto em quinta feira de Endoenças, pela qual razão não se quizeram mudar d'alli até o dia de Pascoa de Resurreição, que cahio a dois de Abril. Este dia começaram a caminhar com mais fogo, mas não com menor trabalho; porque lhes choveu tanta agua, que os tratou mal: e á segunda Oitava foram á vista da bahia do Espirito Santo, e por ser tarde se alojaram aquella noite o melhor que puderam, e ao outro dia se chegaram ao mar, e os cafres que os guiavam fizeram signal aos da ilha, que estava perto, os quaes logo acudiram em duas almadias pequenas, em que se passaram á ilha naquelle dia e no outro, e por ella caminharam uma legoa, achando-a toda coberta de formoso arvoredo e de pastos mui viçosos, nos quaes se apascentava muito formoso gado d'El-Rei; e lá no cabo da ilha sobre a bahia acharam algumas casas palhaças, em que se agazalharam, e ao outro dia passaram d'aquella ilha a outra de baixa mar com agua pela cinta, a qual se chama Setimino, de que fallamos em outra parte, onde acharam mais de cincoenta choupanas que os portuguezes do resgate deixaram feitas, e nellas se agazalharam como melhor puderam. Aqui acharam duas embarcações pequenas, e vistas pelos officiaes da não acharam que estavam mui boas

para se poderem passar á outra banda da bahia, que que era tão larga que se não enxergava a terra de uma parte para a outra; e alvidraram que uma, que era mais capaz, poderia recolher setenta pessoas, e a pequena quinze; com o que todos ficaram alegres, porque haviam que como se vissem da outra parte teriam mais remedio para passar a Çofalla. E assim começou o carpinteiro a concertar as embarcações, e mandaram pedir para isso licença ao Manicha e algumas peças de prata das poucas que se salvaram, o qual concedendo-lha foram dispondo tudo para a viagem.

## CAPITULO XXXVII

*Como os da ilha se começaram a querer passar a outra banda, e dos novos trabalhos que passaram e em que se viram*

Tendo tudo prestes para a passagem, aos 18 d'Abril se começaram a embarcar em ambas as embarcações, cuidando que fossem capazes de levar todos; e tanto que a gente se começou a embarcar começaram ellas a encher-se d'agua, de feição que os que estavam dentro bradavam que os puzessem em terra, porque se iam ao fundo; e assim se tornaram a desembarcar todos molhados e desconsolados, e a recolher nas choupanas desenganados do remedio que cuidavam ter. Os marinheiros todos em um corpo pediram que lhes dessem as embarcações, que se queriam aventurar nellas, e que levariam recado a Inhabane, onde pudésse ser se negociasse algum pangaio para os ir buscar. Sobre isto se começaram a altercar algumas razões de parte a parte, em

gritos e demazias da parte d'esta gente, que n'esta carreira é muito alterada, não querendo os nobres e soldados que lhes dessem as embarcações, assim por não ficarem desabrigados sem ellas, como por se não dividirem aquelles homens; porque a salvação de todos estava em irem juntos: sobre que houve tantas porfias e sobejidões, que parecia um labyrinto e confusão, sem se acabarem de entender nem determinar.

Já neste tempo estava D. Paulo de Lima recolhido com sua mulher em uma choupana, porque como desconfiou de passar á outra parte não quiz tratar de outra couza mais que de se encommendar a Deus, sem querer vêr o que ia fóra, nem acudir a nada. O capitão e Bernardim de Carvalho com os mais nobres, mestre e piloto, sabendo o modo de como estava foram ter com elle e lhe pediram os não quizesse desamparar do seu conselho, porque todos estavam apostados a não seguir senão sua ordem e o acompanhar, ou alli, ou por onde quer que elle fosse. D. Paulo como estava resoluto em se deixar alli ficar, e a se entregar nas mãos de Deus para o que Elle ordenasse, lhes pedio que o deixassem, que era velho e cançado, e que se via com sua mulher naquelles trabalhos; que estava determinado de fazer alli vida eremitica e passar o que d'ella lhe restasse em penitencia por seus peccados: que lá se haviessem; que só lhes affirmava que qualquer gente que se passasse da outra banda, e inda que elle fosse de envolta, que tanto que se visse da outra parte o haviam desamparar e adiantar-se, e que para depois de se vêr com sua mulher só por praias desertas e inhabitaveis, que antes se queria deixar estar alli até vêr o que Deus tinha d'elle determinado; que quem se quizesse passar o fizesse em boa hora, porque elle já não queria tratar mais

que da salvação de sua alma, que para o corpo qualquer parte da terra lhe bastava.

Estas palavras que elle não disse sem lagrimas, que lhe corriam por suas venerandas barbas, magoaram a todos tanto que se não puderam ter que com elle não chorassem; e assim entre ellas e soluços lhe pediram aquellas pessoas a quem elle podia ter mais respeito que se quizesse consolar, e que se lembrasse d'aquelle tão grande animo com que em todas as couzas em que Deus Nosso Senhor lhe tinha feito tantas mercês e dado tantas victorias se assignalára tanto; e que pois Elle sobre tanto esforço o dotára tambem de um muito vivo e esperto saber e conselho, que naquelle transe em que era mais necessario não se havia assim de entregar nas mãos da ventura, que seria tentar ao mesmo Deus que de tantas partes o dotára; que Elle que o tinha guardado até alli, o faria até o levar a terra de christãos, onde melhor poderia satisfazer o seu pensamento: que quizesse para isso tratar do que convinha á sua vida e de sua mulher, pela qual a havia de poupar muito; porque se elle morresse de puro pezar, como não estava muito longe, que na outra vida lhe pediriam conta de ser unica occasião de a deixar no meio d'aquelles barbaros desamparada e arriscada a uma desesperação: que todos os que ali estavam se lhe offereciam e davam sua fé de nunca jámais em nenhuma occasião e tempo o desampararem, e seguirem sua mesma fortuna, a qual por onde quer que o levasse a elle os levaria a elles; e que fizesse conta com sua consciencia e que visse que se punha a risco da alma em se entregar assim á morte por sua propria vontade; que se queria tentar a Deus, do qual parecia que desconfiava naquella parte, sabendo elle certo que sua misericordia não era limitada, e que se

não deixasse assim vencer da fortuna, que sempre toda a vida trouxera debaixo dos pés.

Depois d'aquelles fidalgos lhe dizerem estas cousas se lhe offereceu o mestre, como cabeça de toda a gente do mar, em nome de todos, de nunca em nenhum trabalho o deixarem e sempre o acompanharem té perderem por elle a vida, e que os marinheiros mais sãos se lhe offereciam a lhe levar sua mulher em um andor, e de a servirem por todo o caminho por onde fossem, como era razão. A estas couzas não pôde D. Paulo deixar de se mover e de se entregar nas mãos de todos; e logo alli com seu parecer assentaram que passasse ametade da gente na primeira barcada, com a qual fosse o capitão, e que como ficassem da outra parte tornassem as embarcações pelos que ficassem. O que logo se fez, e o capitão com o piloto se embarcou na embarcação maior com quarenta e cinco pessoas, em que entravam o guardião, o sota-piloto, Diogo Lopes Leitão, Francisco Dorta, feitor da náo, e Antonio Caldeira; toda a mais gente era do mar. Na outra barca mais pequena se embarcou o mestre com quinze pessoas, em que entravam um filho seu, o padre fr. Nicoláo e toda a mais gente da ordinaria, ficando na ilha trinta e seis pessoas, que eram os fidalgos e cavalleiros que não quizeram largar a D. Paulo, com o qual ficaram tambem as outras Donas.

## CAPITULO XXXVIII

### *Do que aconteceu á gente d'esta almadia até tornarem por D. Paulo de Lima*

Afastadas as embarcações da terra deram á véla e foram atravessando á outra banda, e ao pôr do sol ferraram nella terra uma legoa do rio do Manhica para Léste, o que souberam de uns cafres que alli encontraram; e por o vento lhe acalmar surgiram alli aquella noite, que este foi o erro d'esta viagem e dos trabalhos que ao diante se verão. O que tudo nasceu de pouparem um pequeno de trabalho, porque se tomaram o remo na mão facilmente puderam entrar para dentro e ir buscar o rio do Inhaca, que lhes não ficava atrás mais de uma legoa. Em fim surtos alli passaram toda a noite, e tanto que amanheceu começou a ventar Ponente da banda do Sudueste, que lhe ficava contrario para tornarem ao rio; com o que houveram por melhor parecer irem correndo a costa até o rio do Ouro, que era d'alli treze ou quatorze legoas, que como o vento se mudasse se poderiam tornar pelos que ficavam na Ilha.

Assim foram correndo a costa, que era muito limpa; mas sobre a tarde lhes foi o vento escaceando até se pôr em Sulsuéste, que fica naquella costa sendo travessão; com o qual foram rolando para a terra até os pôr na quebrança do mar; pelo que lhes foi forçado aos da embarcação grande virarem a outro bordo; mas a mais pequena surgio, e por lhe quebrarem as cordas, que eram de hervas, tornaram a dar á véla, com que foram um pouco sem sordirem avante, antes se acharam de todo no rolo do mar; pelo que se affastaram e se tornaram a marear melhor, e por boa industria

do mestre e Deus assim o ordenar, foram metendo tanto de 16, que vingaram as pontas e foram tomar a boca do rio do Inhaca já pela manhã, e em terra acharam por novas que na povoação em que El-Rei vivia, doze leguas pelo rio acima, estavam alguns portuguezes; e com este alvoroço tomaram o remo, e com assaz trabalho, por irem todos mui fracos, foram entrando pelo rio, e em dois dias chegaram á povoação.

Alli acudiu logo Jeronymo Leitão com alguns companheiros, que havia um mez tinham partido do rio de Lourenço Marques, como atrás dissemos, com um pangayo carregado de marfim, com que tinham dado á costa no rio do Ouro onde foram roubados, e se tinham passado para a povoação d'aquelle Inhaca, por ter conhecimento d'elle; e em se vendo se abraçaram com muitas lagrimas e amor, dando-se uns aos outros conta de seus trabalhos, e d'alli foram levados a El-Rei, que os recebeu bem, consolou e mandou agazalhar. E porque não sabiam o que seria feito da embarcação em que ia o capitão, assentou o mestre com parecer de Jeronymo Letão, que se mandasse aquella almadia a D. Paulo, porque soubesse o que lhe tinha acontecido, e porque não desconfiasse de todo; e elegeram tres pessoas para irem na almadia, duas da companhia de Jeronymo Leitão, e outra da do mestre. Mandaram dizer a D. Paulo que logo se passasse á outra banda, porque a terra era boa e que estariam mais á sua vontade até vir embarcação de Çofalla, que logo mandaram pedir: porque juntamente com a almadia despedio Jeronymo Leitão um seu moço com um marinheiro mouro da naveta que se perdeu, com cartas ao capitão d'aquella fortaleza, em que lhe dava conta da perdição da não e da gente que d'ella escapára, e tudo o mais que lhe era acon-

seca. E tratando de tornarem a mandar a almadia, não houve entre todos quem quizesse ir nella, por estarem fracos, e começarem logo a adoecer de febres.

Os que ficaram na ilha aguardaram té o quinto e sexto dia pela embarcação, e como lhe faltou nelles andavam como pasmados, sem se saber determinar em nada, nem haver quem os aconselhasse e animasse; porque Bernardim de Carvalho que o podia fazer, estava muito mal de febres, e como lhe faltaram os remedios, e elle não tinha outro mimo que umas papas de ameixoeira e o duro chão em que repouzava, cançou a natureza e entregou-se nas mãos da morte, na qual hora elle deu mostras de muito bom christão na grande paciencia com que por amor de Deus o soffria, e no arrependimento que mostrou de seus peccados. Foi sua morte muito sentida e chorada de todos, por ser um fidalgo muito brando e de partes e qualidades mui esmeradas, e que em todos os trabalhos teve elle sempre o maior quinhão, acudindo a toda a hora a todos em suas móres necessidades, principalmente a D. Joanna de Mendoça; que como dissemos, pela vêr só se lhe chegou a ella e acompanhou e servio por todo aquelle caminho com tanto resguardo, honra e virtude, que fez pasmar a todos, principalmente naquella ilha; porque elle ia ao mato cortar lenha para ella, e a trazia sobre suas costas; ia á fonte acarretar agua: a gallinha quando se resgatava, elle a matava, depennava e guisava, comendo d'ella Gregorio Botelho, sua filha D. Marianna e D. Joanna de Mendoça, ficando a elle sempre a menor parte, e ainda d'essa guardava uma peça para D. Joanna para a noite, ou para o outro dia; e seguindo os mais da companhia, de puro trabalho d'isto morreu. E o que mais é para lastimar que sua morte foi certo de mais miseravel mal que podia ser; porque

estava comesto de piolhos que o seu corpo criou da humidade do chão e do suor dos trabalhos. Foi enterrado ao pé de uma cruz que alli tinham os nossos, nú na terra núa com um piedoso pranto de todos, principalmente de D. Joanna, que o sentiu como se fôra seu pae, pelo muito que lhe devia e pela falta que em seus trabalhos lhe havia de fazer, ficando muito desconsolada, sem lhe ficar quem d'ella se condoesse senão Gregorio Botelho e sua filha D. Marianna, com quem ella se agasalhava por honestidade.

Falleceram mais algumas pessoas, em que entrou o contramestre e calafate; e porque totalmente lhes faltava o resgatarem o de que tinham necessidade, passaram-se a outra ilha que era povoada, d'onde mandaram recado ao Manhica do que lhes acontecera e das grandes necessidades em que ficavam; pedindo-lhe os mandasse prover do necessario até vir o pangaio do resgate, d'onde se lhe pagaria tudo muito bem. Elle lhes mandou dizer que se fossem para a sua povoação, porque estando perto d'elle saberia do que tinham necessidade para se lhe dar; porque estando tão afastados não podia saber se lhes dariam o que elle mandasse. Com este recado estiveram abalados a se passarem para lá, inda que alguns o contradiziam, e todavia deixaram-se por então ficar; e nós tambem o faremos aqui, por continuarmos com a outra embarcação em que ia o capitão Estevão da Veiga.

## CAPITULO XXXIX

*Do que aconteceu á gente da outra embarcação em que ia o capitão Estevão da Veiga, até chegarem á fortaleza de Çofalla*

AGORA continuaremos com esta embarcação que deixámos com o vento travessão que lhe deu, com o qual se fizeram em outra volta; mas não puderam vingar nada, antes se acharam sobre o rolo do mar, que os tratava muito mal; pelo que se desenganaram e assentaram ser forçado dar á costa antes que a lua se puzesse (porque era isto de noite) que depois o poderiam fazer em parte em que todos perigassem. E assim foram encalhar em uma praia de arêa, onde se deixaram ficar o que restava da noite com fogueiras que fizeram, e com duas espingardas cevadas para se fossem necessarias.

Ao outro dia tanto que amanheceu foram seguindo seu caminho para o rio do Ouro, seguidos já de muitos cafres que logo acudiram, que os foram inquietando e cometendo muitas vezes, té se desavergonharem tanto que lhes tiraram os barretes das cabeças e os alforjes das costas, tudo de pulo com uma ligeireza como bogios, sem os nossos os poderem afastar de si, por muitas vezes que os cometeram. E assim neste trabalho e com grande cançaço do corpo chegaram ao rio do Ouro tão fatigados que não podiam dar um passo; indo a este tempo já com elles um cafre chamado Inhatembe, de casa d'El-Rei, homem conhecido dos portuguezes e que já tinha ido a Moçambique, que os guiou até á povoação, onde entraram com uma hora de noite, na qual pouzava o Rei Inhapula, de que na descripção d'esta terra fallámos, o qual os sahio a

receber humanamente e os mandou agazalhar a todos em uma casa grande, e lhes deram algumas couzas da terra para comerem, mas resgatado por pedaços de pregos. E ao outro dia foram visitar o Rei e lho deram conta dos seus trabalhos, e pediram os mandasse acompanhar até Inhabane por alguma pessoa fiel, que lá achariam com que lhe pagar. El-Rei os consolou e lhes deu o mesmo Inhatembe que com elles chegara alli, o qual era Xeque; em satisfação do que lhe deram um chapéo pardo, que elle estimou muito, e alli se deixaram ficar tres dias, nos quaes adoeceram alguns companheiros de febres, e por se acharem logo mal cinco ou seis, foi necessario deixarem-nos alli, para em tendo melhoria se irem a Inhabane; para o que mandaram pedir licença a El-Rei, que elle deu, e assim se puzeram ao caminho, indo os mais d'elles em estado que se não podiam bolir, principalmente o piloto da náo, Gaspar Gonçalves, que ia no cabo.

Este dia foram ter a uma aldêa do Xeque que com elles ia, que os agazalhou muito bem, e alli ficaram aquella noite; e ao outro dia lhe chegou pela posta um cafre com recado d'El-Rei Ampula que logo tornassem á sua aldêa e tirassem de lá um portuguez que morrera, e levassem os doentes, porque não queria alli vêr nenhum morto; porque o sol se anojaria contra elle, e se esconderia, e não deixaria chover sobre a terra, e que não daria fructos nem mantimentos todo aquelle anno. Isto diziam porque tinham para si que os portuguezes, porque os viam alvos e louros, que eram filhos do sol. Estevão da Veiga ficou muito enfadado com aquelle recado, e foi necessario mandar alguns dos que estavam mais sãos que fossem áquelle negocio; os quaes chegando lá e querendo enterrar o morto o não consentiram, antes logo com muita pressa lho fizeram tirar da al-

dêa quasi arrastos, e os doentes ás costas, e fóra no mato deixaram o morto coberto com uma pouca de terra; e dos doentes souberam que tanto que os cafres os viram com a febre, que deu a todos como modorra, sem bolirem com os pés nem mãos, que cuidando serem mortos lhes puzeram fogo nos pés para vêr se boliam, e, deixado o morto, levaram os doentes comsigo até a povoação em que os nossos estavam.

Ao outro dia passaram o rio do Ouro á outra parte, o qual seria de um tiro de espingarda de largura, em cuja barra quebra o mar todo em frol, e dentro não é capaz senão de vazilhas pequenas, e está em altura de vinte e cinco gráos, e á borda d'elle deixaram dois companheiros já no cabo com os derradeiros arrancos, dos quaes se apartaram com grande dôr e compaixão, acompanhando-os emquanto tiveram sentido para lhes fazerem lembrança das couzas da alma, e lhe repetirem o Nome de Jesu. Oh! por quão bem afortunados se podem ter aquelles que ficaram na náo, que todos os seus trabalhos se concluiram em um momento! E por quão infelices se podem julgar estes, qne cuidavam ter melhor sorte em escaparem d'ella, porque seus trabalhos, riscos, perigos, e em fim morte lhe veio tudo a ser mais penozo, e de mais dura! E certo que cuido que por isto só respondeu aquelle philosopho a um que lhe perguntou que couza era a morte? Dizendo-lhe assim: ***Morte é um sonho eterno, é um espanto de ricos, um apartamento de amigos, uma incerta peregrinação, um ladrão do homem, um fim dos que vivem e um principio dos que morrem;*** porque tudo isto se achará nos d'esta perdição.

Porque, que maior sonho, e que mór espanto de ricos ha, que o que estes viram em si? Um dia tão ricos e contentes, indo fazendo sua viagem com uma

náo tão potente, tão rica e cheia de louçaínhas; e ao outro dia sumir-se-lhe debaixo dos pés e ir-se entesourar tudo nas entranhas das arêas! Que mais lastimoso apartamento de amigos, que o que aqui viram estes, deixando-os por aquellas praias, acabado seu termo, sem outra consolação e companhia que a solidão d'aquellas barbaras arêas! Que mais incerta peregrinação que esta que por aqui vão fazendo, vendo-se cada hora em tantos riscos e perigos; e tudo em fim por esta maneira tão lastimoso, que se por aquellas arêas houvera tigres e leões, certo que se puderam compadecer mais d'elles do que o fizeram d'aquelle escravo Androdo, a quem um leão em Africa sustentou tantos tempos em uma cova, por estar manco com um estrepe metido por um pé, o qual lhe o leão tirou, e lambendo a chaga com a sua lingua o sarou!

Estas desaventuras e outras, que cada dia se vêem por esta carreira da India, puderam servir de balizas aos homens, principalmente aos fidalgos capitães de fortalezas, para nellas se moderarem e contentarem com o que Deus á boamente lhes der, e deixarem viver os pobres; porque o sol no ceu e a agua na fonte não nos dá Deus só para os grandes. Repetimos tantas vezes esta materia pelo discurso de nossas Decadas, porque as grandes deshumanidades e injustiças que cada dia vemos usar por essas fortalezas com os pequenos d'ellas, nos tem bem escandalizado; mas Deus é tão justo, que já que os Reis se descuidam com o castigo, o faz Elle com mão tanto mais pezada, quanto é mór sua justiça que a dos homens.

E tornando aos nossos perdidos: depois de passarem o rio do Ouro foram ter ao reino do Manhica, que os agazalhou muito bem, e ficaram alli tres dias, nos quaes lhes morreram cinco ou seis companheiros

da pessima agua que acharam, que toda era limos e sujidade; cujos corpos os negros da aldêa fizeram tirar fóra com tanta pressa, que arrastos os levaram té os deitarem entre uns bréjos: e entre estes foi tambem o piloto Gaspar Gonçalves que escapou da perdição da náo *Santiago* nos baixos da Judia, como na decima Decada temos contado, para ir morrer a esta parte com a mór desconsolação que se podia imaginar. D'aqui se partiram os que ficaram, acompanhados de dois filhos d'aquelle Rei, que por aquelle caminho os livraram de muitos perigos e traições que os cafres lhes ordenaram. Neste dia deixaram outros dois companheiros estirados nos matos, por já não poderem caminhar de fracos e mortaes, dos quaes os amigos se despediram com assaz de lagrimas e desconsolações. Aquella noite chegaram a uma aldêa de um cafre chamado Inhambuze, onde se agazalharam, e d'alli foram ter ao reino do Panda, mais chegado ao Cabo das Correntes, a que os de Moçambique commummente chamam Inhabane, e aquelle Rei os agazalhou muito bem e os não deixou partir d'alli senão ao quinto dia, por ser muito antigo costume seu fazerem alli deter os amigos para lhes mostrarem o amor que lhes tem, nos quaes os banqueteiam e fazem muitas festas, como fizeram a estes perdidos; porque aquelle Rei é muito amigo dos portuguezes pelo commercio e communicação que tem com os de Moçambique.

## CAPITULO XL

*Do que succedeu aos perdidos depois que se partiram do reino do Panda*

D'Alli se partiram acompanhados de um filho d'El-Rei, e aos onze dias de maio, dia em que cahio a Ascensão do Senhor, chegaram a outro rio, tamanho como o do Ouro, que está em altura de vinte e quatro gráos e meio, o qual divide os reinos do Panda e Gamba, e passando-se á outra banda foram ter á cidade d'este Rei Gamba, que seria do rio legoa e meia, o qual por saber já de sua vinda os mandou receber e agazalhar muito bem. Este Rei e seus filhos eram christãos baptisados pelo padre D. Gonçalo da Silveira, da Companhia de Jesu, que o anno de 60 e 61 andou por aquellas partes entre aquelles barbaros prégando a lei do Evangelho, e ao Rei poz o nome Bastião de Sá, assim em memoria d'El-Rei D. Sebastião que reinava, como de Bastião de Sá que era naquelle tempo capitão de Moçambique; e aos filhos, a um poz nome Pero de Sá e a outro João de Sá; e assim baptisou outros alguns cafres, que todos tomaram as alcunhas de Sás. E porque lhe era necessario passar-se ao reino de Monomotapa, onde o martyrio o estava aguardando, deixou alli com elles o padre André Fernandes seu companheiro, varão verdadeiramente apostolico, de grande doutrina e santidade, pelo que dizia o seu P. M. o B. Francisco Xavier que era um verdadeiro Israelita; o qual padre André Fernandes esteve neste reino de Gamba com grande exemplo de vida ameaçado cada hora de martyrio, que sua alma muito desejava padecer por Christo Nosso Senhor, que elle nunca refusou; antes cada

vez que lhe davam rebate que o mandavam matar, esperava por aquella hora com tanta consolação e alegria, que já lhe parecia cahia sobre sua cabeça aquella formosa e resplandecente corôa que no ceo se dá aos verdadeiros martyres. Este varão apostolico, a que com razão posso chamar santo pela innocencia de sua vida, viveu depois nesta cidade de Gôa muitos annos com raro exemplo de virtude, e nella morreu homem de mais de noventa annos, e foi d'aquelles que se recolheram na Companhia de Jesu em tempo do Beato padre Ignacio seu fundador. Muitas couzas pudéra dizer da virtude, vida e morte d'este varão santo, porque o communicámos muitos annos e fomos muito seu devoto; mas porque o padre Sebastião Gonçalves, da Companhia de Jesu, no compendio que faz dos varões da sua companhia que passaram a este estado da India trata d'elle, e do padre D. Gonçalo da Silveira mais particularmente, o deixamos de fazer, e continuaremos com os nossos perdidos até os pôr em porto seguro.

D'este reino do Gamba se partiram aos 21 de Março, que foi vespera do Espirito Santo, e chegaram ao rio de Inhabane, onde acharam um mistiço chamado Simão Lopes, filho de Çofalla, que alli estava fugido por cousas que tocavam á Fé, o qual os agazalhou o melhor que pôde, por ser pobre; e já a este tempo não eram mais de trinta pessoas de quarenta e cinco que partiram. Alli souberam de Simão Lopes que não podia vir pangaio de Moçambique senão em novembro, com o que tomaram seu conselho e assentaram de caminhar por terra, por aquella ser muito doentia, por jazer debaixo do Tropico de Cancer. E depois de descançarem alguns dias se puzeram ao caminho, e em quatro chegaram ao rio de Boene, muito mal tratados dos cafres que por aquelle caminho os saltea-

ram; e passado o rio á outra parte foram caminhando até outro chamado Morambele, que por ser muito alto lhe foram buscar váo muito acima; e nestes caminhos foram acabados de ésbulhar d'esse pouco que levavam.

Passado o rio foram ter a uma povoação chamada Sane, que está na ponta d'aquella terra, que nas cartas de marear se chama de S. Sebastião, d'onde começaram a atravessar a enseada da Sava, que de baixa mar espraia tanto que a cinco e seis legoas se não vê o mar, e por ella caminharam a mór parte do dia mui apressados porque a maré os não atropelasse, e se puzeram da outra parte, tendo caminhado por ella mais de cinco legoas, e da outra banda repouzaram; e tornaram pela manhã a seu caminho até um lugar chamado Fumbaxe, onde acharam um portuguez com um lúzio, que é embarcação d'aquellas partes, com que alli viera fazer resgate, com o qual já estava o guardião da náo que Estevão da Veiga tinha mandado adiante com recado a Çofalla para vêr se havia remedio para ir embarcação alguma buscar D. Paulo e os que ficavam na ilha. E alli estiveram todo aquelle dia com grande alvoroço, por verem que se iam chegando para terra de salvação; e logo se passaram á ilha Bazaruta, onde estava um filho de Çofalla chamado Antonio Rodrigues, para elle os encaminhar até Çofalla, a qual é povoada de mouros, que agazalharam a todos muito bem.

D'alli por ordem de Antonio Rodrigues se embarcaram para Çofalla, em embarcação que lhe negociou, e as trinta legoas que ha té aquella fortaleza as andaram muito depressa e sem trabalho; e aos quatro dias de viagem entraram pelo rio de Çofalla dentro, e sem ninguem saber desembarcaram em procissão e se foram á igreja de Nossa Senhora do Rosario, dos

Padres Prégadores, á qual se offereceram com muitas lagrimas, dando-lhe do modo possivel os agradecimentos das mercês que da sua piedade receberam por toda aquella jornada. Alli acudio o capitão d'aquella fortaleza com todos os casados, e os abraçaram a todos com muito amor, e cada um tomou o seu hospede; e assim se repartiram todos por aquelles moradores, que os agazalharam com muita humanidade, mandando-os lavar, fazer cabellos, por irem quasi feitos selvagens, e recreando-os de tudo bastantemente, que em breves dias tornaram em seu ser, e já lhes parecia que estavam em outro mundo.

O capitão de Çofalla tinha já comprado um pangaio para mandar por D. Paulo, porque por aquella carta que atrás dissemos de Jeronymo Leitão, soube da sua perdição, e com a chegada d'esta gente se apressou mais e mandou embarcar todas as couzas necessarias para os perdidos e mulheres, e roupas para seu resgate, e vestidos. Este pangaio fez logo véla, e em poucos dias chegou a Inhabane, onde dos que ficaram doentes da companhia do capitão da náo Estevão da Veiga eram já mortos tres, e os mais convaleceram logo com os remedios que lhes foram no pangaio. E porque não era possivel passar ao rio do Espirito Santo, por ser o pangaio pequeno, partio Simão Lopes por terra com a roupa, contas e mais couzas, que tudo levou ás costas de cafres, e o pangaio se tornou para Çofalla com os doentes que alli achou.

## CAPITULO XLI

*Do que fizeram os perdidos que ficaram na ilha do Inhaca, e da muito piedosa morte de D. Paulo de Lima, e do que mais aconteceu a Estevão da Veiga.*

Havia quasi um mez que D. Paulo de Lima se tinha passado á outra banda do rio Lourenço Marques, sem haver quem quizesse levar a almadia aos que ficaram na ilha, por estarem todos fracos e enfermos, trabalhando D. Paulo nisso tudo o que pôde, até acabar com o mestre da náo e Jeronymo Leitão que mandassem áquelle negocio os homens que estivessem mais para isso; e todos elegeram tres, que á força de braço se passaram á ilha, onde acharam todos bem desconsolados e desesperados de poderem vir busca-los, e todavia alvoroçaram-se muito com a almadia e se fizeram prestes para se passar nella. E porque não era capaz de toda a gente, começou a haver entre todos grandes alvoroços, porque os que acertassem de ficar estavam arriscados a não tornarem por elles; mas os mesmos que trouxeram a almadia os seguraram com lhes prometterem e jurarem que não fariam mais que lançarem aquella gente na boca do rio e tornar a voltar, e para mór segurança sua se deixou um d'elles ficar em refens; com o que se aquietaram. E logo se embarcou Gregorio Botelho com sua filha D. Marianna, e D. Joanna de Mendoça, e outras oito ou dez pessoas, e atravessando a bahia no mesmo dia foram á outra parte, e lançando a gente na ponta da boca do rio do Inhaca, tornaram a voltar pelos outros.

Chegaram á ilha ao outro dia e recolheram todos

sem ficar nenhum, mais que os mortos que ficavam para sempre, e a todos os puzeram da outra parte; e achando ainda os da primeira barcada na boca do rio, se meteram todos na almadia, que ainda que pequena, não arriscavam nada, porque iam pelo rio acima, que era estreito e de longo da terra, e assim mal compostos e apinhoados chegaram á povoação, onde os foram receber os nossos da companhia de D. Paulo, e se festejaram em extremo, e El-Rei os mandou agazalhar pela povoação, ficando sempre D. Joanna de Mendoça em companhia de D. Marianna. Depois de descançarem se ajuntaram todos e trataram se seria bom passarem a Inhabane; e Jeronymo Leitão, que era mais pratico na terra, lhes disse que se não bolissem d'alli até vir pangaio, que seria em Outubro, porque elle já tinha escripto a Çofalla sobre isso, e que não era de parecer se arriscassem por terra, porque os cafres que d'alli por diante havia eram grandes ladrões, e sobremaneira crueis; que pois estavam alli em terra segura, onde lhes não haviam de faltar mantimentos, porque o Rei e seus vassallos os haviam de prover muito bem com o olho no pangaio que esperavam, por saberem que tudo se lhes havia de pagar muito bem, porque aquelles cafres não faziam nenhuma couza por virtude. Com o parecer d'este homem se determinaram todos em ficar; mas como a terra era doentia, por estar debaixo do Tropico, como já dissemos, começaram logo alguns a adoecer de febres malignas, de que morreram depressa os mais, em que entrou o mestre da náo, cujos corpos se enterraram na corrente do rio, pelos cafres não consentirem fazerem-no na sua terra.

D. Paulo de Lima parece que lhe advinhava o coração algum grande mal naquella parte, e muitas vezes pedio a Jeronymo Leitão o quizesse levar da-

quella aldêa e acompanhal-o e guial-o, fazendo-lhe seus offerecimentos e promessas com grande efficacia; mas como este homem era variavel, umas vezes dizia que sim, outras que não, pondo sempre por inconvenientes as difficuldades do caminho e riscos dos cafres; e neste sim, e neste não trouxe a D. Paulo muitos dias, sem determinar nem uma couza nem outra; de que elle veio a receber tamanho desgosto e dar em tanta melancolia que cahio em cama, ou para melhor dizer, no chão, que essa era a verdade, e como era de cincoenta e um annos, os remedios nenhuns, os colchões e lançoes mimosos a dura terra, sem consolação alguma, mais que a da alma, por ter á sua cabeceira o padre Fr. Nicolao, que muito devagar o confessou e consolou, quando foi ao setimo dia de sua cahida deu a alma a Deus Nosso Senhor a dois dias de Agosto, em que os frades de S. Francisco celebram a festa de Nossa Senhora da Porciuncula, em que tem Jubileo plenissimo, da qual festa este fidalgo era muito devoto, e segundo elle deu mostras de grande christão e de arrependido penitente, com um grande exemplo de paciencia, de presumir é que sua alma subiria a gozar d'aquella gloria que por este Jubileo se consegue na eterna Bemaventurança. Sua morte foi para todos a mór desconsolação que se podia imaginar, assim por verem um fidalgo de tantas partes e qualidades boas de que a natureza o dotou, fallecer no mór desamparo que se nunca vio, como por se vêr ficar sem um tamanho conselho como nelle tiveram todos em seus móres trabalhos; porque em pondo os olhos naquella sua autoridade, gravidade e notavel paciencia, todos se lhe moderavam e ficavam de menos pezo, e assim foi pranteado como se fôra pae de todos.

Deixemos os extremos que fez sua mulher D. Bea-

triz, que é melhor passar por elles por não movermos a tantas lagrimas os que lerem esta nossa narração; mas póde-se julgar quaes podiam ser os de uma mulher que perdia um tal marido, e mais naquelle tempo, em que ella tinha tanta necessidade d'elle para seu remedio e consolação, vendo-se ficar tão só e desamparada em parte onde só Deus Nosso Senhor a podia soccorrer. E V. M. Senhora D. Anna de Lima bem sei que ao lêr d'isto não vos hão de faltar piedosas lagrimas, derramadas com muita razão pela perda de um irmão tanto para amar, como sempre Senhora fizestes, e pelo desamparo em que acabou, no qual, Senhora, vos houvéreis por muito ditosa de vos poderdes achar á sua ilharga e dardes-lhe um pequeno alivio com lhe reclinardes a cabeça em vosso regaço, para ao menos elle morrer com alguma consolação, e vós não ficardes com tamanha mágoa; mas póde-vos, Senhora, consolar muito, ouvirdes aqui que nas mostras que deu á hora de sua morte de sua prudencia, valor e esforço, gloriarde-vos de tal irmão, e depois de vossos largos annos, vossos filhos, netos, e posteriores jactarem-se de taes proezas e cavallarias; porque em esta Historia com especialidade viverá eternamente, inda que não tão alevantado como elle merecia, ao menos será como pude, que bem desejei de ser muito melhor.

O Inhaca, senhor d'aquella terra teve logo avizo da sua morte, e com muita pressa mandou que o levassem fóra da povoação; com o que foi tirado dos braços da cara consorte, e quasi aos tombos foi levado fóra do povoado, e ao pé de duas arvores, que alli ao longo do rio estavam, lhe fizeram uma cova em que o deitaram, sem outra mortalha que a pobre e suja camisa e calções com que se salvou, e sem outras pompas funeraes que as lagrimas dos companhei-

ros, que foram muitas, e sem outras insignias e trofêos de todas suas victorias, senão os ramos secos de todas aquellas arvores, nem outras campas e pedras marmores que aquellas arêas que o cobriram, qual outro Pompêo nas praias do Egypto. Mas posto que aqui lhe faltassem, não terá dominio a fortuna nesta sua Historia, ainda que abreviada, de suas grandes victorias, que inda hoje entre os inimigos estão tão vivas, como se passaram hontem. E certo que com muita razão podemos dizer d'este insigne capitão o que Cesar disse de si: *Veni, vidi, vici;* porque nunca o mandaram que não fossé; nunca foi que não pelejasse; e nunca pelejou que não vencesse; e de todas estas victorias confio em Deus Nosso Senhor esteja no ceo descançando eternamente.

Sua mulher D. Beatriz ficou algum tempo na Cafraria e as outras que se salvaram, padecendo infinitas miserias e necessidades, e depois se foram para Moçambique, mandando D. Beatriz primeiro desenterrar os ossos de seu marido D. Paulo de Lima, os quaes levou comsigo metidos em um saco até Gôa, e lhe ordenou sepultura em S. Francisco d'esta cidade na capella pequena do Serafico Padre, que está entrando pela porta principal á mão direita, onde estão metidos na parede com uma lamina de cobre em que tem seu letreiro que diz assim: *Canatale, Dabul e Jor dirão que está aqui D. Paulo de Lima Pereira, a quem os trabalhos acabaram na Cafraria na era de 1589;* com as couzas principaes que fez. E não deixarei de louvar a esta senhora esta obra de trazer a ossada de seu marido pelo meio d'aquella Cafraria até as embarcar, que foi heroica e digna de se lhe agradecer. Por outra couza notavel não quero passar, que é que de toda esta gente d'esta não cuido que não ha hoje viva alguma, mais que estas tres mulheres,

D. Beatriz, D. Marianna, mulher de Guterre de Monroy, e D. Joanna de Mendoça, que está recolhida em uma casa em Nossa Senhora do Cabo, vestida no habito de S. Francisco, pessoa de muita virtude, e em quem toda esta cidade tem posto os olhos por seu muito exemplo, recolhimento e virtuoso procedimento.

E com isto dou fim a este breve Tratado, que permitta Deus seja para muito louvor e gloria sua.

FIM

# INDEX

PAG.

# OBRAS PUBLICADAS

| | | |
|---|---|---|
| I — | Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume........................ | 400 |
| II — | Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume.............. | 400 |
| III — | Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes........................ | 1$500 |
| IV — | O Infante D. Pedro, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes............ | $700 |
| V — | Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro) por *Fernão Lopes*, 1 volume......... | 400 |
| VI — | Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes........................ | 1$200 |
| VII — | Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes................................ | 2$800 |
| VIII — | Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. i, ii e iii (viii, ix e x). | 1$200 |
| IX — | Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume................................ | 400 |
| X — | Arte da Caça de Altenaria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.................... | $800 |
| XI — | Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes....................... | 1$200 |
| XII — | Chronica d'El-Rei D. Duarte, por *Ruy de Pina*, 1 volume.............................. | 400 |
| XIII — | Chronica d'El-Rei D. Affonso V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes.......................... | 1$200 |
| XIV — | Chronica d'El-rei D. João II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes........................ | 1$500 |
| XV — | Vida de D. Paulo de Lima Pereira, por *Diogo do Couto*, 1 volume........................ | 500 |

## EM PUBLICAÇÃO

Chronica d'El-Rei D. Sebastião, por *Fr. Bernardo da Cruz*

e

Cancioneiro Geral, por *Garcia de Resende*.